

UNESP UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciência e Tecnologia
Campus de Presidente Prudente - SP

VICTOR DE MOURA FERREIRA

PERSPECTIVA CRÍTICA NA IMPLEMENTAÇÃO DO BEACH TENNIS NA ESCOLA

PRESIDENTE PRUDENTE - SP
2024



VICTOR DE MOURA FERREIRA

PERSPECTIVA CRÍTICA NA IMPLEMENTAÇÃO DO BEACH TENNIS NA ESCOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Presidente Prudente, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Silva

PRESIDENTE PRUDENTE - SP
2024



F383p

Ferreira, Victor de Moura

Perspectiva crítica na implementação do beach tennis na escola / Victor de Moura Ferreira. -- Presidente Prudente, 2024
125 p. : tabs., fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

Orientador: José Ricardo Silva

1. Educação física escolar. 2. Beach Tennis. 3. Esporte. 4. Prática social. 5. Crítica. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Presidente Prudente

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: PERSPECTIVA CRÍTICA NA IMPLEMENTAÇÃO DO BEACH TENNIS NA ESCOLA

AUTOR: VICTOR DE MOURA FERREIRA

ORIENTADOR: JOSÉ RICARDO SILVA

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em Educação Física, área: Educação Física Escolar pela Comissão Examinadora:



Documento assinado digitalmente
JOSE RICARDO SILVA
Data: 26/04/2024 17:05:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. JOSÉ RICARDO SILVA (Participação Virtual)
Educação Física do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico / Instituto Federal de São Paulo - Presidente Epitácio

Prof. Dr. LUIZ ROGERIO ROMERO (Participação Virtual)
PROEF EM REDE NACIONAL / Unesp/FCT - Câmpus de Presidente Prudente



Documento assinado digitalmente
LUIZ ROGERIO ROMERO
Data: 26/04/2024 15:38:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. CARLOS AUGUSTO DE CARVALHO FILHO (Participação Virtual)
COORDENADOR DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA EAD / UNOESTE

Presidente Prudente, 26 de abril de 2024



Documento assinado digitalmente
CARLOS AUGUSTO DE CARVALHO FILHO
Data: 26/04/2024 16:22:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente -
Roberto Simonsen, 305, 19060900, Presidente Prudente - São Paulo
<http://www.fct.unesp.br/pos-graduacao/-educacao-fisica/CNPJ: 48.031.918/0009-81>



Dedico este trabalho aos meus pais Cícero (*in memoriam*) e Neucilene que sempre estiveram presentes em tudo. Aos meus queridos irmãos Wisley e Vislaine que são inspirações na minha vida. A minha esposa Patrícia que sob o vínculo do amor me mantém com forças suficientes para continuar. Aos meus filhos Bernardo e Benício que são graça, dádiva de Deus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por permitir chegar e estar aqui pelo dom da vida que me inspira a cada dia para um propósito grandioso. De tentativas e reprovações Ele escolheu o momento, lugar, forma e pessoas certas para que esse sonho se realizasse.

A minha família que é meu porto seguro onde em dias sombrios me acolhe e de braços abertos me fortalece.

A minha esposa Patrícia que viu de perto minhas preocupações, incertezas, angústias e frustrações, assim também celebrou vitórias e bênçãos alcançadas.

Aos meus amigos do mestrado, da Unesp, das escolas, da vida: Alex, Jorge, Aline, Gislaine, Paula, Natalha, Wesley, André, Febem, Reginaldo, Malabi, Nei. Vocês são feras!

Ao meu orientador prof. Dr. Jose Ricardo da Silva que com uma inteligência e paciência invejável me “ensinou a escrever”. Tinha que ser você Zé. Você é o cara!

A comunidade da Unesp muito bem representada pelos professores Luiz Rogerio Romero e Denise Ivana de Paula Albuquerque Coordenadora Nacional do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física (ProEF).

*“- Deixe-me vender-lhe uma vírgula.
- Uma vírgula? – perguntou, espantado.
- Sim. Uma vírgula, para que você escreva os
capítulos mais importantes de sua vida
quando o mundo desabar sobre sua cabeça.”*

(CURY, A., 2016, p. 318)

FERREIRA, Victor M. **Perspectiva crítica na implementação do Beach Tennis na escola.** Orientador: José Ricardo Silva. Ano de depósito. Número de volumes ou folhas. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2024.

RESUMO

É crescente o interesse pelo Beach Tennis ou “Tênis de praia” no país e esta modalidade alcançou inúmeras cidades do interior do Estado de São Paulo, sendo na sua magnitude em espaços particulares. Neste trabalho enxerga-se o Beach Tennis como possibilidade pedagógica na escola pública. Classificado como Esporte de Rede, com intuito de reforçar seu uso nos planejamentos de aulas sob a perspectiva crítica, o Beach Tennis enquanto fenômeno humano deve favorecer o questionamento e a interpretação crítica das condições sociais. Neste sentido a aula de Educação Física tem a intenção pedagógica de apresentar os códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica, de maneira tematizada, organizada e “desmitificada” assegurando aos alunos, seus direitos, através da oferta na escola. A partir do pensamento crítico marcado por autores do chamado Movimento Renovador procurou-se discutir sua implementação para uma turma do quinto ano de uma escola pública no sentido de ampliar sua cultura corporal. Diante desse desafio intervém-se com as Atividades Orientadoras de Ensino (AOE) para instrumentalizar o trabalho educativo, através de problemas desencadeadores, conscientização e ações corporais a fim de que, professor e alunos possam compreender a realidade de forma elaborada. Preconizada na Pedagogia Histórico-Crítica a sequência didática de 8 aulas se estrutura na construção do conhecimento baseada na prática social. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva e participativa fazendo o uso de instrumentos como: observação participante, diário de campo, registros fílmicos e imagéticos. Ao acompanhar e avaliar esse processo de apropriação dos estudantes, do ponto de vista conceitual, procedimental e atitudinal constatou que a prática social que apoia e estrutura esse trabalho foi significativa para o desenvolvimento de uma consciência mais elaborada dos alunos. Concluiu-se que os alunos assumiram posturas e reflexões sobre o tempo e espaço do Beach Tennis que vão na contramão dos sentidos de rendimento e mercadológico que está posto na sociedade.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Beach Tennis. Esporte. Prática social.



FERREIRA, Victor M. **Perspectiva crítica na implementação do Beach Tennis na escola.** Orientador: José Ricardo Silva. Ano de depósito. Número de volumes ou folhas. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2024.

ABSTRACT

There is a growing interest in Beach Tennis or “Tênis de praia” in the country and this sport has reached numerous cities in the interior of the State of São Paulo, being in its magnitude in private spaces. In this work, Beach Tennis is seen as a pedagogical possibility in public schools. Classified as a Net Sport, with the aim of reinforcing its use in lesson planning from a critical perspective, Beach Tennis as a human phenomenon should encourage questioning and critical interpretation of social conditions. In this sense, the Physical Education class has the pedagogical intention of presenting the codes, senses and meanings of the society that creates and practices it, in a themed, organized and “demythologized” way, ensuring students their rights, through the offer at school. Based on the critical thinking marked by authors of the so-called Renewal Movement, we sought to discuss its implementation for a fifth-year class at a public school to expand their body culture. Faced with this challenge, we intervene with Teaching Guiding Activities (AOE) to instrumentalize educational work, through triggering problems, raise awareness and bodily actions so that teachers and students can understand reality in an elaborate way. Sustained in Historical-Critical Pedagogy, the didactic sequence of 8 classes is structured in the construction of knowledge based on social practice. This is a qualitative descriptive and participatory research using instruments such as: participant observation, field diary, film and image recordings. When monitoring and evaluating this process of appropriation by students, from a conceptual, procedural and attitudinal point of view, it was found that the social practice that supports and structures this work was significant for the development of a more elaborate awareness of students. It was concluded that the students assumed positions and reflections on the time and space of Beach Tennis that go against the direction of income and marketing that is placed in society.

Keywords: School Physical Education. Beach Tennis. Sport. Social Practice



LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa: Localização de Presidente Prudente no Estado de SP	61
Figura 2 – Aluna realizando o gesto do vôlei na dinâmica “Imagem e ação”	68
Figura 3 – Elaboração do quadro comparativo “Jeu de Paume” e Beach Tennis	76
Figura 4 – Raquetes e bolas adaptadas	80
Figura 5 – Minijogos utilizando raquetes	80
Figura 6 – Miniquadras formas com cones a partir da quadra de vôlei	81
Figura 7 – Berlinda	82
Figura 8 – Beach Tennis sentado	83
Figura 9 – Discussão para criar um jogo	87
Figura 10 – Produção textual coletiva	88
Figura 11 – Explicação pelos alunos do jogo criado e registro da atividade	91
Figura 12 – Golpes de ataque e defesa	93
Figura 13 – Mural intenções e ações	96

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Conteúdos e a organização dos blocos temáticos	34
Quadro 2 – Categorias dos esportes BNCC	37
Quadro 3 – Esportes – Diário de campo	66
Quadro 4 – Beach Tennis – Diário de campo	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EF	Educação Física
BT	Beach Tennis
CBT	Confederação Brasileira de Tênis
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
EJA	Educação de Jovens e Adultos
PPP	Projeto Político Pedagógico
AOE	Atividades Orientadoras de Ensino
SEDUC	Secretaria Municipal de Educação



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Objetivo geral	16
1.2 Objetivo específico	16
2 CONTEXTO HISTÓRICO	17
2.1 Percurso histórico da Educação Física no Brasil	17
2.2 Educação Física Escolar e as Abordagens pedagógicas	24
3 PERSPECTIVA CRÍTICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	40
3.1 Escola: Lugar de uma Educação Física Crítica	40
3.2 Educação, Currículo e Práxis Pedagógica	45
3.3 Atividade Orientadora de Ensino (AOE) como possibilidade para o ensino do Beach Tennis	51
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
6 REFERÊNCIA	103
ANEXOS	107
Anexo A - Termo de Assentimento e Consentimento Livre e Esclarecido	107
Anexo B – Autorização para pesquisa	109
Anexo C - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética	110
APÊNDICES	111
APÊNDICE A - Diário de campo	111
APÊNDICE B – Diagrama Percurso Histórico da Educação Física no Brasil	125
APÊNDICE C - Produto Educacional	126

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física é uma prática pedagógica que, no universo escolar, tematiza diversas formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal (SOARES et al, 1992). O esporte como um destes elementos, por alguns momentos da história, percorreu de maneira hegemônica como conteúdo nas escolas, muitas vezes restritos as quatro modalidades: futsal, voleibol, basquete e handebol (DARIDO e RANGEL, 2005).

Essa manifestação do esporte no sistema educacional se estruturou em princípios tais como: rendimento, competição, regras rígidas, seletividade e técnicas. O papel do professor se apresentava bastante centralizador devido a um modelo de prática que tinha a repetição mecânica dos movimentos esportivos em suas aulas (DARIDO e RANGEL, 2005).

Esse modelo passou a orientar a prática pedagógica em EF presente desde seu nascimento percorrendo toda a implementação no Brasil, no Brasil dos militares até o Brasil dos desportos. A orientação no âmbito da EF de caráter pedagógico, voltado para uma prática educativa sobre o corpo, de certa forma, marca o início de uma EF baseada no conhecimento científico denunciando seu emprego no sentido biológico de corpo até o ponto de fazer da crítica do papel da educação na sociedade capitalista uma categoria central (BRACHT, 1999).

Fundamentamos esse trabalho nesta perspectiva crítica. O movimento humano como objeto da EF é entendido como um fenômeno histórico-cultural, sustentado pelas abordagens críticas e progressistas, “[...] assim, conscientes ou dotados de consciência crítica, os sujeitos poderão agir autônoma e criticamente na esfera da cultura corporal ou de movimento agindo de forma transformadora como cidadãos políticos” (BRACHT, 1999, p. 81).

Recorrendo a Soares et al (1992) o esporte enquanto fenômeno humano deve favorecer o questionamento e a interpretação crítica das condições sociais. Logo, a Educação Física tem a finalidade pedagógica de apresentar os códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica, a fim de "desmitificá-lo" assegurando aos alunos, seus direitos, através da oferta na escola. Assim, propor o Beach Tennis (BT) sob a perspectiva crítica nas escolas públicas pela Educação Física, é tratar de um fenômeno social transformador atribuído à cultura corporal.

A palavra Beach Tennis significa “Tênis de Praia”. Logo, existem algumas semelhanças entre o Beach Tennis e o Tênis convencional, ou seja, o Tenis de Campo: os dois são jogados com raquetes, as bolinhas são parecidas, a contagem de pontos é igual e há alguns golpes que se parecem bastante, mas é importante destacar que cada esporte tem as suas particularidades e exigem conjunto diferentes de habilidades.

O BT é uma modalidade esportiva individual ou em dupla com características de rebater num espaço de quadra de areia dividida por rede, no entanto, uma opção quase que rara no âmbito escolar público, provavelmente por ser uma modalidade considerada nova surgida em 1987 na Itália, mais precisamente na província de Ravenna, chegando ao Brasil somente em 2008 (CBT, 2023).

Apesar da categoria Esporte de Rede (BNCC, 2017) e, especificamente aquelas modalidades como o BT que utilizam raquetes, fazerem parte do currículo das escolas públicas, observa-se uma dificuldade, não somente no processo de ensino e aprendizagem desses esportes, mas também ao inseri-los efetivamente aos planos de aulas de Educação Física (KRÜGER, 2013 *apud* GINCIENE et al, 2017)

Ginciene *et al.* (2017) observa alguns entraves sobre essa categoria que dificultam a efetivação nos espaços escolares como a falta de materiais e a pouca vivência da maioria dos professores nessas modalidades. Para a autora o rigor técnico que muitas vezes é visto durante jogos com altos níveis de dificuldade, acaba reforçando a ideia de que esses esportes são “impossíveis” de proporem na escola, sobretudo diante da precariedade de materiais.

Apoiado nos desafios das propostas críticas em legitimar a EF no campo pedagógico intervimos através das Atividades Orientadoras de Ensino (AOE) como orientação teórico-metodológica no intuito de instrumentalizar o trabalho educativo no ensino e aprendizagem do Beach Tennis. Ao lidar desta forma, das condições criadas em virtude do problema desencadeador à situação desencadeadora de aprendizagem, temos o Beach Tennis como representativo das atividades humanas, sejam as relações sociais através das ações corporais ou a prática social no próprio objeto de ensino da cultura corporal (NASCIMENTO, 2014).

Percorrendo esse caminho do conhecimento empírico ao científico, apresentamos neste trabalho uma sequência didática com 8 (oito) aulas para aplicar essa proposta teórico-metodológica, operacionalizada através das fases: prática

social, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final. Desta forma entende-se que a atividade pedagógica estabelecida, como preconiza a Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 1999), dá-se a partir da prática, passando à teoria e retornando à prática.

Objetivo geral

Discutir sob a perspectiva crítica o Beach Tennis como conteúdo da Educação Física a estudantes do quinto ano do ensino fundamental ampliando sua cultura corporal.

Objetivo Específico

- Planejar e propor aulas de BT a partir da Atividades Orientadoras de Ensino (AOE)
- Acompanhar e avaliar o processo de apropriação dos estudantes em relação ao BT;
- Refletir sobre como se manifesta o BT no universo da escola pública garantindo sua prática social;
- Apresentar produto educacional 'Sequência didática de BT na Educação Física escolar'.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

Este capítulo tem como objetivo organizar e facilitar o entendimento no que diz respeito ao surgimento e instauração da Educação Física no cenário educativo brasileiro. Enviesado em concepções contrárias a formação crítica dos conhecimentos pertencentes a cultura do movimento, a Educação Física busca uma luta diária de rompimento com a hegemonia tradicional, utilizando a experimentação, a reflexão sobre as diversas práticas corporais potencializando os alunos diante dos enfrentamentos e desafios do mundo contemporâneo em busca de uma formação cidadã. Assim sendo, apresentamos um breve resumo do percurso histórico de sua legitimação no Brasil.

2.1– Percurso histórico da Educação Física no Brasil

No século XIX, em 1808 quando da chegada de D. João VI e da família real na colônia, criou-se as primeiras instituições públicas, a saber, Biblioteca Nacional, a Escola de Medicina, a Academia Real Militar dentre outras. Cada vez mais, médicos e sanitarista interpretavam que o grande mal da população daquele momento estava relacionado a falta de higiene e a sujeira. O crescente aumento na formação de novos profissionais na área da saúde promoveu constantes discussões sobre o tema. Este movimento promoveu a conscientização da população quanto: ao aumento de epidemias e moléstias, crescimento populacional desordenado, falta de saneamento básico e condições de insalubridade (CASTELLANI, 2010).

Lino Castellani, em seus relatos investigativos, chamou-se esse movimento de *higienismo* haja vista que identificou a ocorrência de padrões sociais e de comportamento em nome da saúde coletiva. Para o pesquisador e historiador, os médicos da época

[...] imbuíram-se da tarefa de ditar à sociedade, através da instituição familiar, os fundamentos próprios ao processo de reorganização daquela célula social. Ao assim procederem, ao tempo em que denunciavam os malefícios da estrutura familiar do período colonial, autoproclamavam-se a mais competente das categorias profissionais para redefinir os padrões de conduta física, moral e intelectual da "nova" família brasileira (CASTELLANI, 2010, p. 30).

O médico se torna uma figura indispensável para ditar o controle ao corpo social e a manutenção da saúde coletiva. Muito mais que terapeuta ele estabelece neste período ares de autoridade política, econômica e social através de suas observações, correções e encaminhamentos.

Conforme aponta Castellani (2010), a partir da terceira década do século XIX as famílias começaram a ser mais diretamente definidas como incapazes de proteger a vida de crianças e adultos devido ao alto índice de mortalidade principalmente infantil. Médicos se incumbiam de estimular novos hábitos sobre todas as condições que pudessem afetar, de alguma forma, a saúde, ou seja, todas as atividades nos mais diversos locais: trabalho, escola, moradia, asseio corporal, moralidade.

Nesta perspectiva, com a ampliação da demanda, médicos higienistas de todo o país começam a enxergar na Educação Física um alívio para seus problemas, “[...] definindo-lhe um papel de substancial importância, qual seja, o de criar o corpo saudável, robusto e harmonioso organicamente” (CASTELLANI, 2010, p. 33). O cuidado com o corpo entendido tão somente do ponto de vista biológico se impregna no crescimento da Educação Física (EF). O bem-estar físico, a aptidão física e uma sociedade saudável passava pela EF, e neste período por um modelo de corpo esculpido e disciplinado. Neste sentido reforça Soares *et al* (1992, p. 35)

[...] práticas pedagógicas como a Educação Física foram pensadas e postas em ação, uma vez que correspondiam aos interesses da classe social hegemônica naquele período histórico, ou seja, a classe social que dirige política, intelectual e moralmente a nova sociedade.

Vale lembrar que mesmo a EF alinhada a proposta biológica de sociedade saudável, neste período colonial que passava o Brasil, era ainda estigmatizada por se tratar de um trabalho manual e físico (remetia-se aos escravos), desvalorizado do ponto de vista intelectual pela classe dominante.

Impulsionados pela visão higienista educadores passaram a defender a introdução da ginástica nos colégios. Mesmo com a Reforma Couto Ferraz em 1851 que tinha como objetivo melhorar e ampliar o ensino nas escolas dos municípios da Corte e conseqüentemente repercutisse em todo território, para a Educação Física houve grande objeção por parte das famílias da elite que tinha seus filhos matriculados nas escolas em tê-los envolvidos nas atividades que não tinham

caráter intelectual. Essa repulsa ainda era maior quando essa prática se estendia ao sexo feminino sendo que seus pais chegavam a proibir suas filhas de frequentar e participar desse tipo de aula (CASTELLANI, 2010).

Em 1882, no parecer intitulado “Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da instrução pública”, o médico baiano Rui Barbosa apresentou publicamente a importância, a necessidade e a obrigatoriedade da Educação Física assim como a extensão desta prática às mulheres diante de um cenário desastroso em relação as taxas de acesso e a situação do ensino brasileiro. Denominado como mundo civilizado para Rui Barbosa, as nações modernas, tinham já como a Educação Física obrigatória para ambos os sexos e no Brasil não seria diferente. Somado a esse pensamento, baseados em métodos europeus, nomes da ginástica como Adolfo Spiess, Napoléon Laisné, Pehr Henrick Ling e Eugène Paz, assim defendiam, porém com as devidas distinções: - para o sexo feminino com caráter suave, com música e canto; - para o sexo masculino uma ginástica ligada aos exercícios militares (CAVALCANTE, F. R *et al*, 2020).

Conflitos de guerras e uma tensão política em escala mundial fomentava ainda mais essa preocupação por exercícios de formação militar e assim o Brasil como diversos países enxergavam nas escolas um espaço legítimo para o ensino desses exercícios preparando cada vez mais cedo soldados para seus exércitos. Temos na instituição militar uma extensão ideológica do período higienista de como se enxergava a Educação Física, ou seja, reforça nesse sentido, “[...] um projeto de homem disciplinado, obediente, submisso, profundo respeitador da hierarquia social” (SOARES *et al*, 1992, p. 36), a criança, o jovem, o adulto disciplinado facilmente obedece em conformidade com o que se preconiza, conseqüentemente, se distancia da crítica e dos questionamentos. Para os interesses militares de uma sociedade moralmente controlada, tem na “disciplina” proposta pela Educação Física um componente forte e duradouro para um despertar patriota: servidor e defensor. A Educação Física permanece com a função de cumprir a formação de indivíduos fortes e saudáveis, mas somado a isso, a de soldados aptos para a luta e combate, e prontos para a guerra.

Como explica Ghiraldelli (1988, p. 37) “Não podemos ignorar que os primeiros esforços do Brasil republicano no sentido de formar profissionais na área da Educação Física partiram de instituições militares”. De certo que em 1893, sob diretrizes norte-americanas é fundada a Associação Cristã de Moços (ACM)

na cidade do Rio de Janeiro, contribuindo significativamente para a explanação do Esporte Moderno. Porém, como esclarece Soares *et al* (1992), somente em 1933 é criada a primeira instituição prioritariamente voltada para a formação de professores de Educação Física intitulada como Escola de Educação Física do Exército.

As aulas de Educação Física nas escolas eram ministradas por instrutores físicos do exército, que traziam para essas instituições os rígidos métodos militares da disciplina e da hierarquia. Esse fato é a base da construção da identidade pedagógica da Educação Física escolar, calcada nas normas e valores próprios da instituição militar (SOARES *et al*, 1992, p. 36).

Diante desse cenário era indispensável a formação do indivíduo em prol de uma plena aptidão física, começa a ser vista como importante instrumento de aprimoramento físico que fortalecidos e dotados de saúde levaria a uma nação mais próspera e poderosa.

Como afirma Ghiraldelli (1988) a EF voltada para as práticas higienistas, preocupada com a saúde uma vez que livra os indivíduos de diversas doenças daquele período, perde espaço para a Educação Física Militarista que não mais entende o conceito de saúde como inerente ao indivíduo ou ao público, mas sim a um conceito de “saúde da pátria”. Esse conceito não é baseado na sua capacidade de progresso, cultura, formação moral, conquista da ciência, nem no impulso idealista de seu povo, mas sim como essa nação mantém o que possui, como é capaz de guerrear, sua força.

Percorria-se, então, pelas décadas de 30 e 40, na chamada Segunda República ou Era Vargas, onde tornou-se obrigatório nas escolas os exercícios de EF para o *ensino secundário*. Constatava através dos documentos promulgados, como a Constituição de 1937, a dúbia utilidade da Educação Física, primeiro o de voltar-se para o atendimento dos princípios da Segurança Nacional, e o segundo da intenção do cumprimento dos seus deveres para com a economia, visando assegurar ao processo de industrialização implantado no país, mão de obra fisicamente adestrada e capacitada

Artigo 131 - A Educação Física, o ensino cívico e os trabalhos manuais serão obrigatórios em todas as escolas **primárias, normais e secundárias**, não podendo nenhuma escola de qualquer desses graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça àquela exigência.

Artigo 132 - O Estado fundará instituições ou dará o seu auxílio e proteção às fundadas por associações civis, tendo umas e outras por fim organizar, para a juventude, períodos de trabalho anual nos campos e oficinas, assim

como promover-lhes a disciplina moral e o adestramento físico, de maneira a prepará-la ao **cumprimento dos seus deveres para com a economia** e a **defesa da nação** (BRASIL, 1937 *apud* CASTELLANI, 2010, p. 62, grifo nosso)

Propagando e fortalecendo essa concepção as aulas de Educação Física eram tidas como atividade exclusivamente prática. Seu conteúdo era baseado nos Métodos Ginásticos, com movimentos livres e sem aparelhos, com destaque ao Método Alemão fundado por Guts Muths e também ao Francês. Este modelo de aula fora estendido a toda rede de ensino a partir de 1931, em que pouco se diferenciava da instrução física militar, sobretudo, pelo fato desses profissionais de EF atuantes nas escolas, serem instrutores formados pelas instituições militares. O ensino da Educação Física nas escolas objetivava melhorar a condição física da população (GHIRALDELLI, 1988).

Ainda longe de ser tratada como uma área de conhecimento, um componente curricular, a Educação Física escolar se mantinha distante de uma identidade pedagógica. Somente no final da década de 30 foi criada a primeira escola civil a nível nacional de formação de professores de Educação Física, a chamada Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD). O projeto de lei desta criação se dava pela Secretaria Geral do Conselho Segurança Nacional o que gerou olhares duvidosos sobre a iniciativa (BENITES et al, 2008)

Com o fim do Estado Novo (1937-1945) e a atenção do mundo voltado para a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) a Educação Física se consolida em seu caráter militarista, porém não por muito tempo. Ela começa se modificar e sofrer fortes influências em função do modelo capitalista de economia no sentido de produzir mão-de-obra, como comenta Castellani (2010, p. 64) o Brasil passava por um “[...] processo de transição em que definia a passagem de uma ordem social essencialmente rural para uma ordem urbana, na qual o setor industrial passaria a ser o elemento dinâmico da economia”. Acreditava-se que a aceleração da urbanização, a importância da retomada da democracia, e a industrialização contribuíram para que o tema da educação nacional e de sua reforma se tornasse central em nosso país. O objetivo era acelerar o progresso, mas assegurar a continuidade socioeconômica.

A década de 50 até início da década de 60, houve um grande esforço de tornar a Educação Física disciplina comum aos currículos escolares. Diante disso

começa-se a propagar no Brasil uma EF com fins educacionais ou pedagógicos, a chamada *Educação Física Pedagogista* que é, pois,

[...] a concepção que vai reclamar da sociedade a necessidade de encarar a educação física não somente como uma prática capaz de promover saúde ou de disciplinar a juventude, mas de encarar a educação física como uma prática eminentemente educativa (GHIRALDELLI, 1991, p.19).

Acredita-se que através da educação do movimento seja a única forma capaz e eficaz de uma educação integral. Essa direcionada para os jovens que se encontram nas escolas, diante de conteúdos como ginástica, dança e o desporto. Em outras palavras esses eram os instrumentos mais efetivo para alçar a juventude as regras e ao convívio democrático, sendo assim necessário para novas gerações altruístas e adoradores das riquezas nacionais.

Nesse período, segundo Soares (1992) alguns métodos de ensino se desenvolveram nas escolas do Brasil como o Método Natural Austríaco criado por Gaulhofer e Streichere que eram movimentos baseados em exercícios formativos, posturais e globais, sempre subordinados a performance. Outro método que começou a se propagar e merece importante destaque, foi o chamado Método Desportivo Generalizado, introduzido pelo francês Auguste Listello. Esse método tinha como objetivo o desenvolvimento integral dos alunos, corpo e mente, através de formas de trabalho coletivas, jogos lúdicos e acima de tudo atividades desportivas,

[...] predomina nesse último a influência do esporte que, no período do pós-guerra, apresenta um grande desenvolvimento, afirmando-se paulatinamente em todos os países sob a influência da cultura europeia como elemento predominante da cultura corporal (SOARES, 1992, p. 37).

A partir daí, a influência do esporte sobre a educação tem um grande crescimento, e o binômio *Educação Física/Esporte* ganha força. Os anos que passamos a percorrer são marcados pela grande presença dos jogos desportivos e do esporte propriamente dito nas correntes pedagógicas, muitas advindas das influências francesas. Podemos destacar que neste período a Educação Física era entendida como sinônimo de esporte e isso no sistema educacional foi fortemente emplacado. Aliado a essa influência, o sucesso da seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1958 e 1962, fez com que a Educação Física escolar fosse cada vez mais associada ao esporte, sobretudo ao futebol.

O esporte que se tinha fora da escola era apresentado, reforçado e copiado com seus devidos códigos/sentidos como: competitividade demasiada, rendimento atlético, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas, regulamentação rígida entre outros (SOARES, 1992). O problema não se encontrava no esporte em si, mas na maneira de transmissão/reprodução que ele vinha sendo ensinado nas escolas, dispensando o devido tratamento pedagógico (condição de análise crítica do fenômeno esportivo, situando e relacionando com o contexto sócio-econômico-político e cultural), nutrido pelo viés político e ideológico (Era Vargas e a Era da ditadura militar) e mantendo sua estrutura intocável. Sobre esta questão, Bracht (2000, p. 15) comenta que

A EF ao fazer do esporte de rendimento seu objeto de ensino e mesmo abrindo o espaço escolar para o desenvolvimento desta forma de realizar o esporte, acabava por fomentar um tipo de educação que colaborava para que os indivíduos introjetassem valores, normas de comportamento conforme e não questionadores do sistema societal.

Conteúdos exclusivamente de ordem prática e muitas vezes excludente, onde os alunos menos aptos, com baixo nível de habilidade motora ou desempenho atlético, acabavam sofrendo alguma forma de discriminação diante de suas limitações e dificuldades. Rabiscos de uma Educação Física que iria se perpetuar por longos anos, dificultando sua legitimidade começa a ganhar “corpo”, ou seja, uma Educação Física voltada para a dimensão biofisiológica, valorizando a aptidão física e a performance esportiva.

Não há que se negar que o esporte fosse legitimado por toda sociedade e assim esse conteúdo era legitimado no sistema de ensino. Ensinar o esporte na escola para os olhos da sociedade era garantia de formação e sucesso. Porém, seguindo esse raciocínio, antagonicamente, a Educação Física somente teria sua “legitimidade” sob a tutela do esporte como elemento da cultura subordinada aos códigos/sentidos acima citados, reproduzindo as sociedades tidas como modernas.

As mudanças políticas e econômicas da época proporcionaram novos encaminhamentos à EF. Ao longo das próximas décadas, pesquisadores entusiasmados com novas perspectivas cunham diferentes abordagens que marcam a história da área. Na mesma direção, avanços e publicações de políticas públicas legitimam a Educação Física enquanto componente curricular e criam diretrizes e subsídios para o trabalho do professor.

2.2– Educação Física Escolar e as Abordagens pedagógicas

Alguns documentos regulamentadores começam a mencionar com mais notoriedade a efetiva inclusão da prática da Educação Física nas escolas. Por esses anos, a Educação Física era contemplada nas linhas da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, onde destaca a seguinte redação em seu artigo 22: “Será obrigatória à prática da Educação Física nos cursos primário e médio até a idade de 18 anos” (BRASIL, 1961). Essa época se destaca o período da *Ditadura Militar* de 64 (1964-1985). Havia no Brasil um contexto de censura à imprensa, desgaste e fragilidade econômica, restrição aos direitos políticos e perseguição aos opositores do regime. Exigia novas adequações ao âmbito educacional e enfatizava a educação como instrumento de formação para o mercado de trabalho, evidenciando assim a forte corrente capitalista vigente na sociedade brasileira e suas influências nas políticas educacionais deste período histórico (GHIRALDELLI, 1991).

A partir do Decreto Lei nº 58130/66, essa obrigatoriedade da “LDB de 61” apresentou alguns detalhes do ensino da disciplina:

Art 1º A Educação Física, prática educativa tornada obrigatória pelo art. 22 da Lei de Diretrizes e Bases, para os alunos dos cursos primários e médio até a idade de 18 anos, tem por objetivo aproveitar e dirigir as forças do indivíduo - físicas, morais, intelectuais e sociais - de maneira a utilizá-las na sua totalidade, e neutralizar, na medida do possível, as condições negativas do educando e do meio (BRASIL, 1966).

Ideários militares deste tipo de publicação são interiorizados pela escola via o desporto sinalizando forte influência de âmbito político na década de 1970. O Brasil tem na Educação Física escolar diretrizes pautadas no nacionalismo, na integração entre estados e na segurança nacional. Um bom exemplo desta estreita relação entre esporte e nacionalismo é o que se apresentou na campanha da seleção brasileira de futebol da Copa do Mundo de 70. Soares (1992, p. 37) aponta sobre isso

Outras determinações do esporte podem ser observadas nos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade, os quais serviram para o reordenamento da Educação Física escolar. Esses princípios são advogados também no âmbito da pedagogia tecnicista muito difundida no Brasil na década de 70. Os pressupostos dessa pedagogia advêm da concepção de neutralidade científica e reforçam os princípios mencionados

no âmbito mais geral do processo de trabalho escolar, fazendo-o objetivo e racional.

A ideia central era que o aluno que se encontrava desgastado pelo cansaço físico do esporte não acharia margem para falar do atual governo e nem questionar a política. Era exigido tudo na realização de performance esportiva. A partir daí prevalece massivamente nas escolas a chamada *Educação Física tecnicista*, de forma puramente técnica baseada em reproduções de padrões de movimentos para uma ação mais perfeita possível, de maneira bastante racional, correta e econômica. O esporte, conteúdo legitimador da Educação Física, era ensinado em razão de sua biomecânica, fisiologia e rendimento. O professor como técnico é o centro do processo, ele seleciona e desenvolve o conteúdo assim como o método, garantindo a suposta eficiência e eficácia do que foi ensinado.

Em consonância com o Decreto 69.450/71, Educação Física escolar, através de seus “meios, processos e técnicas”, tinha o intuito de despertar e desenvolver a aptidão física dos alunos e de iniciá-los na prática esportiva. Em suma a teoria da Educação Física neste momento era proveniente do conhecimento biológico.

Diante disso a Educação Física, tendo priorizado tradicionalmente a eficiência dos movimentos ela acaba por distanciar crianças e adolescentes das dimensões estéticas, simbólicas e subjetivas. O corpo como máquina biológica submetido somente a intervenção técnica, se vê fragilizado quanto a criatividade, ludicidade e a expressão de cultura.

No final da década de 70 e início dos anos 80, como sinaliza Ghiraldelli (1991) e reforça Darido (2003) novos rumos foram dados a Educação Física no Brasil. Houve um aumento de profissionais com intuito de discutir e propor alternativas para a área e conseqüentemente uma abertura maior para a produção científica (pesquisas e publicações) e ao conhecimento literário como por exemplo: Revista Corpo e Movimento, da Associação dos Professores de Educação Física de São Paulo, e também a Sprint, do Rio de Janeiro.

A discussão do objeto de estudo da Educação Física, a abertura de programas de mestrado na área, a volta de inúmeros profissionais titulados nos principais centros de pesquisa do mundo, a confirmação da vocação da Educação Física para ser ciência da motricidade humana, adicionados a um novo panorama político-social resultante da abertura, contribuem para que seja rompida, ao menos no nível do discurso, a valorização excessiva do desempenho como objetivo único na escola (DARIDO, 2003, p. 3).

Começam a surgir novas propostas pedagógicas com o intuito de reavaliar ou superar os modelos biologicistas e mecanicistas. Dá origem aí ao *Movimento Renovador da Educação Física*

Os movimentos renovadores da educação física do qual faz parte o movimento dito "humanista" na pedagogia, se caracterizam pela presença de princípios filosóficos em torno do ser humano, sua identidade, valor, tendo como fundamento os limites e interesses do homem (SOARES *et al*, 1992, p.38).

Entre os objetivos deste movimento estava em propor teorias críticas ao modo de pensar e propor a Educação Física. Não há como negar que era unânime por esses autores a busca em garantir à Educação Física Escolar a posição de “disciplina escolar” ou componente curricular, em oposição à condição de “mera atividade”, descrita no Decreto nº 69.450, de 1971 (BRACHT e GONZÁLEZ, 2005).

Diante dessas considerações e balizados pelas contribuições de Darido (2003), podemos destacar alguns desdobramentos deste Movimento Renovador com algumas propostas de Abordagens Pedagógicas ¹, são elas: a Desenvolvimentista, a Psicomotricidade, a Construtivista, a Crítico-Superadora e a Crítico-Emancipatória.

A Abordagem *Desenvolvimentista*, tem como principal autor o professor Go Tani com a obra fundadora intitulada “Educação Física Escolar: Fundamentos de uma Abordagem Desenvolvimentista” (Tani *et al*, 1988); como também D. Gallahue e J. Connolly. A ideia norteadora desta abordagem é a aprendizagem do movimento. A Educação Física deve privilegiar a aprendizagem do movimento, embora possa haver outras formas de aprendizagens oriundas da prática das habilidades motoras. A proposta metodológica desta abordagem visa oferecer ao aluno, desafios e condições adequadas ao nível de crescimento, para que seu comportamento motor seja estimulado e aprendido sob o ponto de vista do aumento da diversificação assim como a complexidade dos movimentos. O movimento é o principal meio e fim da Educação Física, estando distante de resolver todos os problemas sociais do

¹ Cinco principais abordagens entre as mencionadas pela autora (DARIDO, 2003) com papel relevante na construção do pensamento pedagógico nacional sob os critérios da fundamentação teórica e organização pedagógica.

país fazendo assim não se ater a discursos genéricos que não demonstram a realidade.

A Abordagem *Psicomotricidade* traz um importante marco para a Educação Física a partir da década de 70. Os olhos dos profissionais da área começam a se direcionar para além da compreensão biológica e de rendimento, passando a valorizar o conhecimento do corpo na dimensão psicológica, e consequentemente na formação integral. Em contraposição ao modelo esportivista, a psicomotricidade sugere a Educação Física que o desenvolvimento da criança está intimamente ligado com o ato de aprender e com processos cognitivos e psicomotores (SOARES, 1992).

Através das obras e publicações do francês Le Bouch, para a Educação Física e ramificadas em outros campos de estudos, autores como Jean Piaget, P. Vayer, H.Wallon e Winnicott contribuíram na difusão desta teoria em outras áreas como: psiquiatria, psicologia, neurologia, pediatria, pedagogia etc. (DARIDO, 2003). Le Bouch sustenta que esta corrente educativa emerge das fragilidades da Educação Física diante das necessidades de uma verdadeira educação do corpo. A forma na qual é executada a Educação física, centrada no rendimento; assim como o nível de controle e de comando muitas vezes falhos, são alvos de críticas neste período.

Na Abordagem Psicomotricidade a Educação Física se amplia e muda de certa maneira seu campo de atuação, para se ater a responsabilidades escolares e pedagógicas, sinalizando a necessidade de um rompimento com pressupostos da instituição esportiva, passando a valorizar o processo de aprendizagem e não mais gestos técnicos isolados.

Uma outra importante abordagem é a *Construtivista*, houve uma ampla divulgação das ideias desta abordagem, sobretudo, através do livro “Educação de Corpo Inteiro, publicado em 1989 pelo professor João Batista Freire. O objetivo da Abordagem Construtivista é construir o conhecimento e resolver problemas através da interação do sujeito com o mundo. Muito mais que simplesmente ensinar e aprender, o conhecimento implica num processo de assimilação e acomodação e constante reorganização. O brinquedo e o jogo, ligados a cultura infantil, como conteúdo e estratégia da Educação Física tem papel fundamental na abordagem construtivista. Ocorrendo num ambiente lúdico e prazeroso, o jogo é um instrumento pedagógico capaz de ensinar, no momento que a criança joga ou brinca ela aprende.

Esta abordagem é apresentada de certa forma em oposição às linhas anteriores da Educação Física na escola: proposta mecanicista, caracterizada pela busca do desempenho máximo, de padrões de eficiência sem considerar a individualidade e as experiências vividas. Por outro lado, extremos são perigosos. A Educação Física passa a integrar melhor com a proposta pedagógica da escola, porém se preocupando prioritariamente com o domínio lógico-matemático e habilidades de leitura e escrita, ou seja, a Educação Física passa atrelar seus conhecimentos específicos como instrumentos úteis para aprimorar os aspectos cognitivos e outros conteúdos distintos. Ela acaba sendo um meio para adquirir outros objetivos que deixam de lado o eixo corpo e movimento perdendo sua especificidade. Em suma, sobre essa discussão sinaliza Darido (2003, p.7)

Não se trata de negar o papel importante que a questão da interdisciplinaridade deve desempenhar na escola e o foco da Educação Física neste contexto, mas sim de ter em mente que a interdisciplinaridade só será positiva para a Educação Física na escola quando estiver claro para o professor quais são as finalidades da Educação Física, de modo a guardar a preocupação de introduzir o aluno às questões relacionadas à cultura corporal e guardando as suas características específicas.

A Abordagem Crítico-Emancipatória, criada pelo professor Elenor Kunz e representada nos livros: “Transformação didático pedagógica do esporte (KUNZ, 1994)” e “Educação Física: Ensino e Mudanças (KUNZ, 1992)”. Esta abordagem tem como base filosófica os pressupostos da segunda geração da Escola de Frankfurt² como o alemão Jüergen Habermas. Apesar de algumas semelhanças com a abordagem crítico-superadora, principalmente quanto a tentativa de rompimento com modelo hegemônico de esporte/aptidão física, possuem pretensões diferentes.

Na abordagem crítico-emancipatória há uma valorização na compreensão crítica do mundo, sociedade e relações, possibilitadas pelo uso da linguagem, porém sem objetivar a transformação desses elementos por meio da escola. O foco está na educação de crianças e jovens como cidadãos críticos, autônomos e emancipados no âmbito dos temas da cultura do movimento: jogo, esporte, ginástica, dança e capoeira. Pela própria experiência o aluno descobre as formas e meios bem-

² Os estudiosos da Escola de Frankfurt, em especial Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse (pertencentes à primeira geração) e Jürgen Habermas (segunda geração) parecem ter exercido grande influência na construção desta concepção de ensino, pois Elenor Kunz utiliza-se de várias questões discutidas por estes filósofos.

sucedidos diante de atividades de movimentos e jogos. Para Kunz (2004) o movimentar humano nesta perspectiva é compreendido como uma forma de dialogar com o mundo.

Essa interação e essa linguagem na estrutura comunicativa da educação não devem se concentrar apenas sobre o conteúdo informativo do treinamento de habilidade ao esporte, mas, principalmente, sobre as formas de relacionamento social entre os participantes (KUNZ, 2004, p.38).

As experiências significativas e individuais através do que esta abordagem chama de “Cultura do Movimento” ou “Se-movimentar” (acredita-se que essa expressão rompe com o dualismo de corpo e mente da expressão “Cultura Corporal”); aproxima à compreensão do mundo material e social, bem como consigo mesmo. É fundamental a ação comunicativa como base para a participação do aluno na vida social, cultural e esportiva, assim também nas decisões do ensino, formulação de interesses e situações de grupo para a busca do conhecimento e apropriação da cultura.

Contrária aos modelos mecanicista e tecnicistas supracitadas, em 1992 é publicada a obra intitulada “Metodologia do Ensino da Educação Física”, escrita coletivamente pelos autores Carmen Lúcia Soares, Celi Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar e Valter Bracht anunciando a *Abordagem Crítico Superadora*. Utiliza a mensagem da justiça social como ponto estrutural e tem como propósito superar o paradigma da aptidão física oferecendo uma possibilidade metodológica crítica para o tratamento dos conteúdos (SOARES et al, 1992). Outros grandes educadores como José Libaneo e Demerval Saviani influenciaram essa concepção, por conta disso sua grande representatividade nas universidades e um enorme número de referências e citações em publicações e periódicos especializados.

Segundo Soares *et al* (1992) é fundamental uma pedagogia que leva a reflexão crítico-superadora com características diagnóstica, judicativa e teleológica. Ela é diagnóstica porque pretende ler os dados da realidade, interpretá-los e emitir assim um juízo de valor. Este juízo é dependente da perspectiva de quem julga. É judicativa porque julga os elementos da sociedade a partir de uma ética que representa os interesses de uma determinada classe social. É considerada

teleológica, pois busca uma direção, dependendo da perspectiva de classe de quem reflete.

É preciso que cada educador tenha bem claro: qual o projeto de sociedade e de homem que persegue? Quais os interesses de classe que defende? Quais os valores, a ética e a moral que eleger para consolidar através de sua prática? Como articula suas aulas com este projeto maior de homem e de sociedade? (SOARES *et al*, 1992, p. 15)

Nesta perspectiva a aula de Educação Física se abre para as contribuições das ciências humanas. Atribui ao professor da área um envolvimento com as necessidades do projeto-político-pedagógico, pois emerge do poder de emancipação das diferentes classes e principalmente da libertação da sofrida classe trabalhadora. Não somente um técnico formador de atleta, mas um professor que atua em uma escola rodeado de questões mais amplas como: relação educação e sociedade, o currículo e o próprio projeto-político-pedagógico. Isso tudo, segundo esta abordagem, passa a fazer parte do processo educativo para as aulas de Educação Física.

Esta abordagem define como conteúdo da Educação Física a Cultura Corporal, através dos jogos, ginásticas, lutas, acrobacias, entre outros (SOARES *et al*, 1992). É um realizar das aulas para formação humana através da prática social. O contato com esses conteúdos, mais que experiências desconectadas da realidade, são saberes produzidos e trilhados que levam a reflexão pedagógica ampliada e comprometida com os interesses das camadas populares.

O intuito das aulas não é realizar movimentos perfeitos, na visão desta abordagem o sentido desses conteúdos é a apropriação histórica da prática corporal ou de um gesto motor. Aliás habilidades motoras são requisitadas nesta abordagem, porém, ao fazê-las, o aluno é levado a se posicionar criticamente diante de sua realidade.

Não há como negar que as abordagens aqui mencionadas como também outras que assim não foram³, revelam importante avanço quanto aos rumos da Educação Física e tem papel fundamental na construção de uma área consolidada.

³ Cultural, Sistêmica, dos Jogos Cooperativos, da Saúde Renovada, dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Percebe-se que a publicação do livro do Coletivo de autores assim como a perspectiva crítica disseminada nesse período da década de 90, passam a marcar mudanças nos papéis sociais da educação e, sobretudo, na organização legislativa educacional.

Sob olhares dessas abordagens críticas, a Educação no Brasil passa por um grande desdobramento: universaliza o Ensino Fundamental ampliando suas matrículas e, fortalece a oferta para as etapas Infantil e Médio no sistema público. Assim no ano de 1996, um importante marco político para a Educação foi estabelecido. Em 17 de dezembro de 1996, a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* foi aprovada (LDB – 9394/96), definindo aspectos essenciais da Educação pública e privada como: formas de organização, órgãos administrativos responsáveis, níveis e modalidades de ensino, recursos financeiros, providências quanto a formação profissional entre outros. É considerada a mais completa em relação a educação brasileira, sobretudo nos posteriores avanços como a criação do FUNDEF (O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério) e alguns programas federais visando à promoção do acesso ao ensino superior, como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e PROUNI (Programa Universidade Para Todos).

No tocante à Educação Física a aprovação da LDB/96 passa a fundamentar a área como componente curricular, ou seja, amparada pelo dispositivo legal, ao menos em tese, assume posição das demais disciplinas do currículo passando a avistar uma atuação diferente da que era até então praticada, como determina na sua origem o parágrafo 3º do artigo 26 “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos (BRASIL, 1996)”.

No intuito de atender as determinações da LDB/96 e revisar os currículos escolares, nos anos de 1997 (1ª a 4ª série) e 1998 (5ª a 8ª série) foram elaborados pelo Ministério da Educação os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN's) (BRASIL, 1998) composto pelas seguintes partes: documento introdutório, temas transversais (Saúde, Meio Ambiente, Ética, Pluralidade Cultural, Orientação Sexual, e Trabalho e Consumo) e documentos que abordam o tratamento a ser oferecido em cada um dos diferentes componentes curriculares.

O caráter crítico-social é apontado através de seus objetivos: provocar debates a respeito da função da escola e reflexões sobre o que, quando, como e para que ensinar e aprender; subsidiar a proposta, elaboração ou a versão curricular dos estados e municípios, mantendo e direcionando o diálogo com as experiências já existentes, acendendo o debate interno nas escolas sobre os temas levantados e a elaboração de projetos educativos; assim como servir de material de reflexão para a prática pedagógica (DARIDO, 2005).

Apesar de alguns autores como Zanlorenzi e Lima (2009) e Caparroz (2003) *apud* Neira e Júnior (2016), criticarem sua construção, um tanto quanto centralizada e com pouca participação de especialistas, os PCNs replicaram e consolidaram a cultura corporal de movimento como objeto de estudo da Educação Física e ponto de convergência da organização dos seus conteúdos, sinalizando favoravelmente para atuações mais inclusivas (confrontando aspectos excludentes e discriminatório do modelo anterior, como o da aptidão física e da performance), concepções críticas e atuantes na formação para cidadania.

Já adentrando aos anos 2000, alterou-se o texto do parágrafo 3º da LDB/96 incluindo o termo *obrigatório* à frente do componente curricular. Legalmente, muda-se o status da Educação Física, porém o que se viu foi uma disciplina longe de ser consolidada, sendo até então, ainda facultativa ao ensino noturno, aulas ministradas por profissionais sem formação específica, retirada das aulas para o Ensino Superior e dos programas de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No ano de 2003 mais mudanças ocorreram na tentativa de melhorar esse quadro. A facultatividade prevista ao ensino noturno foi alterada pela Lei nº 10793. Dessa maneira, ficou estabelecido que as aulas de Educação Física seriam facultativas, não somente ao aluno do noturno, mas a todos que estudasse e se enquadrasse em algumas das condições previstas abaixo:

§ 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno:

- I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;
- II – maior de trinta anos de idade;
- III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física;
- IV – amparado pelo Decreto-Lei no 1.0442, de 21 de outubro de 1969;
- V – (VETADO)
- VI – que tenha prole. (BRASIL, 2003).

Se por um lado o fato de integrar-se à proposta pedagógica da escola, especialmente por meio do Projeto Político Pedagógico (PPP), aponta para maior autonomia e liberdade às escolas e aos sistemas de ensino, por outro lado não é difícil de entender que as prerrogativas relacionadas a faixa etária e a condição física do aluno abrem espaço para questionar o papel da Educação Física na escola.

A lei aprovada e com seu texto em vigor até nossos dias, suscita uma concepção bastante excludente e resgata a visão de corpo exclusivamente biológico. A LDB/96 acaba apresentando facetas cheias de dubiedades e indefinições para uma educação que tramita tanto ao pressuposto de “educação para a cidadania” como ao da “educação para a competitividade”. De certa maneira observa-se, também, em outros aspectos como a desvalorização de profissionais e a capacitação inadequada de docentes até os dias atuais.

Apesar disso, o texto acabou tendo, em linhas gerais, um tom bastante progressista tanto da LDB quanto dos PCN's. Emergindo de uma educação e um cenário político brasileiro instável, apresentou um inegável avanço rumo ao que ansiavam os autores críticos do final dos anos 80 e outros comprometidos com a educação pública de qualidade e acessível às camadas populares da sociedade.

Para área da Educação Física Darido (2003) destaca-se três aspectos relevantes nos PCNs como proposta de melhoria da qualidade das aulas: *princípio da inclusão, as dimensões dos conteúdos* (atitudinais, conceituais e procedimentais) e os *temas transversais*. O princípio da inclusão do aluno é o eixo estrutural que baliza o entendimento e a prática pedagógica da Educação Física escolar segundo os PCN's, tanto no que se refere a sistematização de conteúdos e objetivos, quanto ao processo de ensino e aprendizagem, no intuito de evitar a exclusão ou alienação na relação com a cultura corporal de movimento. Pretende-se com isso reverter o quadro histórico da Educação Física de seletividade entre indivíduos com ou sem aptidão física nas práticas corporais e da valorização demasiada da eficiência nos gestos e movimentos. A inclusão refere-se a todos, desde os menos habilitados como também os obesos, pessoas com deficiência, as meninas, as práticas diversificadas como oportunidade de conhecimento, valorização, produção e reprodução cultural, enfim na compreensão, esclarecimentos e entendimento das diferenças, garantindo o papel transformador, democrático e igualitário nas aulas de Educação Física.

O segundo aspecto é o das dimensões dos conteúdos: atitudinais, conceituais e procedimentais. Os conteúdos são os meios pelos quais o aluno deve refletir e abordar a realidade de forma que, com isso, possa ser construída uma rede de significados em torno do que se aprende na escola e do que se tem na sua realidade. Nos PCNs é apresentado a organização dos conteúdos em três blocos e, em todos eles, a dimensão conceitual (fatos, conceitos e princípios), procedimental (ligados ao fazer) e atitudinal (normas, valores e atitudes) devem percorrer os debates e as discussões sobre os conteúdos (Quadro 1).

Quadro 1 – Conteúdos e a organização dos blocos temáticos

Conteúdos	Blocos temáticos
Conhecimentos fisiológicos, anatômicos, biomecânicos e bioquímicos, as habilidades motoras, percepção do próprio corpo, sensações e emoções, hábitos posturais e atitudes corporais.	Conhecimentos sobre o corpo
Envolve a origem, história, a mídia e sua espetacularização, as regras, a competição, a cooperação, a recreação, formas de disputas, a técnica, a tática, a estratégia, nuances durante a partida, questão de gênero, atitudes positivas durante as práticas, segurança, riscos e desafios, entre outros.	Esportes, jogos, lutas e ginásticas
Incidem sobre as manifestações rítmicas da cultura corporal e sua diversidade que inclui as danças, jogos e brincadeiras cantadas que têm como características comuns à intenção de expressão, ritmos e comunicação mediante gestos ou posturas assim como a presença de estímulos sonoros como referência para o movimento corporal.	Atividades rítmicas e expressivas

Fonte – PCNs (BRASIL, 1998)

Com essa organização de conteúdos, fica claro que a Educação Física proposta pelos PCNs vai além do ensino de somente uma das práticas corporais como muitas vezes é percebido na elaboração e execução das aulas. Entende-se também que o ensino das diversas práticas corporais (quadro 1) não se resume somente em fundamentos e técnicas, ou seja, o saber fazer.

Em relação ao conteúdo da EF é fundamental esse olhar amplo ao aluno e a diversidade presentes na escola abordados nos PCN's, reforçando isso alguns autores das abordagens críticas se alinham a essa concepção como Bracht (1986), Soares et al (1992) e Betti (1994) no entanto, até os dias de hoje é uma missão a ser percorrida e efetivada nas aulas. Para Darido (2020, p. 30) “[...] há uma tradição

sedimentada na escola de que a Educação Física tem que ser divertida e resumida ao saber fazer e não ao compreender os sentidos e significados dos temas com os quais se ocupa”. Sobre este assunto, Oliveira et al (2020, p. 74) enfatizam que

[...] os conteúdos procedimentais são mais evidentes nas aulas de Educação Física escolar do que os conteúdos conceituais e atitudinais, já que este componente curricular envolve os movimentos corporais, as ações físicas, propriamente ditas. Nesse sentido, os aspectos procedimentais precisam ser organizados e desenvolvidos buscando a superação de ações mecanizadas e repetitivas, almejando inovações e experimentações que levem os participantes ao papel de sujeitos do processo e que sejam estimulados à reflexão com vistas à autonomia.

Em maio de 2015, um grupo formado por pesquisadores de 35 universidades brasileiras, professores da Educação Básica indicados pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED) e pela União dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME) foi convidado a trabalhar na elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que estaria a ser concluída em 2017.

A BNCC é um documento normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica (BRASIL, 2017) seguindo ao que preceituam o Plano Nacional de Educação - PNE (Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014) e a Conferência Nacional de Educação (CONAE). Este documento tem por finalidade orientar os sistemas na elaboração de suas propostas curriculares, tendo como fundamento o direito à aprendizagem e ao desenvolvimento.

Sobre a proposta da BNCC para o componente curricular de Educação Física no Ensino Fundamental nota-se que ela se estrutura nas práticas corporais, signos e códigos sociais elaborados de acordo com as diversas manifestações da cultura corporal de movimento.

Cada prática corporal propicia ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimentos e de experiências aos quais ele não teria de outro modo. A vivência da prática é uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível e, para que ela seja significativa, é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento. Logo, as práticas corporais são textos culturais passíveis de leitura e produção (BRASIL, 2017, p. 210).

Isso quer dizer que considerando sua relevância histórico-cultural a Educação Física que trata este documento possibilita ao aluno construir e reconstruir o conhecimento referente ao movimento, ampliando seu momento de análise e percepção, sobretudo em relação aos outros. Sinaliza que em meio as práticas corporais, o aluno se aproprie da cultura corporal favorecendo sua formação como cidadão na sociedade.

A BNCC apresenta essas práticas corporais para o Ensino Fundamental da Educação Básica como norteador das chamadas *unidades temáticas* enfatizando a diversidade de conteúdo: brincadeiras e jogos, danças, esportes, ginásticas (demonstração, condicionamento físico e conscientização corporal), lutas e práticas corporais de aventura. Segundo a BNCC (BRASIL, 2017, p. 220),

[...] a organização das unidades temáticas se baseia no entendimento de que o caráter lúdico está presente em todas as práticas corporais ao realizar as ações de brincar, expressar, dançar, jogar, praticar esportes, ginásticas ou atividades de aventura, ainda que essa não seja a finalidade da Educação Física na escola.

Os estudantes se apropriam das lógicas intrínsecas a essas manifestações (regras, códigos, rituais, sistemáticas de funcionamento, organização, táticas etc.) e elas se organizam em habilidades que visam ampliar as possibilidades pedagógicas dos conhecimentos e permitir a relação mais orgânica entre os saberes, da qual decorre oito dimensões de conhecimento: Reflexão sobre a ação, Análise, Compreensão, Experimentação, Uso e apropriação, Fruição, Construção de valores, Protagonismo comunitário.

Não é difícil percebermos que a BNCC faz alusão ao que os autores preconizam (ZABALA,1998; COLL et al., 2000; DARIDO, 2005) considerado um dos aspectos relevantes dos PCNs que são as dimensões dos conteúdos: conceitual (Reflexão sobre a ação, Análise, Compreensão), procedimental (Experimentação, Uso e apropriação, Fruição) e atitudinal (Construção de valores, Protagonismo comunitário). Essas dimensões, como afirma o documento são tratadas de forma integradas considerando a natureza vivencial, experiencial e subjetiva, formando assim um universo amplo, diversificado e valioso dentro da cultura corporal de movimento, ou seja, relevante e significativo à vida dos alunos.

Configurando como uma das unidades temáticas, os Esportes, estão presentes em todos os anos do Ensino Fundamental, portanto essencial na

aprendizagem corporal do aluno. É classificado conforme sua lógica interna e utiliza como referência os critérios: cooperação, interação com adversário, desempenho motor e objetivos táticos da ação como se observa no quadro:

Quadro 2 – Categorias dos esportes BNCC

INTERAÇÃO	CATEGORIAS
SEM interação com o adversário (critério referente a comparação de desempenho)	Esportes de “marca”: são aqueles nos quais o resultado da ação motora comparado é um registro quantitativo de tempo, distância ou peso.
	Esportes “técnico combinatório”: são aqueles nos quais o resultado da ação motora comparado é a qualidade do movimento segundo padrões estéticos.
	Esportes de precisão: são aqueles nos quais o resultado da ação motora comparado é a eficiência e a eficácia de aproximar um objeto ou atingir um alvo.
COM interação com o adversário (critério referente aos princípios táticos do jogo)	Esportes de combate ou luta: Caracterizados como disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), com técnicas, táticas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa.
	Esportes de campo e taco: compreendem aqueles que têm como objetivo colocar a bola longe dos jogadores do campo a fim de percorrer espaços determinados para conseguir mais corridas que os adversários.
	Esportes de rede/quadra ou parede: Têm como objetivo colocar/arremessar/lançar um objeto móvel em setores onde o(s) adversário(s) seja(m) incapaz(es) de alcançá-lo ou forçá-lo(s) para que cometa(m) um erro, servindo somente o tempo que o objeto está em movimento.
	Esportes de invasão ou territoriais: constituem aqueles que têm como objetivo invadir o setor defendido pelo adversário procurando atingir a meta contrária para pontuar, protegendo simultaneamente a sua própria meta

Fonte – Autor do trabalho (adaptação - GONZÁLEZ, 2004, p. 2; BRASIL, 2017, p. 216).

Esse modelo chama a atenção aos objetivos das modalidades esportivas, características táticas e ao desempenho dos participantes. Possibilita ainda sua distribuição em categorias, privilegiando as ações motoras intrínsecas, reunindo esportes que apresentam exigências motrizes semelhantes no desenvolvimento de suas práticas (BRASIL, 2017; GONZÁLEZ, 2004).

Conforme visto, a BNCC organiza a unidade temática Esporte em várias categorias, sinalizando que não se deve limitar o trabalho pedagógico a um número reduzido de modalidades. Mesmo que a escolha desses esportes ainda seja um

recorte de nossa cultura (FORQUIN, 1993 *apud* BARROSO e DARIDO, 2019), negar essa diversidade é restringir suas possibilidades de conhecimento referente a um elemento da Cultura Corporal de Movimento tão determinante em nossa história.

Dentre as categorias mencionadas (quadro 2) destacamos a categoria “Esportes de rede/quadra ou parede”. Nesta categoria, longe de ser tão presente nas aulas como por exemplo o Voleibol, chamamos a atenção para o Beach Tennis (BT) como uma das práticas corporais diversificadas, instituída como esporte com grande repercussão no cenário nacional, porém quase que invisível ainda no espaço escolar.

Do seu aparecimento em solo brasileiro em meados de 2008, até os dias de hoje, o Beach Tennis apresenta um aumento exponencial do número de praticantes. Segundo dados da Confederação Brasileira de Tênis (CBT, 2023) estima-se que existam mais de 1 milhão de praticantes pelo Brasil afora.

Defendemos o Beach Tennis enquanto fenômeno humano que ao ser pensado para as aulas de Educação Física na escola carece do devido tratamento pedagógico, onde favoreça o questionamento e a interpretação crítica das condições sociais, fundamental na formação de cidadãos mais conscientes, oferecendo suporte para a tomada de decisões equilibradas e assertivas (SOARES et al., 1992). Em outras palavras, para o Beach Tennis na escola é necessário instrumentalizar o estudante a uma apreciação estética e técnica, subsidiando com as informações políticas, históricas e sociais no intuito de fazer essa análise crítica sobre temas variados. De tal forma, prepará-lo para ser um apreciador do Beach Tennis também como esporte espetáculo, disposto a possuir uma visão crítica da mídia e do sistema esportivo profissional.

Mediante os fatos históricos consideramos significativos os avanços provocados por autores que lapidaram uma EF voltada para compreensão da realidade e a formação integral do aluno no âmbito legal e pedagógico da Educação Física como torná-la componente curricular, a melhor formação docente, aumento de professores que consideram os conteúdos além do tradicional assim como a ampliação de estudos e pesquisas na área.

Porém, hoje em dia as aulas de Educação Física ainda têm sua importância relativizada, apresentando marcas reprodutivistas e mecânicas do seu surgimento. Direccionam os esportes para os mais aptos, sobretudo com ênfase no aspecto técnico, limitando o conhecimento a mera realização, com o fim em si mesma.

Observou-se que algumas abordagens anunciadas da Educação Física, ainda priorizavam, de modo geral, o esporte, sendo esse reduzido a algumas modalidades muitas vezes por conveniência de um modelo de aula “engessado”. Essas aulas de certa forma impediam os alunos de enxergarem e se apropriarem de outros conhecimentos, pois não passavam de práticas cegas e estéreis do ponto de vista de uma formação capaz de aparelhar e transformar o estudante como ser atuante e crítico.

As perspectivas críticas surgidas, principalmente no decorrer da década de 90, permitiram a Educação Física superar essa visão tecnicista da forma de ensinar o esporte na escola. Os documentos que foram sendo elaborados com destaque para os PCN's e a BNCC, como também as abordagens críticas forjaram um novo modo de olhar e pensar o ensino de Educação Física. Contribuíram para indicar outros caminhos, refletir e constatar possibilidades metodológicas de ensino assim como diferentes temáticas, por exemplo, o Beach Tennis.

Nesta perspectiva apresentaremos no capítulo seguinte os compromissos de uma escola que acampa uma Educação Física transformadora e que conduz ações pedagógicas inclusivas na perspectiva de transformação social e de uma política curricular direcionada para construção de saberes.

3 PERSPECTIVA CRÍTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Nesse capítulo, corroborando com concepções críticas e respaldados pelos documentos já expostos, pretendemos discutir acerca de uma Educação Física que objetive a completude do aluno. Visa uma escola capaz de romper com políticas educacionais vigentes que essas, ao interferir nos currículos, conteúdos e métodos de ensino tendem uma educação acrítica e de certa forma superficial.

Este capítulo vamos discutir possibilidades para uma Educação Física que não se acomoda a uma educação tradicional, mas a incomoda, a um professor que não se neutraliza ante o sistema corrompido e a um estudante que, “inconformado”, usa através das práticas corporais para refletir coletivamente sobre a profundidade do conteúdo exposto. É apresentado a proposta metodológica que será desenvolvida neste trabalho para o ensino do Beach Tennis nas escolas alinhado a uma ação pedagógica que instigue o aluno a criar relação com sua prática social.

3.1– Escola: Lugar de uma Educação Física Crítica

Entendemos que a Educação Física discutida aqui e legalmente amparada enquanto componente curricular da Educação Básica, deve adotar estratégias de ensino integradas a proposta pedagógica da escola, como meio de superação do histórico quadro de descaso e trivialidade que marcam a área.

Com este olhar, pretendemos promover o desenvolvimento de um olhar mais amplo sobre a realidade garantindo aos educandos o direito e o acesso às diversas práticas pertencentes ao patrimônio cultural (práticas corporais, jogos e brincadeiras, esportes, danças, ginásticas, lutas) e incentivar, também, a leitura crítica de tais e até mesmo ressignificá-las. Em razão disso, reforça González e Fensterseifer (2010, p. 12):

[...] Educação Física escolar, na condição de disciplina, tem como finalidade formar indivíduos dotados de capacidade crítica em condições de agir autonomamente na esfera da cultura corporal de movimento e auxiliar na formação de sujeitos políticos e no exercício da cidadania.

Ao nos referirmos ao ensino da EF, temos que ter em mente que a escola é uma instituição base para a educação dos estudantes. No entanto, essa importante tarefa não está somente ao cuidado da escola, pois eles estão inseridos em outros

locais que de certa forma atuarão na construção de sua formação. Na visão de Althusser (1978, *apud* BARROSO e DARIDO, 2006, p. 105) assim como a igreja, família, veículos de mídia etc., a escola funciona como um aparelho ideológico do Estado e muitas vezes acabam “[...] atuando indiretamente de forma repressora ao estipular normas e diretrizes a serem seguidas”. Isso nos diz que a escola passa a agir como instrumento de reprodução da “indústria” capitalista nas relações sociais, na formação de força de trabalho e no ensino de saberes práticos e teóricos. Para esse autor, a escola como componente ideológico de um interesse dominante passa impor massivamente e moldar o sujeito imprimindo pensamentos de inferioridade e submissão ao sistema vigente.

Em relação a isso, Libâneo (1985) aponta que o objetivo imediato dessa escola, em conformidade com uma pedagogia liberal, é produzir indivíduos “competentes” para o mercado de trabalho, transmitindo, eficientemente, informações precisas, objetivas e rápidas. Dessa maneira, a escola tem a função de condicionar e modelar o comportamento humano, direcionando essa formação, impositivamente, para a manutenção da relação empregador e empregado, patrão e funcionário; e dominador e dominado, restando ao aluno somente acatar essas normas.

A escola é um local onde todos deveriam ter acesso aos diferentes saberes, ampliando suas oportunidades educacionais independente de posições sociais. Todas as classes, das mais baixas até as mais altas com as mesmas possibilidades de frequentar a escola sem que haja diferenças em níveis de qualidade. Uma escola que permite valorizar a importância do sujeito e a necessidade da diversidade cultural favorecendo o crescimento do aluno através das diferenças e o respeito a elas. Escola que discuta e construa o conhecimento, que amplie o horizonte de pensamento e compreensão dos estudantes, que os conduzam e os libertem das circunstâncias e experiências as quais estão submetidos, podendo compreender melhor o mundo, interpretá-lo, e atuar sobre ele de uma forma melhor, enfim uma escola democrática.

[...] uma escola será tão mais democrática quanto mais ela propiciar aos seus alunos as competências para intervirem, mais tarde, naqueles espaços onde suas vidas sociais e individuais se decidem. Sugiro, pois, um “elitismo para todos”, se me permitem insistir em expressão arriscada (BRAYNER, 2008 *apud* GONZÁLEZ e FENSTERSEIFER, 2020, p. 6).

Na concepção desses autores a escola em seu aspecto quantitativo está em grande parte resolvido, ao observar que o acesso as instituições de ensino têm chegado a todos, porém o que se discute, sendo motivo de luta no Brasil, é a qualidade desta educação para todos, isso precisa ganhar relevância à medida que a escola possa promover o acesso a esse conhecimento científico, especializado e capacitador a todos.

Soares *et al.* (1992) adverte sobre a necessidade de um rompimento da hegemonia das formas de consciência, interesses, valores, éticas e morais pregados por uma classe social (proprietária em detrimento da trabalhadora) como universal, sendo essa dicotomia espelhada nas práticas esportivas, impondo de certa maneira as modalidades e até mesmo como cada indivíduo deverá escolher, desempenhar, se apresentar ou comportar durante esses esportes.

Pensar o Beach Tennis no âmbito educativo também pode ser uma manifestação de crítica social para o questionamento de valores, ou seja, não deixar ser moldado por uma narrativa que busca determinar quais as práticas corporais destinadas para ricos e as destinadas para pobres, quais as para brancos ou para negros, enfim, para mulheres ou para homens.

Se por um lado temos, em sua história, a prática do esporte no Brasil como um perigoso fator de alienação política, inflado principalmente nos regimes militares (CASTELANNI, 2010) por outro lado, a rigidez e aptidão física exercida aos “atletas/combatentes” não devem ser norteadores do ensino do esporte na escola. O esporte da escola deve ter como objetivo a participação de todos, ou seja, deve garantir a igualdade de oportunidades e o acesso aos recursos para todos os membros da sociedade, independentemente de sua origem social, gênero, idade ou deficiência. Isso significa que a formação através dos esportes deva ser uma prática constante na busca por qualidade de vida, não somente pertencente a um período da vida ou a um grupo de pessoas privilegiadas.

A aprendizagem de práticas diversificadas como o Beach Tennis de certa forma confronta e penetra nesse conhecimento “exclusivo”. Assim como a arte em outros tempos era somente para aqueles de posições socioeconômicas privilegiadas, permitir o Beach Tennis na escola é constatar uma transição para democratização de um conhecimento da cultura corporal, ou seja, os jogos com raquetes praticados somente por monges franceses e pela realeza inglesa em séculos passados veio a culminar nas areias de jogo do Beach Tennis e até mesmo em espaços escolares.

Betti (1991) destaca que somente o fato de ser amparado pela legislação como componente curricular não garantirá a democratização do conhecimento, ou seja, deve assegurar plenamente o acesso dos alunos aos conteúdos, seja o Beach Tennis ou qualquer outro. Compete ao professor possibilitar esse acesso alinhando ao que está legalmente previsto. Deve haver uma preocupação das aulas, no âmbito cultura corporal de movimentos, serem dirigidas a todos, sem discriminação, por meio de práticas inclusivas através da participação e reflexão. Elaborar estratégias de ensino que surtam de maneira eficaz, reavaliando-as constantemente, e as redirecionando conforme o alcance que se atingiu com aquela proposta. A implementação de políticas públicas surge como esteio dessa prática pedagógica uma vez que subsidia ações sistêmicas que ultrapassa o alcance do professor.

Muitas vezes o que está no plano curricular se distancia do que é proposto. Gonzales (2021) chama isso de “abandono do trabalho docente”. Ele categoriza e esclarece algumas razões desse problema: *o processo de transformação da área* – onde impactou e confrontou a identidade naquilo que os professores pensavam e faziam em suas aulas, principalmente a partir da década de 80, diante das novas demandas da EF; *as condições objetivas de trabalho* - como remuneração salarial, tempo para planejar e refletir sobre seu fazer, acesso a experiências qualificadas de formação contínua etc., gerando insatisfação dos profissionais; por fim, uma última categoria para explicar esse abandono docente é a *cultura da escola* - onde ela passa a permitir e replicar ações que dão certo para o seu “funcionamento” do ponto de vista operacional em detrimento a um programa de ensino consistente na disciplina.

Na prática, o acesso ao conhecimento dá-se de maneira profundamente seletiva, se reduz ou passa a se destinar a determinados alunos de classe econômica privilegiada, alunos de escolas privadas. É um grave problema a escola pública que se limita ao ensino anêmico de seus conteúdos, marcados pelo conformismo e o tradicionalismo. Na EF muitas vezes se reduzem ao que “tá dando certo” (futsal e vôlei, ou até o abandono docente) e não abrange conhecimento capaz de confrontar a perpetuação de interesses dominantes.

Para estudantes de lares desfavorecidos, o envolvimento ativo na escola com diferentes saberes pode ser a única oportunidade de formularem conhecimento e serem capazes de caminhar, ao menos intelectualmente, para além de suas circunstâncias locais e particulares. Sejam ricos ou pobres é importante que

tenhamos uma escola única para todos, pois se a educação for difundida por igual ela é grande igualadora das condições entre os homens, pois é nessa escola única que as classes se encontrarão (TEIXEIRA, 1956).

Betti (1991) relaciona essa democratização do saber com a formação para cidadania numa EF crítica ao atender os seguintes princípios: *inclusão, alteridade e formação e informação plenas*.

O princípio da inclusão se alinha aos PCN's e ao fato do estudante, somente frequentar a escola, não dá a ele o alcance necessário para sua formação enquanto cidadão. Além de “estar” é necessário “envolver” no processo de ensino e aprendizagem. Durante as aulas todos estudantes devem acessar o conteúdo da disciplina de maneira crítica, sendo levados a posicionamentos livre e consciente, e oportunizados pelo professor com base em estratégias elaboradas em seus planejamentos.

Já no princípio da alteridade o professor deve ter um olhar ampliado visando o aluno em sua totalidade, suas dificuldades, desafios, medos, tentativas e vitórias. Agrava o fato de possuímos uma quantidade enorme de alunos para formação de nossa jornada de trabalho, porém é importante que o professor estabeleça a visão do aluno como ser individual. Faz se necessário compreender o outro, levantar elementos dessa relação dialética com o aluno e incorporá-los em aula para construção do conhecimento. Enfim, uma “simbiose” de saberes em que aluno e professor venham se beneficiar dessa relação.

O terceiro princípio é o da formação e informação plena, o que o autor denomina de formação integral. Nessa busca deve se obter uma relação entre as dimensões corporais, cognitivas e socioafetivas em cada conhecimento da área da Educação Física através de uma abordagem teórico-prática os alunos deverão ter condições de exercerem práticas autônomas de atividades físicas com qualidade. Para Betti (1991), a Educação Física, através destes três princípios, colabora para a construção de uma cidadania crítica, democrática e participativa.

O ensino do esporte na escola passa a ser alienante quando não se volta para a construção da cidadania do aluno, quando visa a condição física e o rendimento subordinados aos códigos e condutas da instituição esportiva. Quando deixa de considerar a superação das situações de injustiça, ou seja, no processo de ensino deixa de construir significados diante das condições sociais. Desse modo,

àqueles que integram a escola devem estabelecer uma prática pedagógica reflexiva como ruptura da forma alienante de ensino.

3.2 – Educação, Currículo e Práxis pedagógica⁴

A escola pública enfrenta diariamente diversos desafios como a precariedade e falta de condições para o trabalho docente. Todavia, mesmo diante destas condições, a escola deve ser lugar de construção e apropriação de conhecimentos, sentidos e significados e de certa forma é desafiada a conservar e transmitir conteúdos científicos e culturais. Saviani (2023) alerta que a escola enfrenta outros desafios como a necessidade de contribuir com o desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes, uma vez que nela habita o pensamento.

Por isso, em um processo de ensino não podemos desvincular o pensamento da linguagem. Para pensar, e ao pensar, o ser humano utiliza uma ou outra linguagem. Não devemos achar que se restringe somente a uma forma, como a linguagem verbal ou escrita por exemplo. Há várias outras formas de linguagem como a artística, emocional, afetiva, corporal etc. Nesta perspectiva, a linguagem é um conjunto de ações que possibilita mediar as relações entre as pessoas e o meio (SAVIANI, 2023).

Através das diversas formas de linguagem, e até mesmo antes do pensamento, o ser humano interpreta o mundo que lhe cerca, reforçando a concepção que adquirimos do meio que vivemos. Isto significa, a maneira como eu estou a mediar as informações e conhecimento que me apresentam, me capacita para agir, reagir e intervir, conscientemente ou não, através do pensamento, na busca por soluções diante dos desafios (SAVIANI, 2023). O autor explica ainda que a consciência é aquilo que permite ao sujeito uma apreensão das coisas como elas realmente são.

Essa tomada de consciência, de certa forma, corresponde ao que chamamos de educação, assim, educação é considerado como um “[...] processo de

⁴ A palavra práxis vem do grego prâxis, que significa “ação concreta e objetiva; prática”. É a consciência da prática, é uma prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Provoca um sentido de mudança ou transformação da realidade e do mundo, de si mesmo e dos outros.

aprofundamento e ampliação da capacidade dos alunos de tomar consciência da realidade em que vivem” (SAVIANI, 2023, p. 15).

Freire (1979, p.15) manifesta seu conceito de educação e utiliza o termo *conscientização* dizendo que “[...] é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se percebe a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo”. Educar e conscientizar caminham juntas em busca de efetivar o que se ensina, é uma descoberta a prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade.

Nesta interação entre o sujeito e sua percepção da realidade que o cerca, Freire (1987) passa a explicar esse fenômeno utilizando o conceito do *tema gerador*. É uma forma de ensinar ouvindo o outro, extrair coletivamente quais problemas do dia a dia devem ser resolvidos. Não uma simples coleta de dados e fatos, mas um momento constante de investigação para perceber como o aluno sente sua realidade.

Neste sentido, entendemos que o esporte, objeto de conhecimento tão presente na escola, pode favorecer essa investigação e despertar reflexões ou indagações sobre sua efetividade em diversos contextos. É uma busca de sentido e significado dos alunos para sua realidade despertando para novas formas de relação com a experiência vivida. Com isso, o BT, enquanto prática cultural, pode se revelar como modalidade presente em espaços públicos onde pessoas de diferentes classes sociais poderão acessá-lo.

Freire (1987) esclarece que o conhecimento é construído através da relação consciência-mundo, ou seja, é mediante a reflexão crítica sobre as relações humanas e com o mundo. Nesse processo, o conhecimento se cria e se refaz constantemente através da inserção crítica do ser humano no mundo. O autor assegura que a finalidade da investigação não são as pessoas, como se fossem peças anatômicas, mas o “[...] pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo, em que se encontram envolvidos seus ‘temas geradores’” (1987, p. 88), pois o tema gerador não se encontra em pessoas isoladas da realidade, nem tampouco na realidade separada das pessoas. Ele se encontra na relação do ser humano com o mundo, com o meio e porque não com a escola.

É provável, segundo Saviani (2023), que a escola oferte uma educação, um saber sistematizado a quem ou diferente para seus alunos dependendo de onde estão e de como enxergam ou percebem o mundo ao redor. Existe uma realidade que se torna possível a partir do momento que a conhecemos, cabe ao professor e a escola proporcionar essa tomada de consciência, provocar esse despertar, tendo em vista sua importância e necessidade.

Se temos como necessidade tomar decisões diárias para intervir e atender questionamentos do nosso tempo, é de forma consciente que isso chegará a ser feito. Somente conscientizando, ou seja, percebendo os outros, o meio que vive e a si mesmo é que o ser humano será capaz de vivenciar, experimentar ou compreender os aspectos de seu mundo.

Diante dessa realidade Saviani (2023) orienta que é necessário que os professores dominem os diferentes saberes que integram os currículos escolares para que se atinja o máximo de desenvolvimento da consciência em razão da formação crítica do aluno. Os saberes presentes no currículo se configuram como a parte primordial das diretrizes da escola. Moreira e Candau (2009) aponta que o currículo é o lugar onde se concretiza o processo educativo, é por intermédio dele que as ações pedagógicas acontecem e são sistematizadas.

No Currículo Paulista do Estado de São Paulo (2023) mais precisamente no material de apoio do professor não é apresentado nenhuma sequência didática para o ensino do Beach Tennis. Para a etapa do Ensino Médio o Beach Tennis é apenas citado em um dos materiais de apoio, no chamado Currículo em Ação – Linguagens e suas tecnologias (2023) durante uma das propostas de aula da 2ª série, tendo como objeto de conhecimento Esportes de Rede/quadra dividida ou parede de rebote (p. 23). Já para o Ensino Fundamental, somente aos Anos Iniciais no Caderno do Professor (p. 204) consta uma sugestão de prática para o 4º ano desta modalidade, bem superficial, sem de fato ser estratégias de aula com seus devidos desdobramentos.

É importante que Currículo Paulista assim como os outros currículos reflitam sob o ponto de vista sócio-histórico. Discutam os mecanismos que validam, nos diferentes contextos, as identidades, culturas, ou ainda prática corporal em detrimento de outras. O conteúdo educativo presente no currículo ganha sentido sob a intervenção do professor, através do percurso de aprendizagem, elaborado e exercido coletivamente, de maneira que esse conteúdo passa a desenvolver todas

as dimensões (cognitiva, artística, corporal, social, emocional etc.) numa perspectiva sistêmica, mais humanista que instrumental.

Pretende-se superar o senso comum e organizar esse conhecimento elaborado, no entanto não se deve desconsiderar a importância do domínio técnico. Durante o planejamento das aulas deve-se ter clareza que na busca desse aperfeiçoamento qualitativo, esses gestos retratem temas lúdicos que foram ao longo da história institucionalizados envolvendo sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica (SOARES, 1992).

O papel do professor como mediador é fundamental para que essa apropriação de saberes se efetive, não somente naquilo que as gerações anteriores ensinaram, mas também quanto as ações do sujeito sobre os objetos, suas necessidades e a maneira que serão apresentados. O professor é aquele responsável pela aprendizagem, por organizar intervenções relacionadas ao ensino, escolhendo os instrumentos adequados e avaliando os processos de ensino e aprendizagem. Libâneo (1985) colabora com o reforço desse papel do professor relacionando ao trato com o conteúdo “[...] não basta que os conteúdos sejam apenas ensinados, ainda que bem ensinados é preciso que se liguem de forma indissociável a sua significação humana e social” (LIBÂNEO, 1985 *apud* SOARES *et al*, 1992, p. 19). Este conteúdo deverá subsidiar o entendimento da realidade de fato e dar meios para compreensão da condição de classe social.

Moreira e Candau (2007) analisa mais profundamente essa relação, inserindo na discussão a importância cultural do currículo. Do ponto de vista desses autores o conhecimento significativo e relevante que devem estar no currículo se faz a partir da linguagem dos povos, ou seja, ao produzir cultura. É através daquilo que os grupos compartilham, herdam e deixam para outros, seus conjuntos de significados e relações com o meio, que são apresentados o sentido e relevância dos saberes presentes no currículo.

Pode-se dizer que no currículo se evidenciam esforços tanto por consolidar as situações de opressão e discriminação a que certos grupos sociais têm sido submetidos, quanto por questionar os arranjos sociais em que essas situações se sustentam (MOREIRA e CANDAU, 2007, p. 28)

Interessante pensarmos nesse sentido, pois muitas vezes, inconscientemente ou não, temos adotados, em nossa prática pedagógica, posturas que distanciam

nossos alunos do saber crítico e investigativo limitando sua capacidade de reflexão como: impedir o aluno de acessar conteúdos devido as condições sociais; racionalização exacerbada da elaboração das aulas, desprezar o saber histórico limitando o acesso das novas gerações ao mundo do saber sistematizado; permitir representações estereotipadas e desrespeitosas de certos comportamentos e grupos no ambiente escolar.

Todavia, a área do conhecimento determina uma dimensão da realidade e não a sua totalidade. Com o conhecimento ligado a cultura corporal não é diferente. É inegável a diversidade cultural do mundo que vivemos, nos múltiplos espaços sociais, inclusive na escola. Compete também a Educação Física enquanto área do conhecimento ampliar as possibilidades criativas e a compreensão de seu processo de forma interdisciplinar, ligando seu conhecimento a outros saberes tal como: geográfico, matemático, artístico, histórico, linguístico etc. É importante que se busque desta forma a interdisciplinaridade para a apropriação desse conhecimento sistematizado de forma que seu objeto de conhecimento se articule com diferentes objetos de outros componentes.

Espera-se que o currículo acampe práticas exitosas onde professores desafiam “[...] relações de poder que têm justificado e preservado privilégios e marginalizações” (MOREIRA e CANDAU, 2007, p. 29), contribuindo para elevação da autoestima de seus alunos e ampliando suas chances de êxito frente a cruel realidade de violência e condições precárias que muitos vivem diariamente. Para esses autores são exemplos disso como: oferecer leituras críticas, distintas e até mesmo contraditórias dos fatos; considerar outras formas de comunicação humana, como a corporal, a artística etc.; superar o conhecimento imediato vivenciando experiências corporais para compreensão da totalidade social; refletir sobre a diversidade e como os grupos se organizam nos espaços extraescolares, seus objetivos e valores; enfrentar os padrões de consumo e individualismo; incorporar essas indagações sobre manifestações culturais na construção do projeto político pedagógico; por fim, desestabilizar o próprio currículo, desnaturalizando, à medida que encontramos no currículo uma construção histórica passível de transformação.

Segundo Moreira e Candau (2007) a proposta é que a escola possa valorizar e reforçar à construção social dos currículos e as atividades intelectuais que promovem crítica às culturas hegemônicas assim como as subalternizadas. Provocar discussões em torno do surgimento e propagação de determinados

conhecimentos, examinando conceitos historicamente propostos, aceitos ou não, permanecidos ou não. Eles observam que dessa forma o currículo esteja mais coerente com a realidade e o poder de superá-la, voltado para um conhecimento centrado nos apontamentos históricos e culturais evidenciados ao longo dos anos, como conclui Saviani (2023, p. 19)

A educação escolar é o meio mais adequado para a apropriação, pelos trabalhadores, das conquistas históricas da humanidade que lhes aguçarão a consciência da necessidade de intervir praticamente para dar continuidade ao processo histórico.

Cabe ao professor este comprometimento com a busca do reconhecimento da consciência de classe e o enfrentamento junto o exercício pleno de cidadania anelado à função social da escola, sobre isso recomenda os autores “O olhar do poder, suas normas e pressupostos, precisa ser desconstruído.” (MCCARTHY, 1998, *apud* MOREIRA e CANDAU, 2007, p. 28).

Dentro da perspectiva crítica fica evidente que o conhecimento é central no que diz respeito ao ensino e à aprendizagem. É discutido o ensino do Beach Tennis na escola partindo da prática social, conhecimento esse que promova a relação entre aquilo que é singular e universal, entre indivíduo e humanidade. “Essa atividade se constituirá como práxis pedagógica se permitir a transformação da realidade escolar por meio da transformação dos sujeitos, professores e alunos” (MOURA et al., 2010, p. 2013).

O BT é pensado neste trabalho no sentido de desenvolver a capacidade intelectual e crítica do aluno sobre o conhecimento, de forma que essa reflexão pedagógica mostre as relações sociais e desmascare seus conflitos. Quem são as pessoas que costumam praticar esse esporte? Por que o BT não acontece nas áreas públicas? Por que os materiais de jogo normalmente custam caro?

As respostas a essas perguntas confirmam o distanciamento desta modalidade esportiva da maior parte da população brasileira. Esportes com raquetes como o Tênis de Campo por exemplo durante muito tempo era praticado somente pela alta classe, e ainda hoje é atribuído, a esses, estereótipos que os classificam como “elitizados”. Esse cenário todo acaba causando o afastamento desses esportes da realidade escolar.

Assim é de suma importância, no que se refere a conteúdo da Educação Física escolar, desmistificar e ampliar quanto as possibilidades aos esportes, sobretudo ao de rede/raquete. Desta maneira, proporcionar uma aprendizagem significativa, com a preocupação de oferecer um tratamento pedagógico apropriado a esses esportes, de não reproduzir no interior da escola o que ocorre externamente quanto a fins performáticos e de desempenho (BRATCH, 2000). O que tem se praticado em lugares privados e diversos aos da escola tendem a reproduzir uma concepção de realidade pautada em uma ideologia dominante submetidos a interesses e valores dito como universais.

Por isso, sustentados em uma perspectiva crítica de educação física é que perguntamos: O que podemos aprender com esta vivência? Como podemos possibilitar aos alunos da escola pública acesso a este conhecimento? Quais maneiras esse esporte pode ser praticado?

3.3 – Atividade Orientadora de Ensino (AOE) como possibilidade para o ensino do Beach Tennis

Conectar o conteúdo construído e reconstruído na escola às suas necessidades, é parte importante de sua função social⁵. Wiggers (2023) aponta que o desenvolvimento do sujeito compreende formas como a de estudo, mas também a organizativa-social, a laboral, a artística e a desportiva, pautado num desejo de participação em qualquer trabalho coletivamente necessário. Ainda assim, sugere que a *atividade socialmente útil* seja base para formação nos sistemas de ensino através de suas possibilidades criadas “[...] é necessário saturar os adolescentes não apenas com conhecimentos por meio do estudo, mas também com conteúdo de variados tipos de *atividade socialmente útil*” (WIGGERS, 2023, p.54).

No sentido geral essas atividades são atividades cujos efeitos ultrapassam os limites da escola, provendo aos estudantes um lugar de poder ensinar a outros o que foi aprendido. Ela serve como base na formação da autoconsciência do indivíduo inclusive para intervir nas características das atividades escolares e nas

⁵ Entende-se que a função social da escola seria elevar o nível cultural das classes populares, fazer a crítica da concepção dominante e trabalhar o senso comum de modo que se extraia o seu núcleo válido, com vistas à formulação de uma concepção de mundo adequada aos interesses populares (SAVIANI, 2023).

condições gerais da escola, por entender os espaços de aprendizagem como forma de superar o “encapsulamento” da aprendizagem escolar, levando a definição de metas coletivas para além dos limites das aulas, ao mundo social mais amplo. Assim, a escola e o ensino continuará sendo uma atividade fundamentalmente importante para o adolescente, relevante e com a devida contribuição para o seu desenvolvimento.

A expectativa é que o ensino do Beach Tennis também se apresente como fio condutor do percurso educativo, fazendo interligações com o que está a sua volta. Durante as sequências didáticas sejam geradas situações problemas que viabilizem a consciência desse conhecimento, em decorrência disso passa a ter disposição de conhecer melhor.

Desta forma, observando esse leque de possibilidades dimensionadas na educação escolar, faz sentido destacar o conceito de Atividade Orientadora de Ensino – (AOE) (MOURA, 1996, 2001; MOURA et al., 2010) como essencial à intervenção e ao trabalho do profissional de ensino. O professor ao se envolver na organização da AOE, no ímpeto da aprendizagem, sugere que exista uma forma de estruturar suas ações para uma aprendizagem efetiva. A atividade compreendida a essa finalidade sustenta-se por aspectos como: mediador de aprendizagem, relações estabelecidas entre sujeito e objeto, e ações desenvolvidas para solucionar o problema na situação desencadeadora de aprendizagem. Nesta concepção Wiggers (2023, p. 56) contribui para o devido esclarecimento

A Atividade Orientadora de Ensino se apresenta como base teórico-metodológica para a organização do ensino, a fim de que seja viabilizada, aos sujeitos da aprendizagem, a apropriação dos conhecimentos que se constituem como instrumento para que possam compreender a realidade de forma elaborada.

Podemos entender que a aprendizagem não ocorre espontaneamente, nem tão pouco, somente a partir das condições biológicas do sujeito, mas sobretudo mediada culturalmente. Ela deve ser organizada de forma a possibilitar aos estudantes a apropriação cultural e seus conhecimentos, assim como das

experiências históricas da humanidade, tal conceito se sustenta nos pressupostos da teoria histórico-cultural⁶.

As práticas escolares estruturadas por meio de Atividades Orientadoras de Ensino criam a possibilidade de organizar o ensino a partir de postulados de Vigotski (2008), quando ele defende a ideia de que os conceitos se formam no sujeito por intermédio dos processos que envolvem a solução de um dado problema que se coloca para o pensamento. (WIGGERS, 2023, p. 57).

A capacidade reflexiva e aprendizagem efetiva sobre um problema de uma situação desencadeadora é que será o cerne do trabalho organizado por Atividade Orientadora de Ensino. Admitimos como é importante, mas também desafiador essas atividades que abrangem o conhecimento teórico serem compreendidas também no âmbito da Educação Física. Mesmo reconhecendo suas práticas corporais como direcionador da área, porém fica cada vez mais evidente a preocupação de fundamentar esse trabalho educacional com reflexões, investigações e descobertas sendo essenciais na construção da aprendizagem.

Na elaboração e instrumentalização da proposta didática do ensino do Beach Tennis na escola, consideramos os princípios teóricos-metodológicos da AOE elucidados no trabalho de Carolina Pichetti Nascimento (NASCIMENTO, 2014; NASCIMENTO e ARAUJO, 2019) e exposto abaixo como se segue:

I) Sistematização do movimento lógico-histórico do conceito: Faz com que o professor interprete o conteúdo proposto como decorrente do processo histórico que levou a humanidade a produzir esse conhecimento. Diz respeito sobretudo a relação entre o problema real e as maneiras que foram sendo encontradas suas soluções ao longo da história estabelecendo ações de reconstituição do que o sujeito utilizou para outras situações. Além disso, observa-se que é o ponto de chegada do estudante na construção da aprendizagem com a expectativa de resolver o problema proposto;

II) Formulação de um problema desencadeador de aprendizagem: É neste ponto que será provocado ao estudante as necessidades de apropriação conceitual. É o elemento essencial da situação desencadeadora de aprendizagem. Diante de

⁶A teoria histórico-cultural estabeleceu a tese fundamental sobre o caráter social e racional da natureza humana. Segundo Vygotsky (1956), o desenvolvimento da psique no indivíduo é de natureza social e tem lugar por intermédio do processo de interiorização, de transformação do interpessoal (atividade coletiva) em intrapessoal (atividades individuais).

uma necessidade pessoal de resolver recriando para si uma atividade humana de significado social que suscita o problema desencadeador; e cria condições para ser materializado como situação desencadeadora, “[...] a solução da situação-problema pelos sujeitos da aprendizagem deve ser realizada na coletividade, tendo em vista a importância de os indivíduos compartilharem as ações na busca por soluções.” (WIGGERS, 2023, p.58);

III) Proposição de uma situação desencadeadora de aprendizagem: São meios ou instrumentos criados para que ocorra o engajamento do sujeito no ímpeto de solucionar o problema que sintetiza o conceito que se quer ensinar. É o movimento de entrada e envolvimento de fato do professor e estudante na atividade.

Em face desses princípios metodológicos, esperamos que a sequência didática do Beach Tennis baseada nas AOE contribua para o papel social da escola. Que haja um despertar do professor e aluno. Ao aluno a necessidade da consciência e construção do conhecimento, ou seja, refletir, indagar, levantar hipóteses e procurar soluções para os problemas desencadeadores. Para o professor organizar ações com participações coletivas, ambiente favorável e finalidades claras para a aprendizagem, assim como a maneira (instigante e plural) que age em sua atividade de ensino.

Nascimento e Araújo (2019) analisaram uma situação desencadeadora de aprendizagem com professoras de educação básica em um momento de formação, abordando um tema específico presente no componente curricular de Educação Física. O objetivo era gerar a necessidade de uma reflexão pedagógica sobre a dança como atividade humana. Essa situação desencadeadora concebia a dança como elemento artístico nas sociedades ocidentais no contexto como ato ritualístico.

Após uma reflexão coletiva foi identificado que as diferentes formas numa mesma sequência de movimento da dança era o problema desencadeador de aprendizagem. Mesmo depois de verbalizar debates a respeito do problema, com respostas e compreensão diretas e imediatas, ainda assim não foi suficiente para as professoras transformá-lo em um problema de fato mobilizador das ações de estudo, porém já é o primeiro ponto de chegada da atividade de estudo dos sujeitos. As autoras explicam que essas primeiras hipóteses fizeram com que “[...] as professoras puderam ser confrontadas com a insuficiência das suas explicações iniciais, bem como com a necessidade de melhor compreenderem o problema.” (NASCIMENTO e ARAÚJO, 2019, p. 684).

Neste sentido, as professoras passaram a assumir o problema, envolvendo-se materialmente no processo de criação, e assim elaborassem respostas mais próximas das soluções daquele problema. Muito além da forma de movimento da dança, elas refletiram sobre sua intencionalidade e os elementos nos quais estavam inseridos (intenção comunicativa e a organização de formas) passaram a se apresentar de maneira consciente reconhecendo nesta relação um meio possível de resolver problemas de qualquer dança.

O estudo do conceito como no exposto acima é parte fundamental para saber sobre o que está fazendo, em outras palavras, para superar o “fazer pelo fazer”. Essas orientações de ensino através de uma dinâmica coletiva ao compartilhar significados e busca por soluções deve se estender a EF. Numa área que, aparentemente, trabalha com temas práticos, as formas verbalizadas ou conhecimento teórico ganha atenção curiosa e especial, uma vez que as formas externas (respostas motoras) dos sujeitos se configuram numa dimensão prática. Superar o estereotipo do teórico e o prático na Educação Física se torna importante uma vez que o problema não é que as crianças dance, joguem, lutem etc., e sim a qualidade do problema levantado para que eles se sintam impulsionados em realizar os movimentos corporais nas aulas, ou seja, os problemas surgidos na prática social que levaram à criação dessas formas específicas da atividade humana a que chamamos Jogo, Esporte, Dança, Luta, Ginástica etc.

O ensino é a forma indispensável no desenvolvimento intelectual do estudante, e na escola, através do professor surge a necessidade de aquisição de conceito, aproximando as finalidades da atividade com o objeto de estudo (MOURA et al., 2010). O professor sistematiza e orienta de forma intencional nesse processo de aprendizagem de modo a possibilitar a construção do pensamento teórico. Nota-se que a figura do professor é fundamental para promover essa organização e orientação do objeto de conhecimento.

Na escola, o aluno passa a compartilhar significados e a desenvolver atividades coletivas, em decorrência disso novos modos de ação. Haja vista, a escola deve reconhecer seu espaço e sua função social instituída para isso, onde o professor assume o compromisso de ensinar ao estimular situações desencadeadoras e provocar solução ao problema gerado. “É no processo de educação escolar que se dá a apropriação de conhecimentos aliada à questão da intencionalidade social, o que justifica a importância da organização do ensino”

(MOURA et al., 2010, p. 213), o estudante passa ser conscientemente capaz de ações propositivas de mudanças e transformações, ou seja, o sentido coletivo a torna significativa ao satisfazer as necessidades humanas.

Essa apropriação de significados dentro do campo da Cultura Corporal, torna-se necessário aos estudantes como forma de encarnar a dimensão consciente, voluntária, e criadora da conduta humana. Por mais evidente ou verbalizado que venha estar um determinado conhecimento, este aparece para os sujeitos da atividade pedagógica sempre como uma possibilidade. Assim sendo, a aprendizagem efetiva consiste em desencadear esse processo quanto as possibilidades do sujeito de modificar e entender a atividade humana, seu surgimento e desenvolvimento.

Ao apontar a necessidade de ensinar pelo professor, de forma organizada, e por outro lado, possibilitar ao estudante se apropriar da cultura, fundamenta o trato das AOE na perspectiva da Teoria da Atividade de Leontiev (1978) uma vez que o desenvolvimento se dá pela necessidade de relação com o meio ao satisfazer sua necessidade pessoal, abarcados em necessidades, motivos, finalidades, tarefas, ações e operações. A compreensão e sistematização dos modos gerais de ação permitem organizar as atividades da cultura corporal (ações corporais) em atividades de ensino. As ações corporais relacionadas com um objetivo ocorrem sempre dentro de determinadas condições, ou seja, elas são ao mesmo tempo intencional e operacional, no caso das ações corporais terá sempre como condição o movimento (NASCIMENTO, 2014).

Entende-se que por meio da experimentação e atuação o sujeito pode ser levado a tomada de consciência e a compreensão de seu objetivo. Assim as condições criadas como possibilidades para as ações corporais são determinantes para o domínio da própria ação ou domínio da ação do outro (pelo controle do espaço de jogo / controle do corpo / controle de objetos físicos); constituindo no seu motivo.

A ação corporal de rebater a bola no Beach Tennis com uso de raquete possui finalidades bem variadas como: ampliar o raio de ação, defender o espaço de jogo, atacar para um determinado local, fazer deslocar o oponente, superar um obstáculo, controlar, bloquear etc. Os movimentos que surgem a partir das definições estabelecidas como metas serão as operações, ou seja, as condições criadas como: ampliar o raio de ação utilizando ou não o salto (ou o deslocamento para trás);

defender o espaço de jogo a partir do deslocamento central do espaço de jogo (ou com lançamentos de várias bolas), atacar para um determinado local sem/com uso de rede como obstáculo (ou considerar o posicionamento do oponente imediatamente antes de rebater), entre outros.

Ao figurar o Beach Tennis como objeto no espaço de aprendizagem organizado pelo professor baseado nos pressupostos da AOE tem se reforçado a importância da educação escolar na formação humana assim como seu desenvolvimento histórico, compreendendo que as desigualdades humanas advêm, não das disparidades biológicas naturais, mas são frutos de aspectos econômicos e desigualdades de classes ao longo da história. A dimensão teórico-metodológica da AOE, as discussões sobre o pensamento crítico e as orientações da BNCC, podem sustentar o ensino do Beach Tennis como objeto de aprendizagem atribuindo ao estudante a necessidade de superar sua realidade e construir saberes presentes na Educação Física.

Assim, o professor ao estimular atividades de aprendizagem do Beach Tennis no espaço escolar, busca reforçar essa modalidade como uma criação humana, portanto, pertencente a todos os humanos, não somente aqueles rotulados por suas posições sociais, que, levados por interesses mercadológicos encarece o seu acesso aos alunos da escola pública.

A escola nunca será neutra, em cada momento histórico ela se constitui como uma resposta à sociedade, de maneira ideológica e politicamente comprometida. Com finalidades sociais muito além dos mercadológicos, o processo de ensino e aprendizagem, “[...] consistirá na demonstração do domínio teórico do conteúdo e no seu uso pelo aluno, em função das necessidades sociais a que deve responder” (GASPARIN, 2012, p.2), ou seja, os conhecimentos científicos são reconstruídos, na sua forma teórica ou prática para novos desafios.

Em virtude disso, para proposição e estrutura das aulas de Beach Tennis na escola, procurou-se concentrar nesse trabalho, baseado na Teoria Histórico-Cultural de Vigotsky, o método dialético do conhecimento, no qual se divide em 3 fases: prática, teoria, prática. Essas fases, dentro da perspectiva escolar fundamentada na pedagogia histórico-crítica de Saviani (1999), se dividem em 5 respectivas etapas, são elas: prática social inicial, problematização instrumentalização, catarse, e prática social final.

A prática inicial consiste no momento das primeiras interações entre aluno e professor cada qual com suas experiências e conhecimentos. O professor com conhecimento acadêmico e científico maior que do aluno, mas sem conhecer a realidade dele. Essa condição de ensino e aprendizagem pode repercutir em metodologias falhas. Já o aluno traz seus conhecimentos pertencentes às suas experiências de vida. Diante disso, os conhecimentos prévios do aluno referente aquilo que vai ser tratado é o ponto de partida. Sua realidade social que vai permitir que o professor preencha essas lacunas, mapeando os conhecimentos ali representados e se aproxime mais das questões pertencentes às suas necessidades.

Após esta etapa é necessário identificar os problemas postos. A partir dela é necessário detectar questões que precisam ser corrigidas na prática social e quais os conhecimentos necessários para tal. Nesta etapa é determinado o conteúdo que será apropriado para solucionar os problemas da prática social. A problematização é um elemento chave nessa transição entre a prática e a teoria, o fazer cotidiano e a conhecimento elaborado (GASPARIN, 2012).

A instrumentalização é o momento que, em posse do conteúdo, professor e aluno agem no sentido de efetiva elaboração interpessoal da aprendizagem. A instrumentalização é a etapa da formulação de conceitos do aluno, posto a sua disposição através de ações didáticos-pedagógicas para construção do conceito científico (SAVIANI, 1999)

Neste processo de construção do conhecimento, além da análise como operação mental detectável na instrumentalização, chama atenção outra operação fundamental, a síntese. Na Catarse, deve haver uma importante combinação dessas operações, pois trata-se de uma efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados em elementos ativos de transformação social, ao assimilar o conteúdo cultural em conteúdo do ponto de vista prático. Essa etapa é de suma importância pois é onde o aluno sistematiza e manifesta o que assimilou e o quanto se aproximou da solução dos problemas levantados (GASPARIN, 2012).

A última etapa é prática social final, é o ponto de chegada. É o momento de transposição do teórico para o prático. Há uma mudança intelectual e qualitativamente nas concepções do conteúdo, com mais clareza, por parte de aluno e professor. A concepção teórica dos sujeitos se transforma em atitudes, levados por compreensões mais críticas da realidade, por um novo uso social dos conteúdos científicos aprendidos na escola.

Desta forma esperamos colocar em prática os princípios desta metodologia de ensino ao oferecer condições para o professor, enquanto agente transformador, estimular a compreensão histórica e social de seus alunos. Utilizando desta estrutura apresentaremos ações didáticas que tratam o ensino do conhecimento do Beach Tennis no espaço escolar.

Trajetória metodológica da pesquisa

Trata-se de estudo de abordagem qualitativa pois de acordo com Minayo (1994) este tipo de abordagem preocupa-se com aspectos não quantificáveis, centrando-se na compreensão e explicação das dinâmicas sociais. Caracteriza-se, ainda, como descritiva do tipo participativa haja vista que a nossa proposta de trabalho se configura como aquela em que o próprio pesquisador participa diretamente da investigação. Para Triviños (1987), em estudos do tipo descritivos, o pesquisador busca descrever os fatos e fenômenos da realidade pesquisada. Para tanto, lança mão de diferentes técnicas de coleta de dados para auxiliar na leitura da realidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os instrumentos escolhidos para a coleta de dados serão a observação participante, diário de campo ⁷, registros fílmicos e imagéticos. Elegemos a observação participante haja vista que se trata de pesquisa de e em campo, em nosso caso, em instituição escolar em que atuamos. Isto significa que o ato de pesquisar estará atrelado à atuação profissional. Nesta direção, Minayo (1994, p. 59) explica que “[...] a técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos”.

PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Todos os fatos observados ao longo do processo foram descritos e registrados posteriormente a cada intervenção em um Diário de campo. Para Weber (2009), o diário de campo é um aparato propício para o registro escrito do espaço-

⁷ Roteiro de observação proposto por (MESSIAS, 2020) para o Diário de Campo (APÊNDICE A).

tempo em que falas, comportamentos, atitudes poderão ser consideradas para a elaboração de categorias de análise e apontamentos finais. Trata-se de um suporte que está aberto à registros não técnicos, mas também de informações que parecem informais que acontecem entre uma proposta de ensino e/ou em uma roda de conversa. Considera-se, ainda, como ferramenta útil para a realização de autoanálise do pesquisador auxiliando no processo de escrita durante a pesquisa. Por fim temos os registros fílmicos e imagéticos que estão bastante presentes na vida social, econômica e política. Bauer e Gaskell (2017) pondera que esses registros, apesar de restritos, contribuem para a captura de aspectos áudio e visuais, poderosos das ações temporais e acontecimentos reais – concreto e materiais; que ultrapassam a capacidade de representação da escrita.

PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE DADOS

Os dados obtidos, ou seja, os materiais recolhidos e produzidos no campo de estudo serão tabulados em documento de editor de texto como diário de campo. A partir do diário de campo, será elaborada a análise de conteúdo. De acordo com Minayo (1994), é a expressão mais comumente usada para representar o tratamento dos dados de uma pesquisa qualitativa, limitando e interpretando o que os participantes disseram e o que o pesquisador viu e leu. A análise de conteúdo, segundo Bardin, pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (1977, p. 42)

Essa técnica preza pelo rigor metodológico composto pelas seguintes fases: pré-análise, descrição analítica e a Interpretação inferencial. A primeira fase caracteriza-se por uma leitura ampla dos dados obtido, formulação de indicadores, hipóteses e organização do material. A segunda é a fase da descrição analítica onde o material será explorado, aprofundado e codificado; amparado pelas hipóteses e do referencial teórico. Por fim, a terceira fase que é interpretação inferencial em que a reflexão e a intuição podem estabelecer relações e conexões com a realidade, uma significação ao material (BARDIN, 1977).

Nesse sentido, submeteremos a análise à estratégia temática ou categorial que é uma técnica de redução de dados qualitativos de forma a segmentá-los e categorizá-los para então reconstruí-los em padrões, capturando conceitos importantes das informações levantadas e da literatura (BARDIN, 1977).

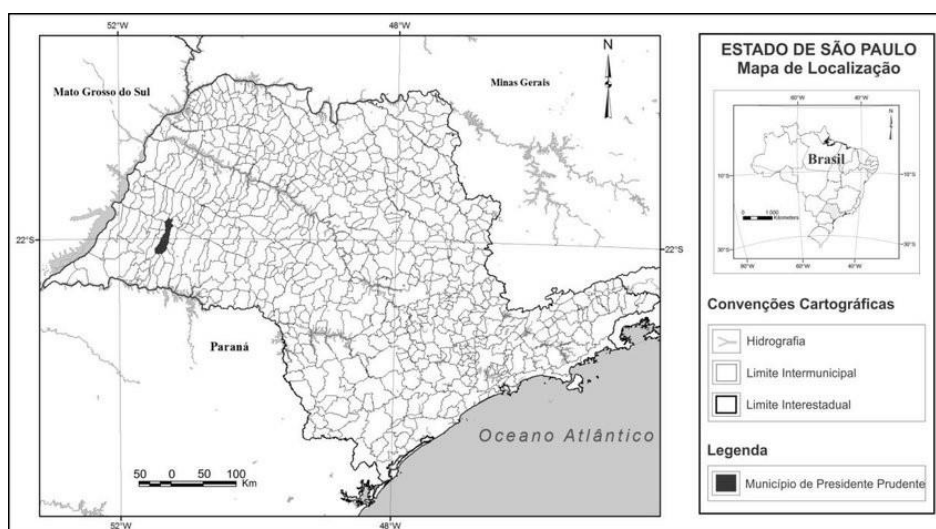
ASPECTOS ÉTICOS

O projeto após ser submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNESP – Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente, os gestores da unidade escolar serão convidados a conhecer o projeto e serão apresentados os objetivos da pesquisa assim como Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Mediante a devida autorização dos gestores o projeto será iniciado.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

A cidade de Presidente Prudente está localizada a 558 quilômetros distante da capital do Estado de São Paulo, possui cerca de 225 mil habitantes segundo dados do último censo demográfico (IBGE, 2022). Atualmente é um dos principais polos industriais, culturais e de serviços do Oeste de São Paulo, tanto é que passou a ser conhecida como a "Capital do Oeste Paulista".

Figura 1 - Localização de Presidente Prudente no Estado de São Paulo



Fonte: Malhas digitais do IBGE⁸

⁸ Disponível em: <https://concla.ibge.gov.br/links.html> . Acesso em: 20 jan. 2024.

O ensino das 54 escolas municipais está sob as competências da Secretaria Municipal de Educação (SEDUC) que garante o acesso as etapas Infantil, Fundamental (anos iniciais) e Educação de Jovens e Adultos (EJA). No entanto, somente 19 professores de Educação Física compõem o quadro de profissionais que atuam nessas escolas deixando a maioria dos alunos com atendimento comprometido realizado por professores “polivalentes”, ou seja, o professor da sala que não é formado na área acaba ministrando as 2 aulas semanais de Educação Física (SEDUC, 2024).

A escola, local de pesquisa, é a mesma onde atuo como professor de Educação Física. Oferta o ensino nas etapas infantil e fundamental anos iniciais. Compõe a rede pública municipal de ensino subordinada a SEDUC e conta com uma estrutura composta por salas administrativas, salas de aulas, corredores, cozinha e pátio de merenda, parquinho infantil, quadra esportiva coberta e áreas livres: cimentadas, gramadas e aterradas.

A população da pesquisa será composta por crianças na faixa etária de 10 e 11 anos de idade, matriculadas em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. Todos os alunos da turma serão convidados a participar mediante seu consentimento assim como a autorização de seus familiares responsáveis. A maioria dos participantes da pesquisa são meus alunos desde a minha chegada na escola em 2020, quando estavam no 1º ano, outros chegaram no decorrer dos anos.

Aproveito para descrever um pouco da minha vida enquanto professor de Educação Física nas escolas. Desde 2006 como professor na rede pública do Estado de São Paulo, passando em cidades como Bauru, Teodoro Sampaio, Tarabai, Mirante do Paranapanema, Martinópolis e Presidente Prudente, foi somente em 2020 que me efetivei aqui em Presidente Prudente na rede municipal de ensino, onde estão os alunos participantes desta pesquisa. Neste período um currículo próprio era discutido, elaborado e implementado na rede de ensino. Porém, debaixo de mudanças políticas (poder executivo e secretariado) na administração do município, em 2022 a cidade deixou o Currículo Municipal e estabeleceu o Currículo Paulista como orientador das propostas pedagógicas de suas unidades escolares e permanece atualmente.

Apesar de um ano muito difícil devido a pandemia do COVID/19 os alunos e famílias foram atendidos através das plataformas digitais e veículos de comunicação disponíveis: celulares, computadores, Google Meet, Whatsapp, Facebook, Google

Classroom, Youtube etc. Ali já eram os primeiros contatos com alunos que experimentavam, muitos pela primeira vez, a aula de Educação Física ministrada por professor especialista.

Somente no último trimestre do ano de 2021 começou o retorno as aulas presenciais. Protocolos sanitários ainda eram estabelecidos como distanciamento, disponibilidade de álcool gel, revezamento de alunos, atividades em quadra sem contato físico etc. O fato é que mesmo com todas as restrições, na aula de Educação Física percebia a satisfação e o contentamento em interagir com colegas e pisar num local tão prazeroso para aluno e professor.

Com o total retorno presencial em 2022 e as aulas de educação física também reestabelecidas em seu formato normal, aproximou ainda mais a relação com os alunos e também famílias. Mesmo há muito tempo como professor, era muito novidade lecionar para os “pequenos” e percebi que gostam muito de falar, porém gostam muito de serem ouvidos. De fato, os ouvia. Muitas histórias. Algumas sem fim, outras de dimensões “intergalácticas”, e outras bastante reveladoras que traziam à tona realidades terríveis, violência, problemas familiares, condições sociais precárias e descaso do poder público.

Aos poucos fui vendo que as aulas de Educação Física era um momento de libertação. Muito mais que das paredes da sala de aula, mas na quadra, durante as aulas os alunos reconheciam seus limites e o quanto podiam superá-los assim como seus sonhos, suas consequências, suas possibilidades. Enxergavam a escola com outro olhar. Emoções individuais e coletivas, realizações alcançadas, frustrações, o tentar, o não tentar, encorajamento geral, sentidos sensoriais aflorados, reações químicas, córtex cerebral, glândulas sudoríparas trabalhando “a todo vapor”, muita intensidade.

Já minha relação com o Beach Tennis teve início com outros esportes com raquetes e um pouco antes da minha carreira como professor.

Durante a minha passagem pelos bancos da faculdade tive a oportunidade de conhecer, através de um estágio remunerado, um esporte pouco difundido em nosso país chamado de *squash*. Nessa academia de squash foi onde aprendi dar minhas primeiras rebatidas com uma raquete, não me lembro de ter passado por essa experiencia na minha fase escolar. Lembro que foi bastante empolgante e logo estava colaborando nessa academia nas instruções durante as aulas. Num outro momento quando já lecionava numa escola pública de ensino fundamental anos

finais e médio recebemos uma oportunidade de inscrever alunos para disputar os jogos escolares na modalidade de *Badminton*, mesmo já algum tempo na rede pública não conhecia nem tampouco oportunizado meus alunos a compreenderem e vivenciarem, mas a partir daí foi quando conseguimos algumas raquetes e petecas, e ofertamos. Foi um grande sucesso na escola, os alunos ficaram super empolgados em aprender algo além das modalidades convencionais e ainda tivemos o privilégio de um daqueles alunos figurar no cenário nacional na modalidade *parabadminton* sendo hoje um grande atleta profissional.

A partir dessas experiências, não é difícil deduzir que o Beach Tennis, mesmo que de forma recreativa, ganhou minha atenção e um espaço nos meus momentos de lazer. No entanto, o fato de praticá-lo em um clube particular da cidade me incomodava pois, via muitos espaços públicos disponíveis para prática do Beach Tennis, e mesmo sendo um esporte com tamanha ascensão, ainda não havia alcançado esses lugares. Essa pesquisa nasce a partir deste momento, no anseio de aproveitar esses espaços públicos de maneira diversificada, justa e democrática.

Sendo assim, apresentamos neste momento a sequência didática configurada sob o processo dialético: prática-teoria-prática. Buscamos na primeira aula uma visão do todo e suas relações sociais de forma a motivar e criar interesse numa prática significativa. Na segunda aula foi explanado sobre os indicativos históricos que compõe o objeto de conhecimento reconhecendo o problema desencadeador através da vivência e comparações projetadas no quadro de ideias. Da terceira até a sexta aula os alunos experimentam o conteúdo com atividades que possibilitam representar mentalmente o objeto de conhecimento: rebatidas, deslocamento, percepção espacial, visão periférica, controle, manuseio de objetos etc. A sétima aula foi estabelecido como momento de manifestar o que entenderam, construindo coletivamente uma possibilidade de prática do jogo. Temos na oitava nossa última aula onde, dotados de elementos suficientes, a prática se altera qualitativamente imprimindo intenções e ações no uso social do conhecimento científico.

Importante destacarmos que norteados pelo Currículo Paulista, a turma participante desta pesquisa realizou, nas aulas de Educação Física presencialmente durante o 4º ano do Ensino Fundamental, as unidades temáticas e objetos de conhecimento: Brincadeiras e Jogos indígenas, africanos, inclusivos e de tabuleiro; Ginástica geral; Lutas e Danças Brasileiras com matriz indígena e africana; e Esportes sendo eles pré-desportivos de rede/parede e de invasão. Esse conteúdo

todo é trabalhado durante o ano com apenas 2 aulas semanais, ou seja, por volta de 16 aulas bimestrais, ficando muitas vezes impossível aprofundá-los.

A sequência didática sugerida nesta pesquisa sobre o Beach Tennis foi elaborada e desenvolvida em 8 aulas de 50 minutos, sendo em torno da metade do total de aulas do bimestre. Acreditamos ser uma quantidade suficiente para contribuir na (re)construção do conhecimento ligado a vida do educando ao trilhar uma unidade temática. Gasparin (2012), em seu livro “Uma didática para a pedagogia histórico-crítica” toma como exemplo (anexo “E” de seu livro) essa quantidade de aulas para esse processo prática-teoria-prática, ainda assim pontua que isso depende da habilidade do professor, do conteúdo, da participação dos alunos e do tempo disponível.

Por fim, acreditamos que essa sequência didática do ponto de vista organizacional e de seus elementos técnicos e táticos (situação de cooperação-oposição, interação entre os adversários, tomada de decisão e golpes, percepção espacial, lógica e compreensão etc.), assim com a fundamentação crítica que baliza este trabalho podem contribuir também para o ensino de outras modalidades como tênis de campo, badminton, frescobol, voleibol etc.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo tem o objetivo de apresentar, analisar e interpretar os dados levantados a partir dos registros fotográficos e de filmagens, assim como a aplicação do diário de campo contendo relatos dos alunos e a observação do pesquisador-participante, como instrumentos de pesquisa.

Conforme a leitura e interpretação da metodologia proposta neste trabalho procurou-se apoiar e confrontar com a bibliografia anunciada assim como a experiência profissional do docente enquanto pesquisa-participante. Dessa forma os dados foram categorizados referente a mesma organização metodológica defendida por Saviani (1999), da Pedagogia Histórico-Crítica a saber: prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final (GASPARIN, 2013). Na expectativa de ilustrar e reforçar os fenômenos categorizados, serão utilizados trechos com a própria linguagem dos participantes, ou seja, serão mencionados no decorrer desta discussão relatos como conteúdos destas observações exemplificando as categorias formadas e as análises elaboradas.

O ponto de partida para a apropriação do conhecimento na escola é a *prática social* (GASPARIN, 2013). Foi realizado conforme a sequência de aulas na temática do Beach Tennis os primeiros contatos, evidenciando as relações com a vida cotidiana, mobilizando os alunos ao processo pedagógico.

Nesta primeira leitura da realidade foi anunciado os conteúdos e seus objetivos: a aprendizagem do Beach Tennis como conteúdo e os desafios de uma prática com pouco acesso à população mais carente. Percebe-se que os alunos ao serem questionados sobre os esportes que conheciam citaram alguns como: “beisebol, golfe, futebol, betis, tenis, vôlei, handebol, queimada... (DIÁRIO DE CAMPO, 16-02-24)”. Porém, muitos não sabiam como se pontuava ou confundiam o nome dos esportes. Assim também, questionou-se materiais de uso (raquetes) destes esportes e movimentos que são utilizados:

Quadro 3 – Esportes – Diário de campo

Como se pontua nos esportes citados?		Esportes que utiliza raquetes e seus movimentos?	
FUTEBOL:	“fazer gol”	VOLEI	“dominar”, “tapa no ar”
BETIS:	“levar a pedra até o outro gol”	PING PONG	

BASQUETE:	“fazer cesta”,		TENIS	“jogar a bola pra cima”
VOLEI:	“atingir o território do outro com a mão”,		BEACH TENNIS	
BEISEBOL:	“passar pelas bases”,		HOQUEI	
FUT. AMERICANO:	“chegar no outro lado do campo”			

Fonte - DIÁRIO DE CAMPO, 16-02-24

É importante que o professor considere também a vivência cotidiana dos conteúdos como leitura de mundo do aluno, o que ele traz consigo, ou melhor, em si. Aquilo que os alunos já conhecem sobre o tema. Sua origem social está marcada fortemente nesta espontaneidade, sentimento, emoção e aceite como ponto de partida (FREIRE, 1999). Como no quadro de relatos acima este momento deve solicitar a mobilização das concepções dos alunos a respeito do objeto. Gasparin (2013) com base na teoria vigotskiana diz que este estágio é o nível de desenvolvimento atual onde o aluno se depara com um saber que existe antes do conhecimento escolar. Apesar de citarem diferentes esportes não se atentaram sob o ponto de vista do conceito de esporte, o que precisa para ser declarado como esporte, como ficou claro ao incluir o jogo “betis” nesta lista.

Observa-se que essa compreensão, ainda que venha ser um conhecimento preenchido por experiência, sua condição de aluno implica em algumas impossibilidades onde o professor pode articular experiência pedagógica nesta prática social, organizando e sistematizando esse saber.

Apesar de alguns alunos já saberem do que se tratava, o BT enquanto prática esportiva; outros, no entanto, jamais tinham ouvido falar desta modalidade, sendo que no decorrer deste contato inicial foram enriquecendo e complementando sua concepção. Vale lembrar que neste momento os alunos estão em fase de ponto de partida é necessário criar um clima de predisposição favorável a aprendizagem até porque “[...] a maior dificuldade para uma criança reside na descoberta dos aspectos essenciais de um conceito e na compreensão de sua importância” (NATADZE, 1977 apud GASPARIN, 2013, p. 17).

A relação de aluno e professor com o BT como objeto de ensino entra em linhas de organização pedagógica. Neste momento, essa relação é transformada em

ações concretas de ensino, operacionalizadas através de uma dinâmica chamada “Imagem e ação”.

Figura 2 – Aluna realizando o gesto do vôlei na dinâmica “Imagem e ação”



Fonte – Acervo pessoal

Colocados à frente de algumas imagens esportivas, o aluno escolhido, realiza gestos a fim dos demais alunos acertarem o esporte representado, sendo eles: beisebol, vôlei, beach tennis, tênis de campo, atletismo e futebol. “A assimilação das características fundamentais de um conceito é muito mais fácil para criança quando os traços definidores deste conceito se apresentam com as imagens visuais correspondentes” (GASPARIN, 2013, p.17). Suas percepções, seu repertório de informações, sua vivência, enfim sua prática social é de certa maneira posto à prova, com atividades elaboradas pela humanidade, conhecidas ou não, porém já com alguns fragmentos espalhados ainda não encarnados no conceito (NASCIMENTO, 2004). A Atividade Orientadora de Ensino (AOE) (MOURA, 2001) fundamenta a importância da reconstituição de uma atividade humana, neste momento para esses alunos apresentado como forma do esporte.

Esta confusão conceitual também se implicou no aspecto procedimental dos esportes

Em princípio o docente situa-se em relação à realidade de maneira mais clara e mais sintética que os alunos. Quanto a estes, pode-se afirmar que, de maneira geral, possuem uma visão sincrética, caótica. Frequentemente é uma percepção de senso comum, empírica, um tanto confusa, em que tudo de certa forma aparece como natural. Todavia essa prática do educando é sempre uma totalidade que representa sua visão de mundo sua concepção da realidade ainda que muitas vezes naturalizada (GASPARIN, 2013, p.16).

Ao serem questionados sobre a possibilidades de prática dos esportes com uso de raquetes relataram que todos podem jogar, porém o motivo que muitos não jogam é o fato de não quererem ou já realizam outros esportes.

A respostas bastante simplórias e naturalizadas permitem neste momento de prática social, reflexões sobre problemas que emergem, sempre com a pretensão de possibilitar ao aluno da escola pública entender a realidade social interpretando-a e explicando-a a partir dos seus interesses de classe social (SOARES et al, 1992). A classe trabalhadora defendida por esses autores e apoiada por esta pesquisa entende que a criança possui necessidades nas quais ainda não se deram conta. A justificativa de não poder jogar pois não quer, pode não servir em outros momentos quando quiser jogar e não ter acesso a espaço, materiais e meios de organização, enfim ao conhecimento relacionado àquela prática. Apesar de identificar e abstrair características visuais comuns, é só bem mais tarde e a partir de formas sistematizadas de aquisição do conhecimento que ela incorporará as propriedades essenciais de um conceito com clareza e conseqüentemente a sua importância social.

Indagados sobre onde e como poderiam jogar esses esportes relataram que precisariam de lugares específicos e pessoas preparadas para ensinar. Nesta condição a escola deve promover a apreensão da prática social, portanto, é levado essa leitura da realidade para que, como objeto de diálogo, se conectem ao conteúdo científico. Neste sentido a prática social aqui defendida não reside naquilo que o aluno, enquanto indivíduo, faz ou sabe sobre determinado conteúdo. Essa prática social traduz uma compreensão que perpassa todo um grupo social (GASPARIN, 2013).

Nesta mesma aula, a próxima atividade os alunos assistiram um trecho de um vídeo de uma partida de Beach Tennis. Fizeram observações e questionaram sobre o lugar de jogo, correlação com outros esportes, contexto social, regras e material desta prática.

Quadro 4 – Beach Tennis – Diário de campo

<i>Beach Tennis?</i>	
ESPAÇO:	“já joguei na praia”, “no balneário tem rede”,
CORRELAÇÃO:	“parece um vôlei com raquetes”, “É Tennis de praia, professor?”, “Nunca joguei

	por que não tenho raquetes”, “o vôlei pode rebater também”
CONTEXTO:	“nunca fui na praia”, “já vi na tv mas não sabia o nome”, “arenas esportivas porque parece mais do jogo”
REGRAS:	“seguram no cabo da raquete”, atingir o território do outro com a mão”, “não dar mais de dois toques”, “jogam em dupla”, “era um homem e uma mulher”
MATERIAL:	“raquete profissional é cara”, “dá pra adaptar”, “precisa de rede, areia, óculos e bola”, “raquete de BT é fechada”, “o furinho é pra fazer rapidão e o vento não ficar ali”, “quanto mais leve mais cara por que ajuda”

Fonte – Diário de campo

Neste momento de prática social alguns problemas sociais são evidenciados, por exemplo: “*nunca fui na praia*”. Ao perceberem que estão envolvidos neste processo pedagógico carecendo de reflexão crítica os alunos ultrapassam a considerada “prática pela prática” ao compreender esse mundo real. Algumas nuances e reflexões podem aparecer como: Qual o motivo que minha família e meus amigos não conhecem esses esportes? Por que outros esportes como o futebol é tão próximo e “digerível”? Quais pessoas frequentam a praia como espaço do BT? A escola como espaço social neste momento rompe com seus próprios muros (“*no balneário tem rede*”) proporcionando uma apropriação coletiva deste conhecimento sistematizado, tendo em vista as possibilidades de intervenção no mundo.

Na atividade seguinte, os alunos escolheram e praticaram o jogo “Câmbio” dentro de algumas características apresentadas referentes ao BT. As características similares foram duas: rede divisória e o objetivo de fazer a bola cair no campo adversário). Esse jogo é praticado no formato de vôlei com redes e uma bola, porém segurando a bola sem rebater. O objetivo é fazer a bola tocar o lado oposto da quadra passando por cima da rede. Salientamos que esse jogo já fora apresentado e praticado na aula de Educação Física e essa turma o praticou em um evento de Dia das Crianças.

Mesmo um conhecimento construído no decorrer de anos anteriores, agora pode ser mecanismo útil de conscientização para contribuir com a expressão elaborada da criança e a formação do pensamento. Sobre isso Saviani (1999, p. 81) esclarece que se trata de “[...] efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos de transformação social”.

O que os alunos em outro momento ascenderam em níveis sintéticos, ou seja, experimentaram, interpretaram, levando a um sentido concreto através do jogo “Câmbio”, agora passa a compor novamente a prática social de um conteúdo diferente, no caso o Beach Tennis, sendo considerado um ponto de partida na ação de apropriação do novo conhecimento, possibilitando o professor selecionar os processos pedagógicos mais adequados. Sendo que para o novo conhecimento é inicial, porém ao antigo, final.

Diferentemente de um modelo tradicional destaca-se na pedagogia histórico-crítica os conteúdos não serem mecânicos, desconectados da prática social, fixos. Ao contrário, nesta perspectiva, os conteúdos são vivos, reais e dinâmicos. Portanto, fica evidente que o jogo “Câmbio” foi materializado em conhecimento e a prática revela a expressão da aprendizagem do conteúdo do aluno como um momento catártico, não dentro de uma ordem cronológica, mas de “[...] momentos articulados num mesmo movimento, único e orgânico” (Idem, p. 84).

Por fim nesta fase, diante do questionamento feito aos alunos se é possível saber o que a pessoa joga por ser rico ou pobre eles responderam em uníssono “não”. Analisamos conforme aponta Saviani (1999) que nesta situação social de desenvolvimento, abrangendo o ensino fundamental em seus anos iniciais, a problematização deve ser diretamente ligada e dependente da instrumentalização, pois a capacidade de problematizar depende de certos instrumentos, por isso a razão de reflexões ainda um pouco superficiais. Os alunos, ao se depararem com grandes questões sociais, como esta, se mostraram carentes de ferramentas culturais (histórico, corporal, científico, literário etc.) para uma melhor compreensão da realidade em toda sua complexidade.

É neste sentido que defendemos o papel da escola e do professor como aquele que apresenta a cultura mais elaborada aos estudantes das escolas públicas, para que estes se tornem dirigentes de sua própria vida e não vivam alheios ao conhecimento historicamente acumulado.

A *problematização* como segunda categoria de análise é o momento no qual se detecta e discute questões surgidas durante a prática social, especificada no conteúdo da unidade que está sendo estudada. Neste momento foi apresentado o objetivo no qual se discute a história do BT, seus padrões estabelecidos até hoje e as possibilidades dessa prática corporal. De certa forma, como constatado na prática social, é um problema que soa imperceptível aos alunos, mas nesta oportunidade o

conhecimento que irão dominar vai além do conceitual-científico, transcendendo para sua realidade social com expectativas e aspectos interdisciplinares no intuito de solucionar esses problemas.

Sobre essa prática educativa articulada às ações coletivas, sobretudo a necessidade de dominar o saber histórico, Gramsci (1975, apud SAVIANI, 2013, p.19) chama atenção à consciência social como investida a um novo patamar

[...] e não se pode obter isso (*consciência*) se não se conhece também os outros, a sua história, o suceder-se dos esforços que eles fizeram para ser isto que são, para criar a civilização que criaram e que nós queremos substituir pela nossa. Quer dizer, ter noções de que coisa é a natureza e as suas leis para conhecer as leis que governam o espírito.

Gasparin (2013, p. 34) observa que se na prática social inicial “[...] consiste em ver a realidade e tomar consciência de como ela se coloca no seu todo”, agora nesta fase será o de questionar isso. Foi lido aos alunos alguns trechos da história do BT e sua ligação com o Tenis de Campo destacando seu percurso histórico segmentado e elitizado.

Na atividade seguinte chamada “Jogo do Rei”, o professor destacou que em determinado momento histórico na Inglaterra somente os clérigos, burgueses e príncipes podiam jogar o Tenis. Sendo assim, o “Jogo do Rei” seria uma alusão a história relatada e aos limites impostos ao povo em geral. Neste jogo, um aluno foi escolhido para dar início (rei), se posicionando no centro da quadra. Organizou a turma em uma das áreas de gol. Inicialmente o jogador do centro fala bem alto “Jogo jogado, por reis são achados”, e o restante da turma responde “E se eu quiser jogar”, em seguida o jogador do centro responde “Uma cor tem que mostrar”.

Nesse momento o “rei” fala uma cor na qual quem tiver na roupa ou calçado poderá passar até a outra área livremente. Aquele que não tiver terá que fugir do “rei” para não ser pego. Os jogadores pegos se juntavam ao “rei”.

Esta atividade foi uma proposta que surgiu de um jogo que os alunos já praticavam chamada de “Rio vermelho”. O formato dela chamou atenção pois permite-se a passagem pelo “rio vermelho” de determinados alunos e impede-se outros. Assim o objetivo do “Jogo do Rei” era levar ao consciente da criança a segmentação presente na história da sociedade assim também em alguns esportes como o Beach Tennis.

É papel da Educação Física evitar equívocos ao compreender a totalidade relativa do ser humano somente nas frentes: afetiva, cognitiva e a motora. Ele também é um ser social e histórico. “O homem, além de se constituir em um ser histórico, busca agora se apropriar da sua historicidade. Além de fazer história, aspira a tornar-se consciente dessa sua identidade” (SAVIANI, 2013, p. 2).

Foi perceptível o entusiasmo dos alunos no momento do “Jogo do Rei” uma vez que os dados da realidade social foram reforçados via a historicidade. A sensação de pertencimento não somente ao processo pedagógico, mas todo um percurso histórico no qual ele (o aluno) faz parte.

Na atividade seguinte, ainda problematizando o BT na expectativa de visualizá-lo como está posto na sociedade, foram indagados sobre locais de prática do BT na cidade e assim responderam:

“No Balneário, eles praticam lá”, “No Sesc”, “No Tennis Clube”.

Todas as pessoas têm acesso a esses lugares?

“Sim, mas no Tennis Clube não” (DIARIO DE CAMPO, 19-02-24).

Foi lido sobre o “Jeu de Paume” (jogo da palma), precursor do Tennis que surgiu na França por volta do século 13, e que era usado somente as mãos para rebater ou uma espécie de luva chamada de “battoir”.

O professor chamou atenção ao fato que o “Jeu de Paume” passa a ser praticado em outros países, sendo que na Inglaterra, são construídas quadras fechadas dentro dos castelos, o que então teria dado origem ao termo “tênis real”. Nesse período a aristocracia se recusava a praticar qualquer jogo que exigisse contato físico, por considerar esse contato indigno (DALCIM, 2023).

“Professor, se um pobre virasse rico ele ia pro lado do Rei?”, “Eles eram pretos?” (DIARIO DE CAMPO, 19-02-24)

Após essa contextualização, a proposta foi em vivenciar o “Jeu de Paume” não tão preso às suas regras, porém utilizando somente as mãos, sem uso de raquetes. Foi distribuído uma bolinha de espuma para cada dupla. As crianças foram

posicionadas de frente para outra e cada vez que rebatesse a bola, sem cair no chão, ia-se mencionando as letras na sequência do alfabeto. Ao cair a bolinha, um nome era falado com a última letra mencionada.

Essa experiência apesar de simples tinha como objetivo informar a criança sobre o fator cooperativo para atingir objetivos estabelecidos, não necessariamente a obrigatoriedade da competição “a qualquer custo”. Utilizar somente as mãos para rebater a bolinha apresenta algumas diferenças em relação ao uso da raquete que farão sentido no decorrer das aulas com o uso desse material como: direção da bola, potência no golpe, área de contato com a bolinha, lado dominante e não dominante, alcance do raio de ação etc.

O ato educativo, na perspectiva da teoria histórico-crítica, possibilita ao professor contribuir para o desenvolvimento da consciência da criança sobre o mundo. Ao se depararem com determinados problemas poderão ler a realidade a partir de conhecimento científicos cada vez mais elaborados suplantando crenças e preconceitos (SAVIANI, 2023).

Esse autor também esclarece sobre a chamada consciência irrefletida na qual os fenômenos periféricos são observados e percebidos, porém não são problematizados. De forma mais clara, é o que enxergamos de maneira automática, mas não levamos a reflexão.

Já na consciência refletida há um aprofundamento desse olhar às coisas. O Beach Tennis ao ser tematizado neste processo pedagógico é tomado como objeto de análise ao ser questionado seus referenciais históricos elitizados e como a sociedade está ou foi sendo organizada ao longo dos tempos. O aluno passou da consciência irrefletida para a refletida. Ante ao simples fato de saber que existe o BT ou que em algum momento o assistiu na TV ou através da internet, o aluno progride para uma atitude de conhecimento, uma consciência clara, elucidativa, capaz de fazer entender melhor o mundo que o cerca: Quem eram as pessoas que jogavam o BT? Quais as pessoas que atualmente jogam? Como eu (aluno) me posiciono neste contexto para intervir ou superar a condição atual?

Durante a roda final e construção do quadro comparativo questões de dimensões histórico-sociais foram levantadas como: Os jogos praticados por pessoas privilegiadas ainda existem até hoje? Onde estão essas pessoas e o que elas têm de diferente? Todos podem jogar BT?

Gasparin (2013, p. 42) sinaliza que a problematização representa um desafio para professores e alunos sendo assim “[...] as questões elaboradas devem necessariamente expressar as diversas dimensões que mais especificamente se referem à natureza do conteúdo”.

Essas questões fundamentais podem ser elaboradas com os alunos durante a aula, mas devido a superficialidade vista pelo fato de não trabalharem com esse método, as questões foram previamente elaboradas no planejamento da aula. Além disso, optou-se em não fazer questões problematizadoras para cada um dos tópicos do conteúdo, ou seja, cultural, político, estético, literário, técnico, operacional etc., mas preparou-se questões de ordem geral que se conectam com todo o conteúdo.

Nessa atividade do quadro comparativo os alunos escolhiam uma das palavras previamente imprimidas e recortadas, e então as colava no quadro. O aluno poderia dar uma breve explicação sobre a escolha daquela palavra e depois colar no lado do “Jeu de Paume” ou do BT.

Tendo em vista as diversas palavras utilizadas como: “*legal, Itália, raquetes, esportes, tapa, mão, praia, Brasil, pobres, rápidos, reis, mulheres, crianças etc.*” (DIÁRIO DE CAMPO, 19-02-24). Muitas questões permeavam esse momento quando da elaboração do quadro comparativo. Os alunos puderam reforçar seu pensamento reflexivo na formação de conhecimento na ordem conceitual como por exemplo: “O BT é esporte ou jogo? Ou ainda quanto ao espaço de prática e dinâmica de jogo do BT “Quadra ou praia? Utiliza rebatidas? Tapas? Usa somente as mãos? Ele é rápido ou devagar?”

Figura 3 – Quadro comparativo criado pelos alunos / Fonte – Acervo pessoal



Ao realizar essa atividade, diferentes domínios estão em evidência, porém isso representa a maneira que, em posse da humanidade naquele tempo e espaço, interveio. Seja na dinâmica daquela determinada prática, ou uso de implementos e materiais de jogo, configurações e formatos de disputas.

Diante disso, os alunos carecem, como desafio do seu tempo, aprender com maior precisão a realidade de hoje, utilizando dos conteúdos escolares para então atuarem criticamente. As dimensões que os conteúdos são tratados nada mais são do que “[...] a expressão da totalidade constitutiva da realidade de um determinado momento histórico. Assim sendo, para aprender a realidade de hoje faz-se necessário dominá-los e atualizá-los” (GASPARIN, 2013, p.43).

Corroborando com Malanchen e Zank (2020) sobre os diferentes saberes no currículo, preocupou-se em incorporar nesta sequência didática, destacados nesta etapa da *problematização*, saberes corporais ligados aos conceitos contra hegemônicos.

A Educação Física reside constantemente nesta luta pois muitas vezes essa área é subjugada. A escola que se submete anualmente as provas e avaliações externas (nível estadual ou federal) não se exige, pelo menos diretamente, o conhecimento relacionado a esse componente curricular. Acaba não vendo com bons olhos esse tempo que poderia ser “melhor aproveitado” com outros componentes. É visto também nas escolas a valorização do saber intelectual em detrimento ao operacional, onde se entende, erroneamente, que para Educação Física não é necessário refletir sobre o que se faz. Assim, temos que determinadas práticas sociais e formas de realizá-las são legitimadas, enquanto outras são desprezadas.

Trata-se de confrontar o que hoje está presente hoje no currículo e de apresentar outros princípios que auxiliem no processo de emancipação humana e na transformação radical da sociedade.

“Os ricos ficavam em lugares mais bonitos?” (DIÁRIO DE CAMPO, 19-02-24)

Ao questionar o Beach Tennis como está posto na sociedade assim como seu acesso na escola pública, os alunos passaram a elaborar reflexões sobre a história do jogo, das pessoas que o praticam e de sua própria realidade.

Um esporte em dupla, que pode ser misto, que usa raquetes, que tem um histórico exclusivista presente na escola pública pode contribuir para esclarecer sobre o modo como se produzem e disseminam os discursos pejorativos, ou seja, como se instituem as diferenças (NEIRA, 2020).

Apesar da instrumentalização ter iniciado nas aulas em etapas anteriores, neste momento, as vivências práticas se aproximaram cada vez mais do Beach Tennis.

É nesta etapa, da *Instrumentalização* propriamente dita que o conteúdo será colocado a frente do aluno por meio de ações didático-pedagógicas para formular o conhecimento. Neste sentido, “[...] a instrumentalização é o caminho pelo qual o conteúdo sistematizado é posto à disposição dos alunos para que o assimilem e o recriem e, ao incorporá-lo, transformem-no em instrumento de construção pessoal e profissional” (GASPARIN, 2013, p.51).

Na roda inicial desta aula, o professor perguntou sobre quais as dificuldades em jogos com características do Beach Tennis que os alunos conseguem reconhecer; sendo que responderam:

“acertar a bola”

“acertar os movimentos”

“menos pessoa é mais difícil”

“bola tem que passar por cima da rede”

“na areia posso me jogar, mas aqui não”

“na areia fica mais pesado”

(DIÁRIO DE CAMPO, 21-02-24)

Para organizar essas informações, nesta primeira aula desta etapa utilizou-se alguns materiais como bexigas e cones. A disponibilidade e o preparo dos materiais facilitaram o transcurso da aula, sabe-se para lacunas podem ser sinônimos de perda de foco e indisciplina.

O desafio da primeira atividade consistia em não deixar a bexiga tocar o chão. Os limites do espaço de jogo foram colocados com cones. O professor aos poucos foi inserindo bexigas no espaço de jogo aumentando a movimentação das crianças e a dificuldade de manter as bexigas no ar.

Na atividade seguinte o professor colocou os cones em formato de quadrado. Foi proposto aos alunos um tipo de pega-pega, mas percorrendo somente as extremidades do quadrado. Os alunos apresentaram uma certa dificuldade em deslocar lateralmente, porém foi destacado a importância disso nos esportes de rede.

Para aumentar a dificuldade foi feito o uso de bexigas. Cada jogador recebeu uma bexiga, tanto o pegador quanto o fugitivo. Além do deslocamento o aluno não poderia deixar a bexiga cair. A noção de controle e estratégias de jogo foram habilidades mobilizadas neste momento.

Por fim, o professor propôs o jogo do “Alerta”, porém com a variação do uso de bexiga. É uma brincadeira presente no contexto comunitário e escolar. Um jogador rebate a bexiga para cima e grita o nome de outro jogador. O jogador chamado deve pegar a bexiga antes que ela toque o chão e gritar “alerta”, neste momento as outras crianças têm que ficar como estátuas. Quem estiver com a bexiga dá cinco passos e tenta acertar rebatendo em alguém. Se conseguir, a brincadeira recomeça. Se errar, ele cede a condição de jogar a bexiga para cima ao jogador que ele pretendia, mas não conseguiu acertar.

O intuito desta atividade era aproximar uma prática corporal comum da importância das relações de tempo e espaço essenciais no Beach Tennis.

“Pode ser feito, menino chama menina, porque eles só querem chamar eles”, “Só 5 passos?”, “Tem que pegar a bexiga?”, “Mas só vale rebatendo, né?” (DIÁRIO DE CAMPO, 21-02-24)

Buscou-se nestas atividades com bexigas reconhecer diferenças e semelhanças nas ações e operações no jogo de Beach Tennis quanto ao deslocamento: velocidade, tempo de reação, noção espacial; e quanto a forma de rebater: palma ou dorso da mão, direção do movimento, lateralidade. Observou-se grande entusiasmo dos alunos, porém uma certa dificuldade em realizar ações não tão comuns em outros jogos.

Como vimos acima, nesta aula os alunos foram desafiados utilizando alguns jogos.

O jogo é o meio para o ensino de grande parte das modalidades esportivas atualmente, especialmente as de invasão e de rede/parede. Diversas são as abordagens que se utilizam desse meio para o ensino dos esportes. As

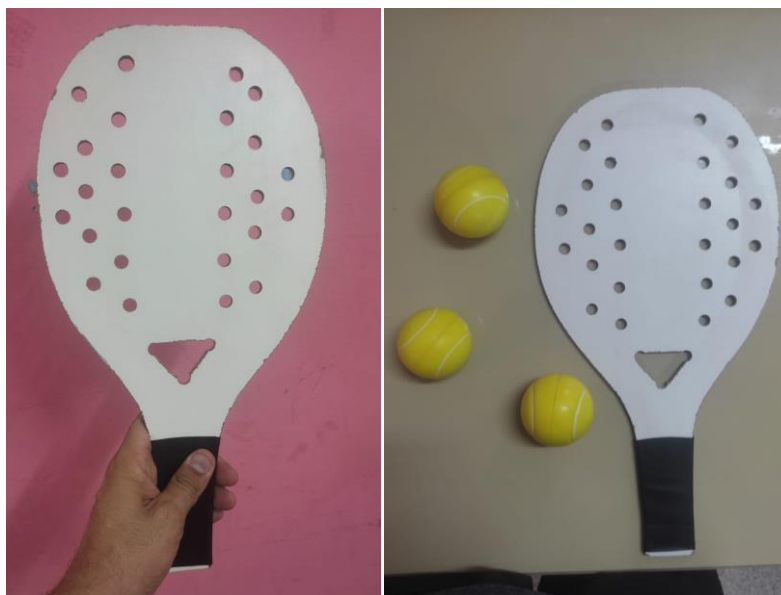
mais comuns, no entanto, são destinadas ao processo de ensino dos esportes coletivos, especialmente os de invasão” (HARVEY; JARRETT, 2013 apud GINCIENE et al, 2017).

Para esses autores e outros como Siedentop, Hastie e Mars (apud GINCIENE et al, 2017) esportes de rede necessitam de maiores habilidades técnicas do participante, sendo assim as dificuldades encontradas por iniciantes em esportes como Beach Tennis, Tênis, Badminton etc., podem ser minimizadas por um processo de ensino-aprendizagem que dispõem de jogos ou minijogos. Nesse sentido iniciar a modalidade estimulando habilidades de forma progressiva, juntamente com a adaptação dos materiais pode contribuir para o seu ensino.

A proposta da aula seguinte foi vivenciar ações relacionadas a lógica interna do BT. Essas ações irão definir a forma como os jogadores poderão atuar no contexto do jogo, a partir do estabelecimento de normas quanto às possibilidades de interação com o espaço, jogadores, material e tempo.

Os alunos tiveram a oportunidade de utilizar como material de jogo uma raquete de BT adaptada. Essa raquete feita de MDF foi previamente construída pelo professor com materiais doados. A escolha da raquete teve influência direta na escolha das bolinhas. A bolinha de BT foi adaptada com as de espuma.

Figura 4 -Raquete e bolas adaptadas



Fonte – Acervo pessoal

“Professor, as raquetes ficaram muito boas” (DIÁRIO DE CAMPO, 23-02-24)

Muitos deles, estudantes da escola pública, nunca tiveram oportunidade de utilizar raquetes, mesmo que adaptadas. Na atividade da aula anterior com bexiga ações de “cooperação e oposição” foram exercitadas, sendo que agora, nesses minijogos com raquetes, mais ênfase nas possibilidades com características próprias do BT. Os movimentos que realizavam para rebater a bolinha não estavam descontextualizados da lógica interna do jogo, isto era intrinsicamente desenvolvido com a compreensão do jogo (GINCIENE et al, 2017).

Figura 5 – Minijogos utilizando raquetes



Fonte – Acervo pessoal

Foi estabelecido em uma dessas atividades o arremesso por baixo e rebatidas, dispondo de um tempo para trocar a função dos jogadores. Alguns alunos apresentavam grandes dificuldades em gestos motores específicos desta modalidade enviando para longe da quadra ou por baixo da rede, porém outros conseguiam fazer suas rebatidas com as raquetes, ainda que com pouca troca de

passes/rebatidas. Usou-se também formatos de quadra nos recortes transversais (DIARIO DE CAMPO, 26-02-24) para aproveitar melhor o tempo de atividade dos alunos.

Figura 6 – Miniquadras formada com cones a partir da quadra de vôlei/futsal



Fonte – Acervo pessoal

Durante este momento de instrumentalizar o conhecimento, pode-se destacar a percepção lúdica observada durante atividades de cunho técnico fazendo com que os alunos não se inibissem pelo baixo desempenho nem ficassem desestimulados ao se “comparar” com outros (DIARIO DE CAMPO, 23-02-24).

Para Kunz (1994) a utilização do esporte com características de treinamento na escola é alvo de crítica, pois poucos alunos vivenciarão o sucesso e a grande maioria confrontarão com o fracasso, fato esse que remete ao professor uma maior atenção. Neste entendimento Barroso (2020, p.88) enfatiza,

[...] a tarefa fundamental da escola é democratizar o acesso ao conhecimento de todos os alunos, independente de qualquer condição. Portanto, é determinante que o processo de ensino seja balizado pelo princípio da equidade, sem existir nenhum tipo de exclusão ou seleção de estudantes de acordo com suas dificuldades ou aptidões.

A escola que se quer demarcar neste trabalho não é apenas mais um lugar como clubes, escolinhas ou praças. Fundamentados em Fensterseifer e González (2010) entendemos a escola como instituição social com uma função específica, que busca abordar de forma reflexiva e crítica os conteúdos de sua cultura, sendo o esporte na qualidade de conteúdo escolar.

Destaca-se que as atividades com experiências desde as mais simples até as mais complexas num único jogo, como foi a “berlinda” (DIARIO DE CAMPO, 26-02-

24). Esse jogo foi uma atividade criada pelo professor no intuito de manter mais tempo no jogo o aluno que perdeu, estimular desafios gradativos ao ganhador, e oferecer mais possibilidades aos alunos menos habilidosos.

Neste jogo formam-se filas no fundo das miniquadras. O objetivo é semelhante ao do BT, não deixar a bola cair no chão. O jogador utilizando raquetes inicia o jogo rebatendo a bola por cima da rede. O perdedor do ponto continua em quadra para ajudar o próximo de sua fila, ou seja, na *berlinda*, formando assim um 2 contra 1. Se ele vencer novamente, mais um jogador ficará na *berlinda* e formará um 3 contra 1, assim sucessivamente. No entanto, se o lado com mais jogadores vencer o “rally”, somente o (s) jogador (es) que estavam na *berlinda* saem, isto é, o jogador que acabou de entrar permanece para continuar o jogo.

Figura 7 - Berlinda



Fonte – Acervo pessoal

Na aula seguinte, a partir da proposta de tarefa de casa que era apreciar um jogo oficial de Beach Tennis, o professor discutiu os termos em inglês que são usados no BT como: forehand, backhand, smash, staff etc. Além desses movimentos específicos do BT falou sobre os padrões oficiais do BT enquanto esporte: pontuação, medidas, materiais etc.

“Eles fizeram 40. Já acaba?” (DIÁRIO DE CAMPO, 28-02-24)

Observou que tiveram grande dificuldade em utilizar durante a prática a pontuação oficial. Dentro da proposta da aula eles conseguiram reconstruir o jogo e nesta oportunidade, utilizaram a pontuação mais simples: 1 a 5 pontos.

Neste contexto, domínios atitudinais procuraram-se atingir como respeito e a percepção do outro. A proposta de uma intervenção utilizando regras oficiais, mas em condição sentada, sugeriu que esses objetivos fossem alcançados.

Figura 8 – Beach Tennis sentado



Fonte – Acervo pessoal

Seguindo esse raciocínio, Zabala (1998, apud BARROSO, 2020, p.74) afirmou que os “[...] conteúdos atitudinais englobam uma série de conteúdos, que por sua vez podem agrupar-se a partir de valores (juízo sobre as condutas); atitudes (comportamento constante); normas (comportamento em grupo)”.

“Professor, pode jogar com cadeira de roda?”, *“Pro cadeirante seria mais fácil”*
(DIÁRIO DE CAMPO, 28-02-24)

Quando se trata do ensino de esporte, sobretudo no viés do processo de ensino e aprendizagem do Beach Tennis posto neste trabalho, pretende-se contribuir para uma prática mais acessível, ou seja, discutir e trazer à tona não somente a questão econômica como marcante para a prática do BT, mas também a temática de inclusão de pessoas com deficiência. Não pode falar de inclusão sem vivê-la, é preciso agir, sentir e se posicionar frente à tarefa da vida social.

A atividade proposta foi o Beach Tennis sentado. Os alunos foram organizados em equipes de 8 alunos com raquetes dispostos na quadra de vôlei com a rede na altura aproximada de 1 metro. O jogador pode deslocar sentado, mas no momento da rebatida os glúteos devem estar encostados no chão. Nesta atividade eles tinham a oportunidade de experimentar funções distintas, jogadores e *staff*, que seriam árbitros, anotadores e apoio em geral.

“Sentado bate a raquete”, “Fui péssimo”, “Difícil de movimentar” (DIÁRIO DE CAMPO, 28-02-24)

Permanecer em uma posição corporal sem possibilidade de mudar é bastante difícil e carece de alguns recursos adaptativos para que essa experiência se torne menos incômoda possível. A maneira como vão se deslocar, o movimento limitado do golpe, estratégias e percepções espaciais reelaboradas etc., surgem como situações-problemas reais que de certa forma são uma oportunidade de sensibilizar, conscientizar e superar a barreira de relacionamento com as pessoas com deficiência.

Elementos como pensamento de superioridade impulsionado por classes dominadoras, sentimentos de supremacia daqueles considerados “normais” segundo padrões e normativas vigentes diante dos deficientes e ineficientes perante a sociedade; são observados durante a aula e desmitificado através de condutas valorativas ressignificadas sob o princípio da inclusão.

“É muito difícil não andar”, “Cada um ajuda o outro” (DIÁRIO DE CAMPO, 28-02-24)

Darido (2003) lembra que o princípio da inclusão, referendado pelos PCN's (BRASIL, 1997) propõe um relacionamento das atividades da Educação Física com os grandes problemas da sociedade brasileira. A Educação Física que em outros tempos era tida como simples “atividade”, hoje ela é um componente curricular respaldada por documentos legais (LDB/96) e que assume a responsabilidade de contribuir para integração do cidadão na esfera da cultura corporal.

A partir disso chegamos no momento de assegurar se o que foi ensinado, de fato foi aprendido. Nesta etapa chamada de *catarse* é a expressão da aprendizagem

do conteúdo pelo aluno. Mesmo isso ocorrendo em todo o processo é agora que isso fica evidenciado (GASPARIN, 2013).

Como forma de manifestação da compreensão dos alunos em relação ao Beach Tennis foi proposto duas intervenções avaliativas: a criação de um jogo com características específicas, porém discutido e democratizado por eles e a produção textual coletiva, de forma interdisciplinar com o auxílio da professora regular da turma para efetivação desta proposta.

Na atividade de criação do jogo observou-se a formação de grupos pelos alunos como uma tarefa cooperativa e de representação da realidade. Um dos aspectos centrais que embasam a capacidade de ler e de escrever é o desenvolvimento da capacidade de representar a realidade. Ao escrever sobre o novo jogo e suas regras, dois dos quatro grupos apresentaram poucas palavras sendo algumas desconectadas. Observa-se que alguns alunos desta turma do 5º ano do Ensino Fundamental têm dificuldades de escrita e de organização.

Nesta oportunidade o professor algumas vezes teve que reforçar aos grupos as orientações da atividade quanto à estrutura proposta do jogo, só assim os alunos conseguiram desenvolver melhor a proposta, porém, acabou demandando muito tempo nesta parte da aula.

É importante destacar que o aluno passará ao domínio da atividade concreta (síntese) na medida em que a sua atividade vai sendo requalificada, uma vez que a atividade se desenvolve no processo de escolarização (currículo) pela transmissão dos conteúdos culturais (FERREIRA, 2017).

A partir do momento que criaram o jogo com a estrutura solicitada, a próxima fase da atividade era juntar e formar apenas dois grupos. E por último formasse apenas um grupo com a turma toda.

Esse tipo de atividade requer do aluno esforços críticos e criativos no intuito de pensar em conceitos, forma de jogar e seus objetivos, sem perder de vista o sentido para ela, mas também a curiosidade e fruição da atividade. Nota-se que, muitas vezes, a criança fundamenta em regras implícitas. Ao fazer a leitura e verbalizar acaba confundindo e não se atentando de apresentar essas regras dificultando a interpretação para o leitor.

É papel do professor, esclarecer que as regras implícitas apesar de não se falar nelas, elas existem e são respeitadas. Neste sentido é fundamental relacionar com outros jogos já conhecidos e destacar as regras neles existente. Apesar que

muitas vezes o funcionamento do jogo ocorre instintivamente pelo fato de possuir formatos similares e recorrência daquela prática, mas assim mesmo as regras acionam objetivos, estratégias e estímulos que são necessários para normatizar como iremos agir diante das intercorrências e no sentido de promover uma prática justa.

Quanto a finalidade específica da atividade que era apresentar compreensão da forma do Beach Tennis manifestado em prática social, trilhou-se ao objetivo. Nos primeiros relatos foi observado o uso do critério solicitado: raquetes, bola e rede. Também se observou algumas regras como passar a bola por cima da rede, rebater para o lado oposto, limites estabelecidos do espaço de jogo. Assim também, observou-se novas formas de prática do BT como rebater com os pés, mais de um toque antes de ser rebatida para o outro lado, jogos em equipes, quicar no chão, entre outras.

Pode ser um jogo com pés?”, “Um jogo igual ao BT?”, “O espaço escolhemos a quadra”, “Nosso material vai ser raquete, rede e bolinha” (DIÁRIO DE CAMPO, 04-03-24).

Figura 9 – Discussão para recriar um novo jogo



Fonte – Acervo pessoal

Numa atividade de formação de grupo o conteúdo se apresenta também no seu âmbito atitudinal. Duas crianças ficaram de fora dos grupos. Nota-se que essas crianças têm dificuldade de escrita e leitura. Mesmo com a dificuldade elas foram orientadas e tiveram espaço na atividade, sendo incluídas.

Quando se propôs a reconstruir o jogo é no sentido de somar ao que já foi feito nos outros grupos. Muitos exigiam ao restante do grupo que seu jogo fosse escolhido. Neste momento o professor esteve atento a orientar as crianças a comportamentos assertivos, usando a pensamento em grupo e a empatia. Foi preciso intervenção do professor para falar sobre respeito quanto a opinião divergente, tratamento da insatisfação e o juízo sobre sua conduta. Sobre isso explica Oliveira (2020, p.74)

[...] atitudes, normas e valores estão subjacentes aos conteúdos ensinados nas aulas, pois as aulas são momentos formativos e informativos imprescindíveis e devem ser ricas nessas trocas educacionais. Este conteúdo é essencial para a formação do cidadão que se deseja formar, então deve haver um posicionamento claro sobre o que e como se ensina na escola.

Observa-se que quando os alunos expressam seus saberes construídos como consciência elaborada, acabam também liberando aquilo que ainda não alcançaram. Isso vem se revelar como um conjunto de ações que devem ser mediadas pelo professor e consideradas para seu desenvolvimento social. A catarse segundo Saviani (2023, p.121) é “[...] a apropriação do saber escolar como base para uma consciência mais elaborada e nessa compreensão dialética da realidade, produz impactos na atuação posterior desses alunos na prática social”.

Desta maneira, a atividade em grupo suscitou o aprendizado do aluno, mas também suas emoções e seus preconceitos. O avanço para a prática social sugere que tenha dado esse salto qualitativo, passado por esse momento de impacto, ou seja, daquilo que estava sincrético, um emaranhado, uma concepção parcial; para elaborações de sínteses entre o saber cotidiano e o conhecimento científico (GASPARIN, 2013).

Já na produção textual coletiva foi perceptível que conhecimentos básicos relacionados ao BT foram assimilados: história, golpes, lógica interna de esportes de rede, regra do BT, condições de espaço de jogo público e privado; como podemos notar em alguns trechos desta produção textual e no cartaz confeccionado por eles logo abaixo:

“Nós aprendemos com o professor Victor muito sobre o beach Tennis. Ele nos ensinou regras, posição de ataque e defesa”.

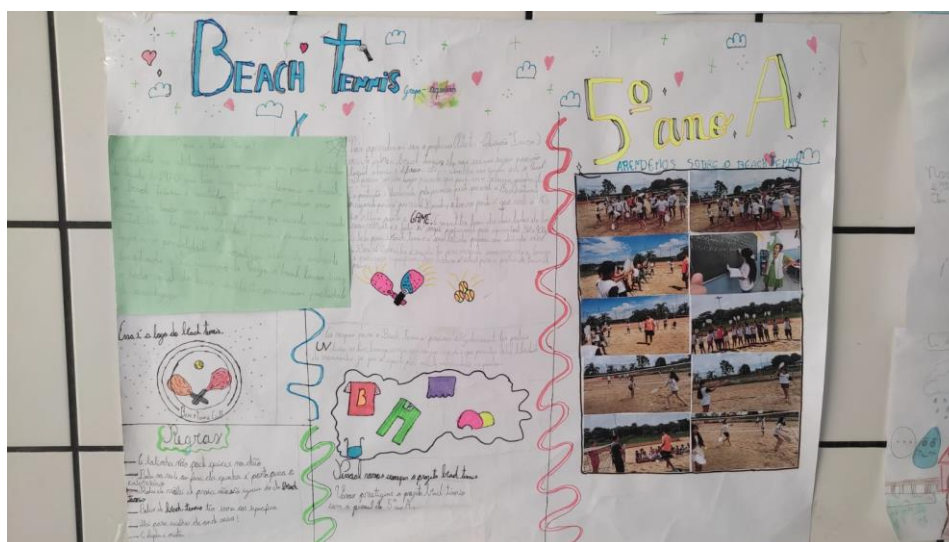
“Também nos ensinou que o local não precisa ser um lugar privado que pode ser balneário, quadra etc”.

“Falou da pontuação que é declarada pelo primeiro ponto que vale 15, o segundo 30, o terceiro 40 e o último GAME. A raquete tem furo dos 2 lados, ela tem cores vibrantes e fortes, isso a raquete profissional”.

“Regras: A bolinha não pode quicar no chão, bola na rede ou fora da quadra é ponto para o adversário, rede de vôlei de praia não são iguais às de Beach Tennis, a dupla é mista, dá para escolher a ordem de sacar”.

(PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS, 04-03-24)

Figura 10 – Cartaz e Produção textual coletiva



Fonte – Acervo pessoal

Para esta produção utilizou-se o seguinte referencial: Conceitual – Surgimento, quem praticava, nome dos golpes, pontuação, classificação do BT; Procedimental – Acesso ao BT, durante a prática pontos positivos e negativos, ações durante as atividades a serem melhoradas; Atitudinal – Qual sentido individual e coletivo trazem as adaptações feitas, duplas mistas, autonomia e o respeito durante o jogo.

Em outros tempos, conforme aponta Darido (2005), as abordagens pedagógicas como Construtivismo e Psicomotricidade tinham na interdisciplinaridade uma interpretação utilitarista, como um meio para atingir

finalidades de outros componentes curriculares, tonando a área somente como instrumento de apoio na aprendizagem de outros conteúdos. Diferentemente disso, a preocupação nesta ação foi em submeter o conhecimento do aluno a linguagem escrita, através do texto instrucional, mas também não perder de vista as questões relacionadas a cultura corporal, sobretudo, assegurando ao aluno as características específicas da Educação Física.

Neste sentido, percebe-se que o espaço e tempo da aula carece de amplos esforços para atingir objetivos críticos-reflexivos. Lembramos também que a história da EF onde se esperava muito mais dos meios procedimentais por parte dos alunos, atribuiu um estigma que permeia as aulas e obstrui a dimensão de um saber sobre a prática. Darido (2003) reforça essa problemática em que os alunos se mostram resistentes a perspectivas que incluam uma discussão mais sistematizada sobre a dimensão conceitual nas aulas.

Há uma nítida diferença no andamento do tempo de aula quando se explora o conceito. Não que esses conceitos devam ser deixados de lado, mas que as percepções do professor devem ser ampliadas e cuidadosamente preparadas para enfrentar situações inesperadas nesta etapa da sequência didática como: perda de foco, indisciplina, adequação a expectativa do aluno, superficialidade, comentários alongados, impaciência de seus pares etc.

O fato de organizar um ambiente favorável com ações e participações coletivas nas prerrogativas das Atividades Orientadoras de Ensino é um grande desafio para o professor e aluno durante as aulas de EF. Por meio da experimentação e outras atuações, foram criadas condições de prática possibilitando diferentes ações corporais, no entanto como já exposto nesta discussão, devido as especificidades do BT na escola demandaria um currículo com tempo maior para esses momentos.

O Currículo Paulista adotado na Secretaria, da qual a escola em discussão faz parte, se estende a uma gama muita grande de unidades temáticas. Nas poucas aulas semanais se percorre várias sequências didáticas muitas delas esvaziadas daquilo que, nas palavras de Saviani (2003, p. 13) “[...] se firmou como fundamental, como essencial”, ou seja, um relaxamento naquilo que é verdadeiramente importante, sua formação humana, sua relevância histórica como ferramenta de compreensão de preconceito, enfim de forma sistemática a transformação e superação social da humanidade.

É nesse sentido que o aluno utiliza a operação da síntese, onde os conhecimentos em processo de construção são tomados como busca da solução do problema. E isso não é aritmético. Muitos alunos chegam nesse momento ainda estruturando suas análises, o que demonstra a importância de um currículo mais aprofundado, porém com um menor volume de unidades temáticas e sequências didáticas.

Partiu-se da prática social concreta utilizando de jogos do contexto comunitário dos estudantes, e formas de jogo semelhantes ao BT para chegar a uma nova síntese superior sobre este conteúdo. Permitiu-se às crianças se apropriarem da historicidade, de elementos da cultura e ainda tematizar contradições na educação escolar que, por si só, não se dão a conhecer. Chegamos à *prática social final*.

Neste momento buscou-se ações provenientes do conhecimento construído, mudanças na maneira que enxergam o BT e prática social transformadora. Para isto, propôs-se as atividades de prática do BT em condições oficiais e a elaboração de um mural de ações e intenções do BT.

A primeira atividade da aula foi planejada como uma visita e vivência no “Balneário da Amizade”. Esse lugar é um local público da cidade que fica nas proximidades da escola, destinado a diversas práticas de esporte e lazer, inclusive quadras para esportes de areia. Apesar de ser um lugar com acesso gratuito para a população em geral, muitos alunos nunca tinham frequentado esse lugar. Outros nem se quer tinha ouvido falar.

“Professor, eu nunca fui neste lugar”,

“Faz tempo que eu não ando de ônibus” (DIÁRIO DE CAMPO, 07-03-24)

A direção da escola solicitou o ônibus como condução dos alunos para o Balneário, havendo adequado apoio por todos os gestores. As autorizações dos responsáveis legais dos alunos para esse deslocamento também foram concedidas. Sobre isso faz-se necessário uma breve discussão a respeito do currículo e a dinâmica escolar. Candau e Moreira (2008) lista alguns princípios para efetivação dos currículos que atendam as diversas culturas e sugere que a educação de maneira geral possa participar de pesquisas sobre sua prática pedagógica ou administrativa. Ainda assim o fomento é no sentido de “[...] gestores e docentes

organizar os tempos e os espaços escolares para abranger as atividades de pesquisa” (idem, p.43).

Em meio a currículos e práticas educacionais existe uma tentativa clara de deixar de lado os componentes curriculares que tratam daquilo que não “serve” de modo imediato para a formação do trabalhador se inserir no mercado de trabalho. Entendemos que de posse da perspectiva gerada pela pesquisa, elementos técnicos de registro, abordagem sistematizada sobre o objeto de estudo, superação de códigos que pressupõe ao rendimento etc., contribuiu para reforçar o entendimento adequado da equipe de gestão escolar local quanto a importância da Educação física como componente curricular.

Como desdobramento da pesquisa e ampliação do currículo escolar, nesta atividade contou com a participação do professor “GB” (nome fictício). Um instrutor e jogador profissional de Beach tennis credenciado na CBT. Trabalha com aulas particulares de Beach Tennis em condomínios e clubes da cidade.

O momento inicial foi marcado para os alunos explanarem algumas regras e situações do jogo criado por eles, no qual chamaram de “Beach Toque”. Foram repassadas e reforçadas para que todos estivessem cientes daquilo que iriam jogar e explicar ao professor GB.

Figura 11 – Explicação pelos alunos do jogo criado e registro da atividade



Fonte – Acervo pessoal

Com a chegada deste professor, foi organizado uma roda de conversa e então se falou sobre sua experiência no ensino de BT e algumas técnicas e táticas de jogo. Ele apresentou alguns materiais oficiais de jogo como raquetes e bolinha. Os alunos ficaram bastante entusiasmados

“Que linda”,

“Levinha”,

“Professor, igual a nossa! (risos)”,

“Essa raquete é muito leve”,

“Que cor bonita quero pra mim”,

“Deve ser uns 10 mil”,

“Ela tem uma areinha” (DIARIO DE CAMPO, 07-03-24)

Neste momento de alteração qualitativa da prática social os alunos tiveram a oportunidade de enxergar um espaço de jogo do BT que para maioria deles estava desconhecido. Mesmo com o tipo de terreno adequado que é a areia, perceberam um certo descaso do poder público quanto a devida conservação de limpeza (cacos de vidro e fezes de animal) e manutenção da área (dutos de drenagem entupidos e estruturas danificadas) destinada aos esportes e lazer.

Puderam realizar movimentos e golpes do BT utilizando raquetes oficiais. Perceberam quanto aos materiais as diferenças que constituem a construção das raquetes repercutindo em seu peso e resistência; a necessidade de uma superfície que proporcione maior aderência nas rebatidas; bolinhas com medidas e peso oficial, marcas de grandes fabricantes que dominam esse mercado.

Em relação ao espaço de jogo com areia viram o desgaste físico gerado por esse terreno; condicionamento cardiorrespiratório exigido; sujeição a calor e intempéries.

Sobre golpes e regras realizaram movimento de ataque e defesa que variam de acordo com o impacto na raquete; direção do golpe que nem sempre é possível devido a velocidade que a bola é recebida; empunhadura com a mão dominante segurando em primeiro plano e a outra mão dando um apoio; posição de expectativa devendo sempre ficar com a raquete na linha de frente do corpo ou próximo da altura dos olhos; pés de apoio ligeiramente afastados e projetando o oposto a mão dominante no momento da rebatida.

Figura 12 – Golpes de ataque e defesa



Fonte – Acervo pessoal

Nesta etapa do processo pedagógico com intuito de compreender a realidade e se posicionar nela, os conceitos novos vão muito além do imediato reconhecimento teórico, mas de um novo uso. Isso significa que “[...] na nova forma de agir, o educando tem a intenção, a predisposição, o desejo de pôr em prática os novos conceitos aprendidos” (GASPARIN, 2013, p.143). O aluno assume o compromisso de seu uso no contexto diário não mais respaldado somente pelo ponto de vista empírico da prática inicial, mas por uma ação consciente na perspectiva de transformação social vinculada ao novo conhecimento científico.

A roda final foi marcada por questionamentos sobre as atividades, conhecimentos e sensações envolvidas (DIÁRIO DE CAMPO, 07-03-24).

Pergunta 1 - Quem nunca visitou o Balneário? *“Quatro crianças nunca tinham visitado”.*

Pergunta 2 - Quais as sensações de praticar o BT oficial? *“Empolgante”, “Foi legal”, “Interessante”, “Achei que as raquetes eram mais pesadas”, “Emocionante”, “Cansativo”, “Consegui fazer as posições que o professor passou”, “Professor, quanto é a aula que o senhor cobra?”.*

Pergunta 3 - Como esses espaços públicos poderiam ser mais bem utilizados para prática do BT? *“Particular virar público”, “Realizar campeonatos”, “Trazer mais pessoas para jogar”, “Até vocês podem utilizar esses espaços com suas raquetes adaptadas par jogar”, “Lembro que quando foi feito era bastante ocupado, porém as pessoas pararam de usar e a manutenção foi ficando de lado”.*

Pontuamos que o espaço público é um direito de todos e tem que ser cobrado por melhorias, manutenção e uma utilização com qualidade. É claro que diante da perspectiva crítica educar é um ato político. Acredita-se nisso baseado em evidências que exprime interesses sociais, como ato civilizatório; que prolonga ou abnega heranças culturais, e a partir daí repercute na vida cotidiana; enfim que impõe saberes práticos, institucionaliza visões de mundo e normatiza a vida. Como explicam González e Fensterseifer (2013), a entrada desses alunos na vida propriamente civil e política não deve desconsiderar o caminho da educação.

A Educação física enquanto componente curricular pode contribuir para formação cidadã desenvolvendo conhecimento e empoderando novas gerações a se inserir. De certa forma, uma Educação Física que possibilite se apropriar daquilo que o cerca, para que “[...] “sintam se em casa”, constituindo o que “chamamos de nosso mundo”, o que nos autoriza nele intervir” (GONZÁLEZ e FENSTERSEIFER, 2010, p. 14)

[...] um conhecimento para levar a ação deve ser carregado de significado (compreensão) e de afetividade (envolvimento emocional). Desta forma entendemos que o trabalho com o conhecimento deve estar articulado com a realidade no sentido de sua transformação (VASCONCELLOS apud GASPARIN, 2013, p.143).

Saviani (1999) conclui que há uma necessidade clara de transformar conhecimento adquirido em situações reais e efetivas. Não basta atuar sob o universo intelectual, mas de tal maneira oferecer ao educando condições para que isso se traduza em atos, uma vez que a prática é a melhor maneira da compreensão da teoria.

A outra atividade idealizada para aula destinada ao momento de prática social foi a elaboração de um mural de ações e intenções. Essa atividade os alunos apresentaram sua nova visão e seu propósito com uma nova maneira de ser para pôr em prática o novo conhecimento.

A proposta desta atividade tem como base o conteúdo estudado e o compromisso social pela aprendizagem realizada. A pergunta norteadora que foi lançada foi a seguinte: Diante da história e do que temos visto relacionado a prática do BT, assim como o BT recriado na escola, quais intenções/ações poderiam ser elencadas para tornar isso uma realidade nos espaços públicos?

“Emprestar materiais apropriados para o BT”

“Ter mais segurança e não deixar lixo no local do BT”

“Incentivar pessoas a jogarem em locais públicos”

“Poder deixar os idosos, deficientes, cegos para eles se exercitarem”

“Areia limpa, rede disponível, raquete e bolinha para emprestar”

“Colocar cartazes divulgando o BT”

“Cada mês iria um grupo limpar o local”

“Diminuir os preços para todos poderem jogar”

“Melhorar a técnica e ataque” (DIÁRIO DE CAMPO, 07-04-24)

As respostas desta pergunta foram utilizadas para construção de um mural na escola ficando exposto para a apreciação de toda comunidade.

Figura 13 – Mural intenções e ações



Fonte – Acervo pessoal

A finalização das atividades, no momento de prática social final foi estabelecido na própria vivência culminante do BT em território escolar e balneário da amizade; e a partir disso em outros espaços (entorno, comunidade, praças etc.). Neste ensejo, procurou-se explicitar que a apropriação do conhecimento historicamente elaborado sobre o Beach Tennis como objeto de estudo, pode aperfeiçoar a atuação na prática social, sob uma postura crítica frente à segmentação de sua prática confrontando a narrativa de “esporte de rico” e ao saber elitizado como forma de apropriação e conteúdo curricular da classe trabalhadora.

O jogo praticado fincado nas raízes da elite aristocrata agora pode ser vivenciado no chão da escola com alunos de diferentes classes sociais da maneira regulada por regras e normatizações oficiais, mas também possibilitada, adaptada e repensada pelos próprios alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível o crescimento e o interesse pelo Beach Tennis (BT) ou “Tênis de praia” no país. Essa modalidade alcançou inúmeras cidades também no interior do Estado de São Paulo, sendo que sua prática prevalece em espaços privados. A Educação Física, componente curricular de toda Educação Básica, tematiza, dentre outras manifestações da cultura corporal, os esportes. Deste modo, entendemos que o BT deva ser tratado didaticamente nas escolas para que as crianças tenham acesso a esta atividade.

Nossa compreensão sobre o papel social da Educação Física conduziu uma escrita sobre os aspectos históricos da área apontando abordagens que, ao nosso entender, foram e ainda precisam ser superadas quando almejamos um desenvolvimento humano mais amplo. Foi apresentado como base de discussão deste estudo o percurso histórico da Educação Física, algumas abordagens pedagógicas e alguns aspectos legais que fundamentam essa área. A Educação Física escolar pensada sob a ótica de uma perspectiva crítica, vê nesse processo pedagógico um momento não somente de reproduzir gestos ou exercícios físicos, mas de reflexão sobre a prática.

Mediante este contexto, o objetivo deste trabalho foi discutir sob a perspectiva crítica o Beach Tennis como conteúdo da Educação Física a estudantes do quinto ano do ensino fundamental ampliando sua cultura corporal. Em busca deste objetivo geral, delineamos outros objetivos específicos os quais organizaram a estrutura teórica deste texto.

A sequência didática planejada através das Atividades Orientadora de Ensino teve como finalidade discutir a história, os espaços e o acesso do Beach Tennis como objeto de conhecimento para elaboração do conceito e formulação do pensamento crítico da criança sobre a realidade. Esta metodologia proposta pela pedagogia Histórico-Crítica, coadunando com as contribuições da Abordagem Crítico-Superadora, culminou na elaboração de aulas apoiadas na prática social, tendo-a como ponto de partida e de chegada (SAVIANI, 1999).

Um dos “gargalos” deste trabalho foi a elaboração de uma sequência didática capaz de contribuir para a diversificação das aulas de Educação Física usando uma prática de esporte com raquete (material ausente nas escolas públicas); e jogado individualmente ou em dupla (uma tarefa desafiadora para o número de alunos das

turmas nas escolas). Foram planejadas e desenvolvidas 8 (oito) aulas nesta sequência que corresponde a aproximadamente 1 (um) mês de calendário letivo

Para isto, nesta escola havia 25 raquetes adaptadas de BT feita com o material de MDF e 14 bolinhas de espumas. Ambos os materiais contribuíram significativamente para o desenvolvimento das aulas e, não se observou prejuízos que impactassem no objetivo da aula pelo fato de não serem oficiais. Sobre a utilização de um esporte individual ou dupla para uma turma com muitos alunos, pode-se concluir que as possibilidades da sequência didática como: conhecimentos prévios das brincadeiras e jogos, minijogos, miniquadras, materiais alternativos; favoreceram para a participação da maioria das crianças de maneira dinâmica, sem longas esperas ou momentos ociosos.

O tempo de aula mostrou-se como um obstáculo. Foram duas aulas na semana de 50 minutos, em dias diferentes. Nesta organização, realizar a chamada dos alunos presentes, conduzir os alunos até a quadra e organizar espaço e materiais previamente, demandou muito tempo. As reflexões que a metodologia empregada propõe, carecem de um mergulho do aluno e professor ao objeto de conhecimento. Neste sentido, pode-se deduzir que aulas geminadas ou dobradas (duas aulas em sequência) tem uma configuração de tempo que pode favorecer para o professor intervir e conduzir com mais tranquilidade o pensamento crítico.

O movimento de suplantar o pensamento sincrético em direção à síntese do conceito demanda um certo tempo das crianças e, para isso, é preciso por parte do professor domínio do conteúdo e preparo para manter a atenção das crianças e dirimir a indisciplina e os comentários distantes do tema, para então convergir para elaboração do pensamento crítico. Ainda, existe um 'tempo relógio' que demarca quando o professor deve mudar o conteúdo de ensino afeta negativamente na elaboração e apropriação de todas as partes que compõem a complexidade do conhecimento estudado.

A característica crítica para uma aula de Educação física também foi um grande desafio. Ainda se observa um estranhamento dos alunos quando se propõe manifestar o pensamento e sistematizar e organizar o conhecimento durante as aulas. Viu-se uma certa impaciência com os questionamentos nas rodas de conversa decorrendo em respostas apressadas e superficiais, dando a sensação de que estavam perdendo tempo do momento mais divertido para eles, a vivência prática. Por outro lado, o ato educativo deve acontecer em consonância com a

possibilidade histórica de transformação social. A relação dialética da criança com o mundo social é o ponto de partida para elaboração do conceito e a formação da consciência através de toda a organização das cinco etapas desta metodologia de ensino e aprendizagem. Baseado nessa metodologia sugerida pela Pedagogia Histórico-Crítica. Gasparin (2013, p. 10) alerta:

Em seu conjunto essa metodologia de ensino aprendizagem apresenta três características desafiadoras: 1) nova maneira de planejar as atividades docentes-discentes; 2) novo processo de estudo por parte do professor, pois todo o conteúdo a ser trabalhado deve ser visto de uma perspectiva totalmente diferente da tradicional; 3) novo método de trabalho docente/discente que tem como base o processo dialético: prática-teoria-prática.

As atividades como forma de avaliações que foram propostas (palavras cruzadas, recriação do jogo, apresentação e prática do jogo, produção textual e construção do mural) contribuíram para atender os objetivos das aulas. Nota-se que os alunos perceberam o Beach Tennis para além de um esporte elitizado, que não deve se limitar a uma camada da população nem ao seu desempenho técnico.

No jogo criado por eles, os alunos definiram regras interessantes em um formato que permite ao jogador alternar entre as equipes. Um jogador passa para outra equipe toda vez que perder o ponto, até o momento de não ter mais nenhum jogador. Assim conseguiu-se concluir que a rigidez do esporte performático pôde dar lugar a enfrentamentos provisórios descaracterizando a rivalidade excessiva e ao comprometimento do resultado por um jogador.

Na prática de jogos e minijogos observou-se pela entrega, satisfação e envolvimento que os alunos estavam dispostos a vincular à prática do BT. Quando praticaram a atividade com bexiga os alunos conseguiram relacionar a melhor forma de rebatê-la, palma ou dorso da mão, o que encaminhou para reconhecer os golpes de *backhand* e *forehand* nas palavras cruzadas e posteriormente, instrumentalizado com as raquetes.

Os moldes performáticos que ele é praticado e a maneira que ele está inserido na nossa sociedade foram discutidos se tornando no decorrer da sequência didática reveladores para eles.

Grande parte da turma ficou surpresa ao ser questionada na primeira aula sobre o fato de alguns esportes, como o BT se desenvolverem num formato elitizado: materiais caros, espaços privados, praticados em sua maioria por classes abastadas

da sociedade. Já na apresentação da produção textual, na aula 7 da sequência, constatou-se que a turma coletivamente mencionou que o BT não precisa ser praticado somente em locais privados. De certa forma, esse registro rompe com um padrão histórico do jogo, conscientizando e estimulando a criança, e a partir daí, a população em geral, normalmente a classe trabalhadora a reivindicar outros e melhores espaços.

Os registros no mural e a prática do BT na escola e no Balneário da Amizade reforçaram essa percepção a partir do momento que demonstraram consciência política quanto a limpeza do espaço, disponibilidade de materiais, conscientização da população, alinhamento com poder público, atendimento técnico etc. Sobre isso, dentro da amplitude alcançada da temática do Beach Tennis observou-se mudanças no âmbito individual e coletivo. Conhecimentos atitudinais manifestados nas intenções e ações deixadas no mural em que escreveram sobre permitir idosos e deficientes jogarem o BT é considerado um avanço e um entendimento inclusivo, sendo muitas vezes anseios das famílias que enfrentam essa realidade dentro de suas casas.

Outro ponto constatado foi sobre os aspectos técnicos ensinado durante a sequência pedagógica: empunhadura da raquete, golpes, movimentos, ataque e defesa, posição dos pés etc. A perspectiva crítica não se mostra contra ao ensino da técnica esportiva, porém a define com novos sentidos e finalidades diferentes. A maneira que ocorreu os enfrentamentos nos jogos, através dos meios empregados, não estava subordinada ao resultado final. O comportamento dos alunos apresentou grande interesse pelas atividades de instrumentalização, sobretudo a devida importância e uma valorização pela prática, pelo processo, enfim pela fruição do jogo.

A quadra e medidas oficiais, raquetes e bolinhas apresentadas na aula 8 durante a etapa de prática social, proporcionou um entusiasmo dos alunos no momento que tiveram contato com tudo isso. Não se pode esquecer que os esportes de rendimento tendem a maximizar os resultados em conformidade com valores mercadológicos. No entanto, pelos relatos apresentados entenderam que não é uma exigência para a prática esportiva em seu contexto, experimentando e jogando nas diferentes formas.

Após a sequência de aula, as crianças relataram que chamaram seus pais para visitar o Balneário e poder aproveitar melhor aquele lugar enquanto espaço de

lazer e prática esportiva. Houve relato também que estavam construindo uma raquete de madeira revestida de isopor para praticar o BT.

O Beach Tennis, sendo um esporte que se difundiu amplamente na maioria das cidades do Brasil, inclusive em Presidente Prudente - SP, revelou-se inicialmente pouco conhecido por essa turma. Mesmo se tratando de um objeto de estudo com suas particularidades como o BT (esporte de rede, raquetes, individual, areia) foi possível chegar a construção de conhecimento com os alunos do quinto ano do ensino fundamental e a um produto educacional sobre a temática do Beach Tennis. A perspectiva crítica deste trabalho propôs um diálogo do processo de escolarização (currículo) com a realidade do aluno e seu entorno. Dos jogos e brincadeiras em seu contexto social, dos conteúdos assimilados nas aulas de EF em anos/séries anteriores, das relações que se cria com o objeto de conhecimento no caso o Beach Tennis para uma aprendizagem significativa, afetiva e de superação.

Como pesquisador-participante foi notório e alarmante o distanciamento que o sistema educacional cotidianamente tem das intenções de promover educação de qualidade: falta de profissionais da área, falta de opções de jornada de trabalho (mesmo previsto e anunciado no Estatuto do Magistério de Presidente Prudente - SP), espaços de aprendizagem inadequados (até perigosos), materiais insuficientes ou em falta, e conteúdos que não se direcionam a compreensão da totalidade.

Ao contrário, para a Pedagogia Histórico-Crítica, o currículo e a sua organização das disciplinas, métodos, tempos e espaços no trabalho escolar precisa estar em concomitância ao atendimento dos interesses das classes populares, “[...] no que tange a superação do estado natural dos indivíduos, buscando, portanto, a sua segunda natureza, isto é, a produção de forma objetiva do conhecimento como parte do seu desenvolvimento” (MALANCHEN, 2020, p. 214).

Reconheço que o Programa de Mestrado Profissional (PROEF) me apresentou fundamentação crítica para obter conclusões sobre o papel da EF e do professor em sua prática educativa. Provocou um despertar para a pesquisa que eu não tive durante esses 18 anos de professor e que reflete na minha formação continuada, mas também na qualificação da aula que chega até o aluno.

Espera-se, a partir das contribuições tecidas neste estudo, que se instigue outros professores de Educação Física ao trabalho efetivo na escola, ou seja, valendo-se de planejamento em suas aulas, inovação para ir além do tradicionalismo e do fazer pelo fazer. Que seja reflexivo, que seja um campo fértil. Que submeta a

EF no que ela é de fato, um componente curricular capaz de transformar sua prática social e ampliar criticamente suas práticas corporais.

REFERÊNCIAS

BARROSO, A. L. R. **Inquietações no tratamento do esporte na Educação Física escolar**. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, 2020. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/turmal/d1/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021-v2.pdf#page=83> . Acesso em: 31 jul. 2023.

BARROSO, A. L. R.; DARIDO, Suraya C. **Escola, educação física e esporte: possibilidades pedagógicas**. Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, v. 1, n. 4, p. 101-114, dez. 2006.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BRACHT, V. **Esporte na escola e Esporte de rendimento**. Movimento – Ano VI, número 12, jan/2000.

_____. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, p.69-88, 1999.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Presidência da República, 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html> . Acesso 04 jan. 2023.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Presidência da República, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso 11 set. 2022.

_____. Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

CANDAU, A.F.B., MOREIRA, V.M. **Currículo, Conhecimento e Cultura**. Indagações sobre o currículo. Ministério da Educação. Brasília, 2007.

CATARSE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/risco/>. Acesso em: 27/02/2024

CASTELLANI, Lino. **Educação física no Brasil: A história que não se conta**. Campinas, SP: Papirus, 1988

CAVALCANTE, F. R.; BUNGENSTAB, G. C.; LAZZAROTTI FILHO, A. **Rui Barbosa e a Educação Física nos pareceres para o ensino primário de 1883: influências e proposições**. Movimento, v. 26, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/mov/a/DnQWnt9XZK6Br8R3WNymVPH/?lang=pt&format=pdf>
Acesso 01 mar 2023.

DALCIM, J. N. História do Tênis. **UOL**. 2023. Disponível em:
<<https://tenisbrasil.uol.com.br/historia-do-tenis>>. Acesso em: 20 de jan. de 2024.

DARIDO, S. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2003.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FERREIRA, Antônio L. A. **A atividade de ensino na educação física com fundamento na pedagogia histórico-crítica**. Germinar: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 9, n. 2, p.108-120, ago. 2017.

FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5.ed.rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

GINCIENE, G; IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. **Possibilidades pedagógicas para o ensino do tênis na escola**. Campinas: SP, v. 15, n. 4, p. 505-521, out./dez. 2017. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8649663> .
Acesso em: 30 nov. 2022.

GHIRALDELLI JUNIOR P. **Educação Física progressista**. A pedagogia crítico social dos conteúdos e a Educação Física brasileira. São Paulo: Loyola. 1991.

GONZÁLEZ, F.; FENSTERSEIFER, P. **Entre o “não mais” e o “ainda não”:**
pensando saídas do não-lugar da EF Escolar II. Cadernos de Formação RBCE, p. 10-21, mar. 2010.

_____. **Desafios da legitimação da educação física na escola republicana**. Horizontes – Revista de Educação, Dourados, MS, n. 2, v. 1, p. 33-42, julho a dezembro de 2013. Disponível em: <https://goo.gl/gPxe3G> . Acesso em: 13 jul. 2023.

IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. **Educação Física como componente curricular da Educação Básica: aspectos legais**. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, 2020. Disponível em:
<https://edutec.unesp.br/proef/turmal/d1/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021-v2.pdf#page=83> . Acesso em: 31 jul. 2023.

KUNZ, E. **Educação Física: ensino e mudança**. Ijuí: Unijuí, 1992.

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 1ª ed. Editora Unijui. 1994. Disponível em: http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/arquivos/File/relatos/transformacao_elenor_kunz.pdf Acesso em: 19 mar 2023.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **Desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1985.

MALANCHEN, J. ZANK, D. C. T. **O currículo escolar e os fundamentos teóricos da pedagogia histórico-crítica no Brasil**, Journal: Paulo Freire. Revista de Pedagogia Crítica: 2020.

MOREIRA, J. F. **A introdução e o desenvolvimento do Beach Tennis na cidade de Araraquara**. Ribeirão Preto, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59140/tde-08082017-141618/publico/JADERFABRISMOREIRA.pdf> Acesso em: 20 set 2022.

MOURA, Manoel O. **A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural**. Brasília: LiberLivro, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NASCIMENTO, Carolina Pichetti.; ARAUJO, Elaine S. **Contribuições do ensino da Educação Física para o trabalho com o conhecimento teórico na escola**. Ensino em Revista Uberlândia, MG: 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/50980/27095> Acesso em 4 mar 2023.

NASCIMENTO, Carolina Picchetti. **A atividade pedagógica da Educação Física, a proposição dos objetos de ensino e o desenvolvimento das atividades da cultura corporal**. 2014. 293 f. Tese (Doutorado em Educação) –Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

NEIRA, M. G. **O currículo cultural e a afirmação das diferenças**. In: BOTO, C.; SANTOS, V. M.; SILVA, V. B.; OLIVEIRA, Z. V. A escola pública em crise: inflexões, apagamentos e desafios. São Paulo: Livraria da Física, 2020. p. 183-201.

OLIVEIRA, Amauri B.; MOREIRA, Evando C.; SILVA, Elaine C. **Objetivos e conteúdos para o ensino e aprendizagem da Educação Física na escola**. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, 2020. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/turmal/d3/Objetivos%20e%20conte%3%bados%20para%20o%20ensino%20da%20Educa%3%a7%3%a3o%20F%3%adsica%20Escol ar.pdf> Acesso em: 06 set 2022

SANTINI, J.; MINGOZZI, A. **Beach tennis: um esporte em ascensão**. Porto Alegre: Gênese, 2017.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 32. ed., Campinas, SP: Autores Associados, 1999, 105p.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2013.

_____. **O papel da educação no desenvolvimento da consciência em direção ao limite máximo de suas possibilidades**. In: CHRAIM, Amanda M; PEDRALLI, Rosângela; DIAS, Sabatha C. (Org). O desenvolvimento da consciência na formação de professores: enfoque no trabalho escolar com língua. Rio Grande, RS: Ed. FURG, 2023.

SOARES et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TEIXEIRA, Anísio. **A escola pública universal e gratuita**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.26, n.64, out./dez. 1956. p.3-27.

WIGGERS, V. **O desenvolvimento humano: contribuições da teoria histórico-cultural**. In: CHRAIM, Amanda M; PEDRALLI, Rosângela; DIAS, Sabatha C. (Org). O desenvolvimento da consciência na formação de professores: enfoque no trabalho escolar com língua. Rio Grande, RS: Ed. FURG, 2023.

ANEXO A – Termo de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido

UNESP UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciência e Tecnologia
Campus de Presidente Prudente - SP

TERMO DE CONSENTIMENTO E ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você/Sr./Sra. na condição de pai/mãe ou responsável legal desta(e) menor de idade, está sendo convidado(a) a autorizar a participação desta(e) como voluntário(a) na pesquisa intitulada **“PERSPECTIVA CRÍTICA NA IMPLEMENTAÇÃO DO BEACH TENNIS NA ESCOLA”**. Meu nome é VICTOR DE MOURA FERREIRA, sou o(a) pesquisador(a) responsável e minha área de atuação é EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. (ANOS INICIAIS). Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você autorizar a fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao(a) pesquisador(a) responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es) responsável(is), via e-mail victordemoura@yahoo.com.br e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (18)99776-4554. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** – com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética - CAAE: 68937123.0.0000.5402, colegiado responsável por revisar todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos, inclusive os multicêntricos, cabendo-lhe a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na instituição, de modo a garantir e resguardar a integridade e os direitos dos voluntários participantes nas referidas pesquisas.

TERMO DE CONSENTIMENTO E ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**I. Informações Importantes sobre a Pesquisa:**

A pesquisa tem como tema a PERSPECTIVA CRÍTICA NA IMPLEMENTAÇÃO DO BEACH TENNIS NA ESCOLA. Em busca de uma prática diversificada e enriquecedora para formação integral do estudante nas aulas de educação física, tem a proposta de discutir as possibilidades de implementar essa modalidade neste espaço.

A pesquisa contará com o desenvolvimento de 8 aulas observando o tema. Serão utilizados alguns materiais tecnológicos para registros de som e imagem. Durante a pesquisa será elaborado pelo professor-pesquisador o diário de campo onde serão anotadas todas as observações.

RISCOS

Desconforto, medo, vergonha, constrangimento alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo.

Riscos relacionados a divulgação de imagem.

Riscos físicos, como dores, lesões, quedas, fraturas.

Estigmatização

Divulgação de informações

Invasão de privacidade.

Interferência na vida e na rotina dos sujeitos.

Embaraço de interagir com estranhos

BENEFÍCIOS

Ampliação do conhecimento

Espaço para esporte diversificado

Ajuda a compreensão da realidade

Repensar de práticas pedagógicas

Estímulo sensório-motor

Elaboração, uso e apropriação do material de jogo

Socialização e integração entre os pares

Fomento as capacidades físicas

Desenvolvimento de novas habilidades

Evidências para apoiar a incorporação de ações

Garantia do sigilo que assegure a privacidade e o anonimato dos/as participante/s.

Apresentação da garantia expressa de liberdade do sujeito de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado ou à continuidade de seu tratamento;

Apresentação da garantia expressa de liberdade do/a participante de se recusar a responder questões que lhe causem *desconforto emocional* e/ou *constrangimento* em entrevistas e questionários que forem aplicados na pesquisa;

UNESP UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciência e Tecnologia
Campus de Presidente Prudente - SP

Declarar aos participantes que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não;

Apresentação das estratégias de divulgação dos resultados

Informação sobre o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrentes de sua participação na pesquisa;

() Permito a divulgação da imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a publicação da imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito da Pesquisa:

Eu, _____, inscrito(a) sob o RG/CPF/n.º de prontuário/n.º de matrícula _____, abaixo assinado, concordo e autorizo o (a) menor de idade _____

em participar deste estudo. Informo ter mais de 18 anos de idade, e destaco que a participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui, ainda, devidamente informado (a) e esclarecido(a), pelo pesquisador(a) responsável VICTOR DE MOURA FERREIRA, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo e autorizo a participação no projeto de pesquisa acima descrito.

PRESIDENTE PRUDENTE, _____ de _____ de _____

Assinatura por extenso do(a) responsável legal

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

1.3 Consentimento da Participação da Pessoa como Participante da Pesquisa:

Eu, _____, inscrito(a) sob o RG/CPF/n.º de prontuário/n.º de matrícula _____, abaixo assinado, concordo em participar deste estudo. Informo ter menos de 18 anos de idade, e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui, ainda, devidamente informado(a) e esclarecido(a), pelo pesquisador(a) responsável VICTOR DE MOURA FERREIRA, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

PRESIDENTE PRUDENTE, _____ de _____ de _____

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

ANEXO B – Autorização para a pesquisa

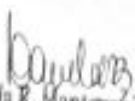
REDMI NOTE 10 | VICTOR

unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Presidente Prudente

AUTORIZAÇÃO

Eu, Danielle Cristina Antunes Barboza, na
qualidade de diretor/responsável pela Escola Municipal Prof. Ivo Garrido, autorizo a
realização da pesquisa intitulada "Possibilidades de implementação do Beach Tennis nas
aulas de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental" a ser conduzida sob a
responsabilidade do pesquisador "Victor de Moura Ferreira / Proef-UNESP, e declaro, que
esta Instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa.
Esta autorização só é válida no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética em
Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual Paulista – UNESP para a
referida pesquisa.

Pres. Prudente-SP, 17 de março de 2023.


p/ Eneida R. Mantovani Vilela
Diretora de Escola

Diretor(a)/responsável
Escola Municipal Prof. Ivo Garrido


"PROF. IVO GARRIDO"
Rua
Eduardo Prado, 140
Pq. Montebelo
Fone:
(18) 3006-2740

ANEXO C - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética

**FACULDADE DE CIÊNCIAS E
TECNOLOGIA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA - UNESP/CAMPUS
PRESIDENTE PRUDENTE**



Continuação do Parecer: 6.200.234

projeto APROVADO.

Obs: Lembramos que pesquisas que se enquadram na resolução 466/12 devem apresentar relatório parcial e final, e pesquisas que se enquadram na resolução 510/16 devem apresentar relatório final.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2077379.pdf	17/03/2023 20:37:36		Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_pesquisador.pdf	17/03/2023 20:36:33	VICTOR DE MOURA FERREIRA	Aceito
Declaração de concordância	termo_divulgacao.pdf	17/03/2023 17:27:34	VICTOR DE MOURA FERREIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacao_local.pdf	17/03/2023 17:26:14	VICTOR DE MOURA FERREIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_PlatBR.pdf	08/02/2023 11:27:07	VICTOR DE MOURA FERREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pesquisa_2023.doc	03/02/2023 15:02:21	Victor	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.doc	03/02/2023 15:00:58	Victor	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	03/02/2023 15:00:31	Victor	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305 - Faculdade de Ciência e Tecnologia da Unesp - Prédio da Administração - SI 04
 Bairro: Centro Educacional CEP: 19.060-900
 UF: SP Município: PRESIDENTE PRUDENTE
 Telefone: (18)3229-5315 Fax: (18)3229-5300 E-mail: cep.fct@unesp.br

APÊNDICE A - Diário de Campo

Aula 1 -

Tema da aula: Beach Tennis e daí?	Data: 16/02/2024
Conteúdo Desenvolvido - Atividades propostas: Imagem e ação (esportes), Apreciação do vídeo de uma partida de BT, Reconhecimento de materiais relacionados ao BT, Prática de um jogo com características próximas do BT. - O objetivo foi alcançado? Sim, alguns alunos que já conheciam superficialmente o BT estruturam melhor seu pensamento em relação ao espaço, material, características etc.; assim também outros que ainda não conheciam foi de fato apresentado o jogo, e suas possibilidades dentro de sua realidade. - Houve imprevistos e/ ou alteração do conteúdo? (Relatos). Não.	
Participação dos alunos - Houve a participação dos alunos? Sim, todos alunos participaram. Alguns alunos mesmo com calçado e roupa imprópria para prática de atividade física ainda assim participaram, pois não comprometeu significativamente sua segurança. - Se não houve, qual foi o motivo: Alguns alunos faltaram pelo fato de ser a semana do feriado de carnaval e muitos estarem ainda em viagem. - Se apropriaram do conteúdo proposto? Como? (Relatos). O professor falou sobre o trabalho de pesquisa que estava desenvolvendo, o registro de imagens e captação de áudio que estava acontecendo. Iniciou-se a aula com alguns questionamentos como Beach tennis e daí? O que é, por que e como? O objetivo da aula e quais esportes eles conheciam. Os alunos falaram sobre o golfe, futebol, betis, tenis, vôlei, handebol. A queimada foi citada pelos alunos e questionada pelo professor se era de fato um esporte. O que preciso pra ser um esporte? Eles falaram que todo mundo praticar e aquecimento. No entanto, o professor explicou que o esporte tem sua regulamentação específica e uma seriedade e rigor nelas. Foram questionados como se marca pontos nesses esportes? Os alunos falaram “fazer gol”, “levar a pedra até o outro gol”, “fazer cesta”, “atingir o território do outro com a mão”, “passar pelas bases”, “chegar no outro lado do campo”. Qual esporte faz uso de raquetes? Os alunos falaram “Tenis, ping pong, beach tennis, hóquei, vôlei”. Quais movimentos são utilizados neles? Os alunos falaram “dominar, tapa no ar, jogar a bola pra cima e bater”. Todos podem jogar? Falaram “Sim”. E pq vcs não jogam? “Porque fico no celular”, “porque já faço futebol com meu irmão”, “porque não quero”, “eu já faço aula de tênis lá no parque do povo na academia Set Point”. E o BT, podem? “Não, por que não ia ter ninguém pra ensinar e nenhum adulto pra olhar”.	

Na atividade “imagem e ação” alguns esportes foram mostrados através dos gestos. Primeiro o vôlei. Um aluno sugeriu para que o próximo a representar a “ação” fosse escolhido por eles mesmos. Outras imagens foram colocadas: “Corrida? Não. Atletismo; Golfe? Tennis? Não. Sim, Tennis de campo é nome correto; Futebol? Futevôlei. Beach tennis? Isso. Como que é Beach tennis? “Igual Tênis”.

Foi apresentado um vídeo sobre o BT. “Ele parece um vôlei com raquete”, “É verdade, tem a ver”, “Parece que tem até goleiro”. “É um contra dois isso daí”.

Qual é o nome desse esporte? “Beach tennis”, “É Tennis de praia professor?”. Quem já jogou? “Eu, na praia”. Quem nunca jogou, por quê? “Porque não conhecia e não tinha raquete”, “Já vi na tv mas não sabia que o nome era BT”, “Nunca fui na praia”.

Em nossa cidade dá para jogar mesmo não tendo praia? “Sim, no balneário tem rede”, “pode levar também”, “Parque do povo”.

Quais materiais? “Rede, areia, óculos, bola”.

Espaço para o BT? “Praia”, “local apropriado”, “na grama pode jogar, mas tem bicho e pedra”.

Quais movimentações vocês viram? “Seguram no cabo e se jogam na areia.

Quais regras vocês perceberam? “Não dar mais de dois toques”, “jogam em dupla”, “não deixar cair a bola”, “era um e uma mulher e do outro lado também”.

Comparando o BT com outros esportes de rede? “Utiliza outro material menor”

Como é esse material? “Profissional a raquete é cara”, “Dá pra adaptar usando a tampa da panela”.

Podemos jogar em qualquer lugar? “Qualquer lugar eu poderia jogar se o dono deixar”, “Professor a gente vai fazer alguma coisa valendo?”.

Foi mostrado algumas imagens no sentido de relacionar com o BT? “Rede”, “Bolinha”, “Taco não”, “Raquete, mas a de BT é fechada”, “Professor, sabe pra que serve o furinho é pra quando fazer rapidão o vento não fica ali”, “quanto leve mais cara porque ajuda”.

Já nas imagens de lugares, espaços e contextos foi utilizado: imagem 1 – condomínio residencial de alto padrão; imagem 2 - comunidade de periferia. “A 2 porque tem ruas retas”, “A 2 porque tem pessoas”.

Já entre as imagens 1-praia, 2- arenas esportivas de BT e 3- quadra esportiva escolar; “A 2 porque parece mais as do jogo”, “tem areia e não tem mar”, “Na 1 não porque é perigoso a bola cair na água”.

Na atividade seguinte foi perguntado sobre quais jogos podemos praticar que tem relação com o BT? “Volei”. Quais regras vamos usar? “Normal rebatendo” “Ah não, melhor segurando”. Os alunos escolheram as equipes e praticaram o vôlei adaptado com uma mini rede no formato do “Câmbio”.

Após isso, na roda final, os alunos reforçaram as semelhanças com o BT, relatando: “A bola passar por cima da rede”, “lados diferentes”, “ponto quando toca no solo”, “posicionar em lugares sem ninguém”, “jogar fora é ponto do outro”.

É possível saber o que as pessoas jogam por ser rico ou pobre? “Não”, “Não dá pra saber, esportes de rico esportes de pobre não tem”.

Avaliação da aula – conteúdo

- Pontos positivos: As crianças mostraram interesse pela aula e o conteúdo

abordado. Todos participaram da aula inteira. Várias crianças responderam, as respostas não ficaram concentradas em um ou outro aluno. Tiveram paciência para esperar o momento prático final.

- **Pontos negativos:** Os questionamentos acabou sendo muitos e suas respostas também. O tempo de aula é muito limitado para ampliar os questionamentos.

Recursos materiais e espaço físico

- **Impacto nas atividades:** O fato de muitos alunos desconhecerem o Beach Tennis não conseguiram relacioná-lo com um determinado contexto sócio-econômico.

- **Limitações e facilidades:** Uso do notebook favoreceu a apresentação das imagens. Mini caixa de som melhorou a compreensão dos alunos sobre as falas durante o vídeo. O “câmbio” já era uma atividade que eles haviam praticado nas aulas de Educação Física.

Diário de Campo – Aula 2

Tema da aula: Eu posso?	Data: 19/02/2024
Conteúdo Desenvolvido - Atividades propostas: Leitura do texto, Jogo do Rei, “Jeu de Paume”, elaboração do quadro comparativo. - O objetivo foi alcançado? Sim, o momento de problematizar com conhecimento que confronta aos deles (alunos). Levantou-se questionamentos e discussões sobre os padrões estabelecidos pelo BT e sinalizando como prática segmentada. - Houve imprevistos e/ ou alteração do conteúdo? (Relatos). Sim, devido a limitação do tempo da aula, as perguntas da “roda final” foram realizadas de forma coletiva, onde os alunos que queriam responder levantavam as mãos. Perguntado se os jogos praticados por pessoas privilegiadas ainda existem até hoje, a aluna respondeu, mas não soube explicar “Sim, alguns jogos são praticados por pessoas privilegiadas”, “Acho que não”, “Existe”. Alguns esportes são voltados para ricos? “Sim, tênis”. Onde estão essas pessoas e o que elas têm de diferente? “Essas pessoas moram em condomínios e mansões”. Todos podem jogar? “Sim”, “Não, tem que comprar raquete”, “Mas você pode fazer a raquete”	
Participação dos alunos - Houve a participação dos alunos? Apenas uma aluna não participou pois queria ficar dentro da sala com a professora. - Se não houve, qual foi o motivo: Essa aluna é bastante tímida e introvertida, participa das aulas em sua maioria, porém, vez ou outra se nega a realizar a aula.	

- Se apropriaram do conteúdo proposto? Como? (Relatos). A aula iniciou com o resgate da pergunta da roda final “É possível saber o que a pessoa joga por ser rico ou pobre?”. Lembra da aula passada a figura “Uma com condomínio e outra com bairro mais periférico”, A aluna respondeu “É o do condomínio”. Foi lido o texto em voz alta para turma destacando o local e ano de nascimento do BT “Professor quando eu tava na praia eu vi o pessoal jogando isso aí”. Destacou-se o volume crescente desta prática no Brasil, sobretudo em cidades não praianas. O que vocês conhecem do BT aqui na cidade de Presidente Prudente? “No Balneário, eles praticam lá”, “No Sesc”, “No Tennis Clube”. Todas as pessoas têm acesso a esses lugares? “Sim, mas no Tennis Clube não”. Foi citado pelo professor lugares que se praticam o BT na cidade: “Tropical Club, Copacabana Beach, Barra Beach que são lugares pagos”.

Foi explicado sobre o jogo do Rei, destacando a origem do Tennis que era praticado somente por ‘Lords’ da Inglaterra (clérigos, burgueses e príncipes), ou seja, uma pequena parcela da população. “Professor, é tipo elefante colorido”. Professor reforçou: “Sim, a história do BT e suas raízes ligadas a história do Tennis diz que nem todos praticavam, só os nobres”. Os alunos falavam alto e em bom som “E se eu quiser jogar”.

O que vocês acharam de fazer parte da realeza? “Legal”, “Achei legal”.

Foi lido um trecho de um texto sobre a história do BT e sobre o “Jeu de Paume”, precursor do Tênis, assim também destacando a construção restrita das quadras no interior dos castelos ingleses. “Professor, se um pobre virasse rico ele ia pro lado do Rei?”, “Eles eram pretos”, “Os ricos ficavam em lugares mais bonitos?”, “Era só tomar banho, ué!”. Professor respondeu: “Mudou muito, mas ainda hoje a gente tem traços e fragmentos disso aí, por isso que a gente tá conversando sobre isso”.

Atividade seguinte que foi o Jogo de Paume utilizou-se as bolinhas de espumas e as formações em duplas. “Professor, fizemos até o Z”

Fizemos a roda final com as perguntas referidas acima e depois passamos para a elaboração do quadro. O professor explicou: “Vocês vão pegar a cola e passar na palavra escolhida e fixar no quadro, por exemplo palavra ‘difícil’ acho que é mais o BT, pois o Jeu de paume você rebate com a mão”. O aluno respondeu “Isso, você tem o controle”. Professor concluiu “A raquete é um elemento a mais”. Palavras escolhidas e organizadas pelos alunos “Praia, quadra, Brasil, França, legal, divertido”, “Professor, ‘antigo’ é Jeu de Paume”, “Italia, BT nasceu na italia”, “Mão, Jeu de Paume”, “Mulheres vai nos dois né!?” No total foram 37 palavras organizadas.

Avaliação da aula – conteúdo

- Pontos positivos: As crianças mostraram interesse pela aula ainda mais quanto ao uso de bolinhas de espuma para rebater. A aula com momentos mais práticos instigou o interesse e a aprendizagem. A construção do quadro comparativo foi bastante assertiva principalmente com as palavras predefinidas para eles escolherem.

- Pontos negativos: Falar sobre a fragilidade do material que usamos é importante

para seu devido cuidado, e isso não foi feito.

Recursos materiais e espaço físico

- **Impacto nas atividades:** Apresentar aspectos históricos impactou o entendimento sobretudo ao fato de alguns esportes terem suas práticas segmentadas, assim como o melhor envolvimento com o objeto de aprendizagem.

- **Limitações e facilidades:** Usou-se tiras de papel com palavras impressas fazendo uso de cola, que de certa forma demandou mais tempo para conclusão da atividade. Uso de bolinhas foram suficientes para cada dupla.

Diário de Campo – Aula 3

Tema da aula: Com que tu jogas?

Data: 21/02/2024

Conteúdo Desenvolvido

- **Atividades propostas:** Domínio da própria ação corporal com bexigas, Jogo da corrida no quadrado, Jogo dos cones com bexigas, Alerta com bexiga, tarefa compartilhada.

- **O objetivo foi alcançado?** Sim, conseguiram reconhecer ações e operações dos jogos relacionados com o BT.

- **Houve imprevistos e/ ou alteração do conteúdo? (Relatos).** Sim, houve uma mudança na atividade proposta de número 3, pois ficou impraticável devido ao baixo domínio motor das crianças.

Participação dos alunos

- **Houve a participação dos alunos?** Sim, todos participaram.

- **Se não houve, qual foi o motivo:**

- **Se apropriaram do conteúdo proposto? Como? (Relatos).** Começou a aula com uma fala do professor sobre as atividades da aula anterior como a apresentação histórica do jogo e elaboração do quadro comparativo. Foi reforçado que alguns esportes eram limitados para uma parcela da sociedade “Sim professor, para os ricos”. Lugares na cidade de Presidente Prudente onde são praticados o BT na maioria em locais privados “Onde tem que pagar né professor?”. A escola é um lugar público ou privado “Público”, “Não precisa pagar nada”, e o Colégio Anglo “Privado”, “Professor, o que é Tennis Clube”.

Roda inicial – Quais jogos? “Pega-pegas, queimada, futebol, vôlei, basquete, pique bandeira, ameba” Quais são individualmente? “Pega-pegas, polícia ladrão” Quais materiais? “bola, raquete, bandeira pra jogar pique bandeira, bola de meia, bola de papel” Quais jogos que não pode tocar no chão? “bola de cristal, futevôlei, beach tennis, vôlei, tenis, altinha”, “Futebol de areia” Qual a dificuldade em jogar esses jogos? “Acertar a bola”, “acertar os movimentos”, “menos pessoa é mais difícil”, “bola tem que passar por cima da rede” “na areia posso me jogar”, “na areia fica mais

pesado”. O professor comentou que a areia do beach tennis é bastante fina e peneirada onde não vamos encontrar nada que comprometa a segurança ou atrapalhe o jogo.

Vamos fazer uma atividade onde não podemos deixar a bexiga tocar o chão, a bexiga tem que ser rebatida por todos. Muitos alunos fizeram de forma individualizadas ações de rebatidas. Mostraram bastante interesse pela dinâmica. Foi proposto a variação com rebatidas na palma da mão, posteriormente com o dorso da mão e em seguida com o cotovelo e finalizamos com o pé.

Para a próxima atividade foram colados sentados no círculo central da quadra. Cones foram colocados no formato de um quadrado. “Eu já fiz isso professor”. Foi explicado sobre corrida no quadrado onde um aluno tinha que alcançar o outro sem pisar dentro do quadrado. “Não pode pisar dentro? Foi feito melhor de 3 com um tempo de 15 segundo cada. Os alunos foram contando em voz alta. Houve bastante interesse, porém devido ao tempo nem todos que gostariam de participar, puderam. Agora vamos inserir uma bexiga. “Se cair dentro do quadrado?” “Professor tá muito difícil” “Não entendi direito”. Essa atividade foi repensada e proposta no outro dia.

A atividade 4 chamada de Alerta foi bastante empolgante. Vocês conhecem? Mas vamos fazer chamando nomes dos colegas. “Professor, não pode deixar cair?”, “Pode ser feito, menino chama menina, porque eles só querem chamar eles”, “Só 5 passos?”, “Tem que pegar a bexiga?”, “Mas só vale rebatendo, né?”

Alguns jogos vão utilizar as características de rebater, deslocar, fale sobre isso? E a utilização de bexigas? “Fica mais difícil com a bexiga, tem pouca direção, ela desvia com o vento, demora mais pra cair”. O professor falou sobre os deslocamentos usados nos jogos e a lógica interna desses esportes onde os jogadores direcionam para espaços vazios, assim como defendem ocupando esses espaços.

O professor propôs uma tarefa de casa compartilhada realizada com ajuda dos pais para ser corrigido na próxima aula.

Avaliação da aula – conteúdo

- **Pontos positivos:** Motivação e interesse pela aula. As atividades que foram propostas muitos já conheciam em outros formatos ou materiais facilitando a assimilação. O material bexiga proporciona uma facilidade para alunos com grandes dificuldades motoras.

- **Pontos negativos:** O vento foi um dificultador pois nesse dia ventava bastante. A atividade 3 teve que ser repensada devido a sua complexidade.

Recursos materiais e espaço físico

- **Impacto nas atividades:** O espaço da quadra para trabalhar com bexigas é muito aberto e venta demais. A bexigas foram enchidas antes da aula. As bexigas eram de boa qualidade também o fato de não estarem totalmente cheia, nenhuma estourou.

- **Limitações e facilidades:** Os jogos como já parte da realidade e práticas dos alunos foi um facilitador. O uso de materiais para rebater na atividade 1 acabou não acontecendo devido a falta de tempo.

Diário de Campo – Aula 4

Tema da aula: Menos é mais?	Data: 23/02/2024
Conteúdo Desenvolvido - Atividades propostas: Atividades e jogos com rede. - O objetivo foi alcançado? Sim, conseguiram experimentar e vivenciar atividades envolvendo o uso de rede conhecendo sua lógica interna e criando estratégias. - Houve imprevistos e/ ou alteração do conteúdo? (Relatos). Sim, houve uma alteração no alvo da atividade 3, tornando o maior e mais praticável.	
Participação dos alunos - Houve a participação dos alunos? Sim, todos participaram. - Se não houve, qual foi o motivo: - Se apropriaram do conteúdo proposto? Como? (Relatos). Foi falado sobre o objetivo da aula do dia, para que os alunos entendam a importância de organizar suas práticas corporais compreendendo sua lógica interna. Muitos alunos não apresentaram a tarefa solicitada onde acabou estendendo seu prazo para aula seguinte. Qual a relação entre tênis de mesa e vôlei? Esses esportes tem um sentido lógico? Suas configurações, formatos e objetivos. Quais jogos com características de rebater e não tocar o chão? “Volei, altinha, ping pong, beach tennis” Como se marca ponto? “Caindo a bola”. Foi apresentado a raquete construída adaptada. Comparou-se com uma raquete oficial. Valor, durabilidade, qualidade do material, poder de compra. O que vocês podem falar desta raquete? “Tem furos, serve pra passar vento”. Todos teriam condições de comprar? “Não, professor é muito cara”. No jogo Menos é mais foi distribuído uma raquete pra cada aluno. “Professor o BT é em duplas, mas aqui será em times”. Duas pessoas para escolha dos times. Usou um pouco de tempo antes do início do jogo para pequenos toques e rebatidas entre os alunos familiarizarem com os materiais. Foi reforçado as regras do jogo e ao iniciar os alunos se apropriaram de alguns golpes. Na primeira rodada os alunos deixaram as raquetes no chão, porém o professor percebendo e sentindo segurança pediu para que na rodada seguinte poderiam permanecer e correr com a raquete. “Professor mais o que acontece se eu pegar alguém?” e o professor respondeu que teria que passar para o time adversário. “Lembrem-se alunos, não pode passar por baixo da rede”. Mantendo suas raquetes foi falado sobre a atividade seguinte de criar algumas adaptações e possibilidades. “Professor, as raquetes ficaram muito boas”. O professor aproveitou a pergunta pra falar sobre a bolinha de espuma que não é oficial. “Professor podemos ser honestos e falar quando a bolinha passa por baixo da rede para não contar”, “Colocar alguns cones para bola não ir tão longe”,	

“Podemos fazer agora ao contrário, quem tiver mais bolinha pega” “Você fica de olho, professor”. Professor: “Então vamos botar em prática”.

O professor replicou uma sugestão de uma aluna para turma “Só vale rebater se alguém jogar a bola, bolinha levantada por você mesmo não vale”

Para a próxima atividade foi utilizada primeiramente o bambolê (2 alunos somente acertaram), e explicado sobre a importância de direcionar para alguns espaços da quadra com maior possibilidade de ponto. Porém, observou uma dificuldade e redimensionou-se para maiores espaços limitados com cones, mas mantendo a ideia de espaços estratégicos (9 alunos acertaram). “Professor, mas tem que deixar a bolinha dentro do bambolê?”, “É tipo jogo da velha”. Professor demonstrou para uma melhor compreensão. “Professor, se for quicando pode ser?” “Professor, eu bati a raquete na minha canela”.

Professor perguntou: “O que vocês acharam quanto ao uso da raquete nos jogos?” “Legal”, “A mão é fácil, mas como nossa mão é curta não consegue alcançar melhor”, “Professor, peguei a raquete mais em cima e consegui jogar melhor”. Estão conseguindo rebater a bola? “Sim”. Quais tipos de rebatidas? “Por baixo”, “Por cima”, “Fiz uma com efeito”.

Foi proposta a tarefa de apreciação de um vídeo de BT para observação de tópicos abordados: público, material e quadra e golpes utilizados.

Avaliação da aula – conteúdo

- **Pontos positivos:** Envolvimento de todos os alunos com o material em tempo reduzido proporcionando ótimo aproveitamento. Na atividade 3 o espaço maior favoreceu aproveitamento melhores dos alunos. Percepção de brincadeiras e jogos durante as atividades de cunho técnico. Não houve relatos de crianças inibidas pelo seu baixo desempenho nem crianças apontando e comparando performance.

- **Pontos negativos:** O fato de realizar com bambolê inicialmente atrasou e reduziu o tempo para mais questionamentos. Pouca criatividade dos alunos em se recriar as formas de jogo.

Recursos materiais e espaço físico

- **Impacto nas atividades:** O dia estava chuvoso levando a uma atenção redobrada quanto a segurança dos alunos e ao cuidado com o material.

- **Limitações e facilidades:** As raquetes construídas com MDF distribuída individualmente facilitou muito as possibilidades da aula, interesse e dinâmica da aula. Rebater anteriormente com as mãos melhorou a compreensão e sentido do uso da raquete.

Diário de Campo – Aula 5

Tema da aula: Beach nosso. Nossa praia.

Data: 26/02/2024

Conteúdo Desenvolvido

- **Atividades propostas:** Apresentar observações do jogo de BT do Youtube, minijogos de Beach Tennis, atividade interdisciplinar de inglês.
- **O objetivo foi alcançado?** Sim, estabeleceram relações do BT padronizado com propostas de jogos e minijogos.

- **Houve imprevistos e/ ou alteração do conteúdo? (Relatos).** Não.

Participação dos alunos

- **Houve a participação dos alunos?** Sim, todos participaram.

- **Se não houve, qual foi o motivo:**

- **Se apropriaram do conteúdo proposto? Como? (Relatos).** Inicialmente os alunos falaram sobre suas observações do BT no Youtube. “Professor, eles jogam na praia”, “Tem bastante gente jogando na praia”, “Mas só vale se jogar com raquete, com a mão não pode”

Foi solicitado a proposta interdisciplinar com a professora referência. Na quadra foi anunciado os objetivos da atividade do dia. Os materiais e o espaço de jogo a ser usado. Quanto custa praticar o BT? “Quinhentos”, “2 milhões”, “10 mil”, “Professor, na praia eu peguei uma raquete de BT, era muito pesada”. O professor corrigiu falando que possivelmente era de frescobol.

O jogo foi apresentado, assim como materiais e as regras do minijogo. “Professor, a pessoa pode jogar a bola de novo?”, “É um contra um?”. O professor orientou na organização com quatro cones onde fizeram as filas. Foi demonstrado com auxílio de um aluno como seria a atividade. “Professor, acaba de quanto? Foi estabelecido o arremesso por baixo e um tempo para trocar a função dos jogadores de cada fila. Alguns alunos tinham seus arremessos bem precários enviando para longe da quadra ou por baixo da rede. A grande maioria dos alunos conseguiram fazer suas rebatidas com as raquetes, ainda que com pouca troca de passes/rebatidas. O formato da quadra ficou bem estreito em decorrência de ter somente uma rede na escola. Meia quadra de vôlei foi o tamanho ideal, porém tivemos que usar cones grandes para a segunda rede, o que observamos mais troca de passes.

Já na segunda atividade a Berlinda foi sugerido um formato mais desafiador. Alguns alunos conseguiram desenvolver habilidades e elaborar estratégias, porém como tinha neste jogo regras pouco usuais como: o aluno que perder o ponto permanece por um momento no jogo; talvez seria necessário um tempo maior de assimilação por parte dos alunos para então o jogo começar a transcorrer melhor ou até mesmo um vídeo-animação para assistirem como é o funcionamento do jogo. “É legal professor pra ir dificultando o jogo” “Professor eu ganhei vou ficar?”, “Professor, saca daqui de dentro?”

O professor destacou sobre os limites da miniquadra “A quadra gente, vai até aqui” Na roda final: “Professor vai ser rápido? Vai ter muita pergunta?”. Quais sensações vocês tiveram? “Alegria”, “raiva”. E companheirismo? “Minha amiga ajuda muito porque ela motiva e é minha amiga”. Pode ser jogado por meninas e meninos? “Sim”. Quais materiais além da raquete e bolinha? “rede”. Quais golpes? “Eu me

joguei no chão e bati”, “por baixo”, “saque”, “rebatimento”. Quais lugares você ficou mais vezes? “No meio”, “Na frente, porque o povo só jogava na frente”, “Professor, no meio mais um passo pra frente”. Qual a movimentação melhor? “Esticar o braço e a mão com bastante força”, “As pernas afastadas”, “Pular para alcançar”.

Avaliação da aula – conteúdo

- **Pontos positivos:** Atividade com experiências desde as mais simples até as mais complexas num único jogo possibilitando crianças com habilidades em diferentes níveis.

- **Pontos negativos:** Desenvolver o jogo em apenas duas miniquadras acabou deixando alunos das filas com pouca troca, demorando demais para entrar.

Recursos materiais e espaço físico

- **Impacto nas atividades:** Otimizar o jogo com mais miniquadras e materiais alternativos para rede.

- **Limitações e facilidades:** O jogo foi empolgante para a maioria da turma. O enfrentamento com quantidades diferentes de alunos elevou a sensação de desafio na partida.

Diário de Campo – Aula 6

Tema da aula: Beach tennis sentado	Data: 28/02/2024
Conteúdo Desenvolvido - Atividades propostas: Palavras cruzadas termos ingleses, Jogo sentado na miniquadra, Recriação do jogo. - O objetivo foi alcançado? Sim, alcançou objetivos atitudinais estabelecidos assim como a percepção do outro. - Houve imprevistos e/ ou alteração do conteúdo? (Relatos). Não.	
Participação dos alunos - Houve a participação dos alunos? Alguns alunos faltaram, pois, há um surto de gripe nesses dias. - Se não houve, qual foi o motivo: - Se apropriaram do conteúdo proposto? Como? (Relatos). Organizou-se inicialmente as miniquadras para realização do jogo. Os alunos estavam eufóricos, porém bastantes cansados pelo calor em torno dos 40 graus nesse dia. Foi falado sobre o objetivo da aula e reforçado os termos ingleses pesquisados. Muitos são vistos facilmente numa partida: forehand, backhand, smash, staff etc. Foi falado também sobre os padrões do BT sua pontuação, medida, materiais oficiais. “Professor, pode jogar com cadeira de roda?”. O professor elogiou a pergunta e destacou que a aula teria um sentido realmente de inclusão: “Não temos alunos deficientes físicos na sala, mas poderia facilmente praticar o jogo que vamos fazer, pois será feito sentado e até mesmo um aluno com cadeira de roda poderia jogar”. O professor destacou: “A pontuação do BT vai de 15, 30, 40 e game. O primeiro	

ponto é o 15 indo até o quarto ponto que é game. É bastante estranho, mas é a contagem oficial do BT que se assemelha ao Tênis”, “Pesquisaram o que é match? Ou seja, a combinação, a partida. Um Match equivale 2 sets que por sua vez cada Set vale 6 games”.

“Professor eu pesquisei, mas eu não lembro o que é Set”.

O professor falou: “Um jogador saca o game inteiro mesmo se perder o ponto, diferente do vôlei que estamos mais acostumados aqui o game inteiro é sacado por um jogador somente”.

“Professor, vale ficar assim de joelhos?”, “O saque é feito atrás da linha”, “Deu game professor, agora eles sacam”, “Por baixo da rede não pode”, “Eles fizeram 40, já acaba?”, “Eles tão sacando muito alto e a gente está sentado”.

O que você pode alterar no jogo? “O ponto só valia 1, normal, até 10”, “Quem fica no fundo saca, ir rodando”

O desempenho? “Sentado bate a raquete”, “Fui péssimo”, “Difícil de movimentar”,

Em equipe? “Melhorou”, “Sozinho você não vai em todos lugares”

É inclusivo? “Pro cadeirante seria mais fácil”

Atitudes colaborativas? “Cada um ajuda o outro”, “minha equipe ganhou mas perdeu também”, “É muito difícil não andar”.

Avaliação da aula – conteúdo

- **Pontos positivos:** A atividade teórica interdisciplinar fortaleceu o uso e seu devido entendimento durante a partida. O trabalho em equipe possibilitou formatos e olhares diferentes ao jogo.

- **Pontos negativos:** Pontuação e regras do jogo precisam ser reforçadas em mais momentos.

Recursos materiais e espaço físico

- **Impacto nas atividades:** É importante destacar de forma bastante clara as limitações usadas na partida para facilitar a prática do jogo.

- **Limitações e facilidades:** Deve destacar sobretudo neste jogo além do desempenho individual o da equipe e a importância do outro durante o jogo.

Diário de Campo – Aula 7

Tema da aula: Supera	Data: 04/03/2024
Conteúdo Desenvolvido	
- Atividades propostas: Criação do jogo com uso de materiais: rede, bolinha, rede. - O objetivo foi alcançado? Sim, foi retomado o conhecimento do BT e elaborado um novo jogo. - Houve imprevistos e/ ou alteração do conteúdo? (Relatos). Não.	
Participação dos alunos	
- Houve a participação dos alunos? Sim. - Se não houve, qual foi o motivo:	

- **Se apropriaram do conteúdo proposto? Como? (Relatos).** Foi reforçado as regras do BT, sua pontuação, quadra e limites, formas de competição, golpes etc. “Professor, não é até 60?”. O quarto ponto é o game. O professor falou sobre o fato de o sacador alternar entre o game, o material de jogo pouco acessível às pessoas em geral, assim como o lugar de jogo muitas vezes privados. O professor questionou: O BT é jogado onde? “Na areia, adequado, na praia, privados”, “Mas o balneário não é pago”. O professor respondeu: “Sim, mas quantas vezes você viu isso, é muito raro. Você vai em qualquer clube de BT ao final da tarde estão lotados, vai no balneário e observa neste mesmo horário? Rarissimamente, você vai ver uma dupla jogando”. “Professor eu procurei na internet como se faz uma raquete de BT”. Foi formado 4 grupos para que recrie o BT. Os alunos pensaram sobre como pode-se jogar tendo como base o BT. Eles escolheram seus grupos onde iriam fazer o trabalho. Neste momento de reflexão e processo de criação sistematizado observou que alguns alunos se afastavam demonstrando uma certa aversão ao momento de reflexão.

Houve alguns questionamentos como: Pode ser um jogo com pés?”, “Um jogo igual ao BT?”, “O espaço escolhemos a quadra”, “Nosso material vai ser raquete, rede e bolinha”.

Os alunos apresentaram muita dificuldade em elaborar as regras de maneira compreensível ao leitor. Ao escrever sobre regras muitos apenas escreviam poucas palavras desconectadas o que acabou travando um pouco o desenvolvimento desta parte da aula.

A parte seguinte da atividade que era de junção dos grupos foi um tanto tumultuada por causa que as crianças queriam que as ideias de seu grupo de origem prevalecessem. Houve também relatos que o jogo pensado pelo seu grupo não tinha muito a ver com o jogo criado pelo outro grupo causando um embaraço. O professor destacou que não era para ser uma votação um ou outro, porém compartilhar ideias e gerar ideias ainda melhores. No entanto não restou outra alternativa no final a não ser que cada grupo apresentasse seu jogo e foi escolhido um, por votação, para a sala.

Avaliação da aula – conteúdo

- **Pontos positivos:** Foi um momento ótimo de reflexão por conta do processo de criação do novo jogo, sobretudo levantamentos relacionados ao BT no seu formato padronizado.

- **Pontos negativos:** Falta de consenso para chegar a um jogo único da sala. Os grupos por alguns momentos travavam um tipo de competição.

Recursos materiais e espaço físico

- **Impacto nas atividades:** Foi organizado somente 4 grupos em função do tempo. Esse tipo de atividade requer, para o ano deles, um pouco mais de tempo para eles desenvolverem melhor suas ideias.

- **Limitações e facilidades:** Acabamos deixando o momento da prática do jogo para aula seguinte.

Diário de Campo – Aula 8

Tema da aula: Mural do Beach Tennis da escola	Data: 07/03/2024
Conteúdo Desenvolvido - Atividades propostas: Vivência do Beach Tennis oficial e do jogo recriado de BT - O objetivo foi alcançado? Sim, buscou se ações provenientes do conhecimento construído e a prática social transformadora. - Houve imprevistos e/ ou alteração do conteúdo? (Relatos). Não.	
Participação dos alunos - Houve a participação dos alunos? Sim. - Se não houve, qual foi o motivo: - Se apropriaram do conteúdo proposto? Como? (Relatos). Os alunos fizeram essa aula no Balneário da Amizade da cidade de Presidente Prudente. É um local com quadras de areias, parques infantis, campos, pistas de caminhada e um lago (indisponível para banho). Essa aula teve a duração de 2h. O balneário fica nas proximidades da escola mesmo assim conduzimos de ônibus cedido pela prefeitura até o local. Durante o trajeto estavam contentes e ansiosos. “Professor, eu nunca fui neste lugar”, “Faz tempo que eu não ando de ônibus”, “Vai ter lanche?”. A professora da sala e mais 3 estagiárias de Ed. Fís. ajudaram na organização com as crianças. O professor destacou que não se tratava apenas de um passeio, mas de uma aula. “Ah, professor! Minha mãe vem caminhar aqui”, “Pode ir ao parquinho”. Dirigiu-se ao quiosque para guardar os lanches, sucos e outras coisas. Ao abrigo da sombra o professor abordou novamente o jogo recriado. Algumas regras e situações de jogo para que todos estivessem cientes daquilo que iriam jogar e explicar ao profissional de BT. “São só 4 jogadores, não pode ser mais?”, “Vamos jogar, professor?”, “Ficou legal esse jogo, eu gostei”, “Vou tirar o tênis, professor”. Enquanto se armou a rede os alunos em duplas fizeram um bate bola em duplas utilizando as raquetes e bolinhas. Ao chegar o profissional de BT os alunos foram organizados em roda. Ele falou da experiência dele como técnico e jogador profissional de BT credenciado na CBT. Disse que dá aula em condomínios e no Copacabana Beach, um clube privado de BT da cidade. Falou que possui 30 bolinhas oficiais e 3 raquetes de uso para jogo e aula. Trouxe algumas informações técnicas: a raquete é composta de 3 partes, aconselha um tratamento na raquete para torná-la mais adequada ao jogo, medida oficial e diferença para nível profissional, posição do corpo e o pé de apoio correto, movimento de voleio esquerda e direita. O profissional de BT apresentou as raquetes oficiais para os alunos. Eles ficaram muito surpresos: “Que linda”, “Levinha”, “Professor, igual a nossa! (risos)”, “Essa raquete é muito leve”, “Que cor bonita quero pra mim”, “Deve ser uns 10 mil”, “Ela tem uma areinha”, “Ela tem uma espécie de lixinha para dar aderência (Prof BT)”. Fizeram exercícios de manejo de raquete, posição corporal, golpes, direcionamento	

e precisão de batidas.

Muitos alunos acertaram as batidas e posicionamentos dos pés. Responderam corretamente a pergunta sobre a altura e quantidade de jogadores do BT.

Após a vivência: Quem nunca visitou o Balneário? Quatro crianças nunca tinham visitado.

Quais as sensações de praticar o BT oficial? “Empolgante”, “Foi legal”, “Interessante”, “Achei que as raquetes eram mais pesadas?”, “Emocionante”, “Cansativo”, “Consegui fazer as posições que o professor passou”, “Professor, quanto é a aula que o senhor cobra?”, “Passa lá com seu pai que eu dou um desconto”.

Como esses espaços públicos poderiam ser melhor utilizados para prática do BT? “Particular virar público”, “Realizar campeonatos”, “Trazer mais pessoas para jogar”, “Até vocês podem utilizar esses espaços com suas raquetes adaptadas para jogar”, “Lembro que quando foi feito era bastante ocupado, porém as pessoas pararam de usar e a manutenção foi ficando de lado”.

O professor pontuou que o espaço público é um direito de todos e tem que ser cobrado por melhorias, manutenção e uma utilização com qualidade.

Avaliação da aula – conteúdo

- **Pontos positivos:** As crianças ficaram bastante empolgadas em utilizar espaços fora da escola. Começaram a ver o BT como possibilidade de prática “Vou pedir pro meu pai fazer uma raquete pra eu jogar”. A menção a parte técnica e de posicionamento foi levada a sério pelos alunos. O balneário é um local próximo a maioria dos alunos pois é situado no bairro da escola. A quantidade de raquetes e bolinhas suficiente para cada um.

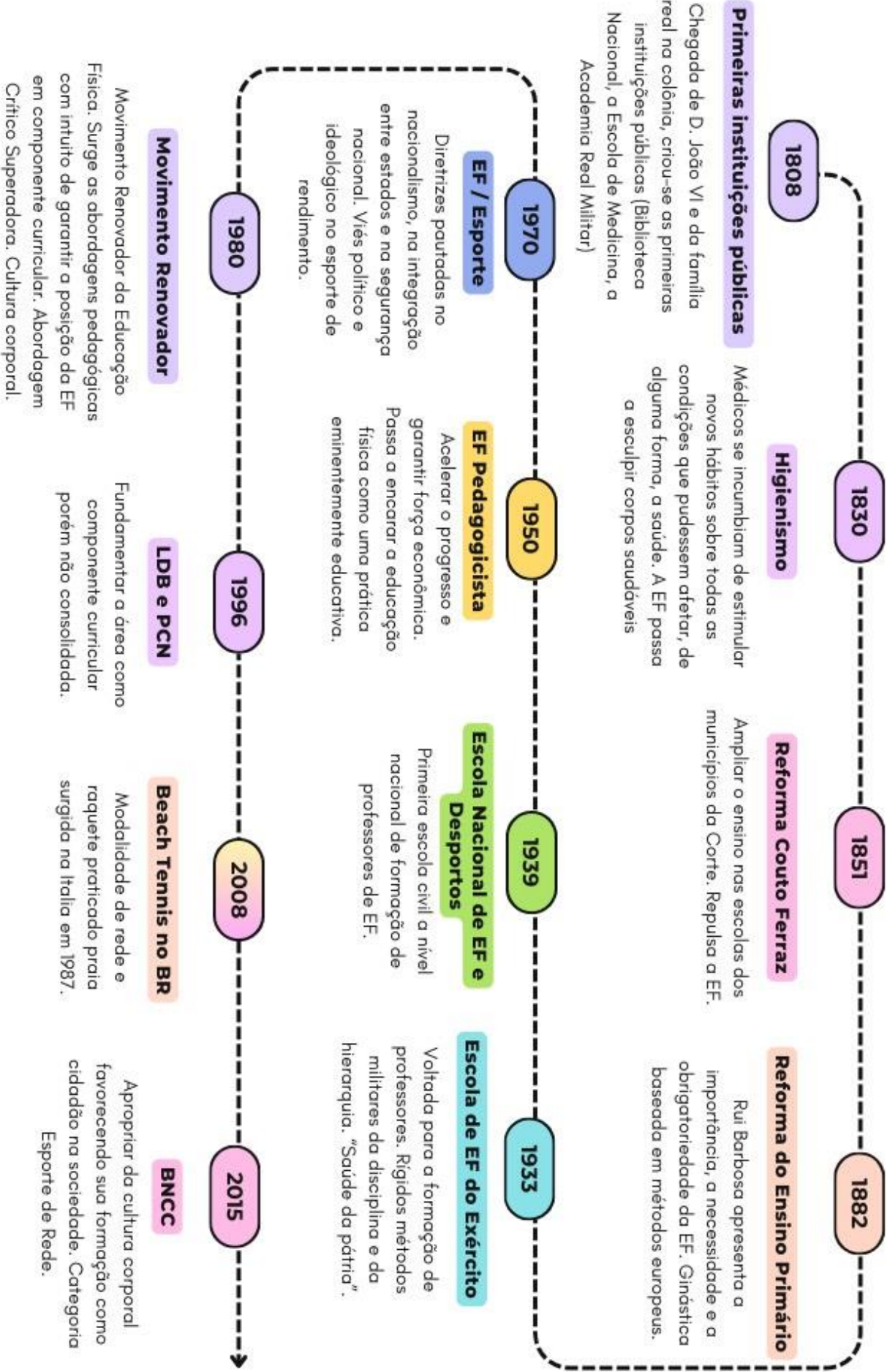
- **Pontos negativos:** Muito calor desgastou principalmente nos momentos de roda de conversa. Não teve tempo hábil para apresentar o jogo recriado para o profissional de BT.

Recursos materiais e espaço físico

- **Impacto nas atividades:** O profissional de BT levou um cesto de bolas oficiais e 3 raquetes oficiais permitindo a prática de exercícios de fundamentos do BT.

- **Limitações e facilidades:** Os alunos usaram o material e puderam comparar sua estrutura com os adaptados.

Percurso Histórico da EF no Brasil



PRODUTO EDUCACIONAL

**PERSPECTIVA CRÍTICA NA
IMPLEMENTAÇÃO DO**

Beach Tennis

NA ESCOLA

VICTOR DE MOURA FERREIRA

JOSÉ RICARDO SILVA



VICTOR DE MOURA FERREIRA

**PERSPECTIVA
CRÍTICA NA
IMPLEMENTAÇÃO
DO BEACH TENNIS
NA ESCOLA**





F383p

Ferreira, Victor de Moura

Perspectiva crítica na implementação do Beach Tennis na escola / Victor de Moura Ferreira. -- Presidente Prudente, 2024
36 p. : il., fotos + objeto educacional

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

Orientador: José Ricardo Silva

1. Educação física escolar. 2. Beach Tennis. 3. Esporte. 4. Prática social. 5. Pedagogia crítica. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.





REALIZAÇÃO

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - CÂMPUS PRESIDENTE PRUDENTE, SP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL
EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL - PROEF
COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES



SUPERVISÃO GERAL

PROF. DR. JOSÉ RICARDO SILVA

ELABORAÇÃO

PROF. MS. VICTOR DE MOURA FERREIRA

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÃO

REGINALDO MAURICIO DE SOUZA

FOTOS EXTRAÍDAS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR PESQUISADOR, DEVIDAMENTE
AUTORIZADAS PELO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA MEDIANTE O PROTOCOLO CAAE N.º
68937123.0.0000.5402 PARECER N.º 6.200.234 E PELOS RESPONSÁVEIS LEGAIS DOS ESTUDANTES.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
INTRODUÇÃO.....	7
SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	9
AULA 1: BEACH TENNIS, E DAÍ?	10
AULA 2: EU POSSO!?	12
AULA 3: COM QUE TU JOGAS?	16
AULA 4: MENOS É MAIS.....	19
AULA 5: BEACH NOSSO. NOSSA PRAIA.....	21
AULA 6: BEACH TENNIS SENTADO.....	24
AULA 7: SUPERA!.....	27
AULA 8: MURAL DO BEACH TENNIS DA ESCOLA.....	30
REFERÊNCIAS.....	33



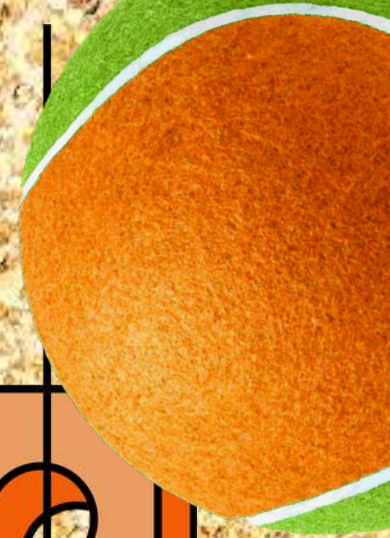
APRESENTAÇÃO





Apresentamos esse material didático como produto educacional, sendo parte integrante do Programa Profissional de Mestrado em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). A pesquisa realizada com o título “Perspectiva crítica na implementação do Beach Tennis na escola” teve como objetivo discutir sob a perspectiva crítica o Beach Tennis como conteúdo da Educação Física a estudantes do quinto ano do ensino fundamental ampliando sua cultura corporal. Desta forma este produto educacional visa subsidiar profissionais da educação e outros interessados para o trabalho educativo com as crianças no sentido de construir o conhecimento relacionado ao Beach tennis enquanto objeto de estudo.





INTRODUÇÃO





A Educação Física é uma prática pedagógica que, no universo escolar, tematiza diversas formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal (SOARES et al, 1992). O esporte como um destes elementos, por alguns momentos da história, percorreu de maneira hegemônica como conteúdo nas escolas, muitas vezes restritos as quatro modalidades: futsal, voleibol, basquete e handebol (DARIDO e RANGEL, 2005). Essa manifestação do esporte no sistema educacional se estruturou em princípios tais como: rendimento, competição, regras rígidas, seletividade e técnicas. O papel do professor se apresentava bastante centralizador devido a um modelo de prática que tinha a repetição mecânica dos movimentos esportivos em suas aulas (DARIDO e RANGEL, 2005). Esse modelo passou a orientar a prática pedagógica em EF presente desde seu nascimento percorrendo toda a implementação no Brasil, no Brasil dos militares até o Brasil dos desportos.

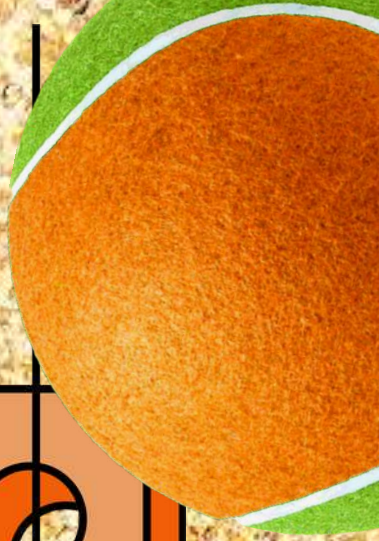
A orientação no âmbito da EF de caráter pedagógico, voltado para uma prática educativa sobre o corpo, de certa forma, marca o início de uma EF baseada no conhecimento científico denunciando seu emprego no sentido biológico de corpo até o ponto de fazer da crítica do papel da educação na sociedade capitalista uma categoria central (BRACHT, 1999). Fundamentamos esse trabalho nesta perspectiva crítica. O movimento humano como objeto da EF é entendido como um fenômeno histórico-cultural, sustentado pelas abordagens críticas e progressistas, “[...] assim, conscientes ou dotados de consciência crítica, os sujeitos poderão agir autônoma e criticamente na esfera da cultura corporal ou de movimento agindo de forma transformadora como cidadãos políticos” (BRACHT, 1999, p. 81).

Assim, propor o Beach Tennis (BT) sob a perspectiva crítica nas escolas públicas pela Educação Física, é tratar de um fenômeno social transformador atribuído à cultura corporal.

O BT é uma modalidade esportiva individual ou em dupla com características de rebater num espaço de quadra de areia dividida por rede, no entanto, uma opção quase que rara no âmbito escolar público, provavelmente por ser uma modalidade considerada nova surgida em 1987 na Itália, mais precisamente na província de Ravenna, chegando ao Brasil somente em 2008 (CBT, 2023). Apesar da categoria Esporte de Rede (BNCC, 2017) e, especificamente aquelas modalidades como o BT que utilizam raquetes, fazerem parte do currículo das escolas públicas, observa-se uma dificuldade, não somente no processo de ensino e aprendizagem desses esportes, mas também ao inseri-los efetivamente aos planos de aulas de Educação Física (KRÜGER, 2013 apud GINCIENE et al, 2017)

Percorrendo o caminho do conhecimento empírico ao científico, apresentamos neste trabalho uma sequência didática com 8 (oito) aulas operacionalizada através das fases: prática social, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final (GASPARIN, 2013). Desta forma entende-se que a atividade pedagógica estabelecida, como preconiza a Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 1999), dá-se a partir da prática, passando à teoria e retornando à prática.





SEQUÊNCIA DIDÁTICA



AULA 1: BEACH TENNIS, E DAÍ?

Objetivo: Apresentar aos alunos o esporte Beach Tennis (BT) e refletir sobre o seu lugar dentro de nossa sociedade.

Roda inicial: Quais esportes vocês conhecem? Como se marca pontos nele? Dentre eles quais fazem uso de raquetes? Quais os principais movimentos que fazemos nesses esportes? Todos podem jogar esses esportes? Por qual motivo?

Será apresentado algumas imagens de esportes aos alunos no formato do jogo IMAGEM E AÇÃO, ou seja, um estudante será escolhido para demonstrar com mímicas (ação) a imagem referida. Um a um todos os alunos terão a oportunidade de realizar a “ação” com o uso de outras imagens. Esse momento pode ser feito com uso de recursos digitais (notebooks, computadores, projetores, celular etc.)

Desenvolvimento da aula:

1 – Beach Tennis – O professor exibe um vídeo de uma partida oficial de Beach Tennis, logo depois os seguintes questionamentos: Todos conhecem? Do que se trata? Onde se joga? Quem já jogou? Por que vocês não jogam? Chama a atenção dos alunos também aos materiais, equipamentos, espaços, movimentações, objetivos e regras básicas.

Professor compara a lógica de funcionamento do Beach Tennis assim com outros esportes de rede, ou seja, fazer a bola ou peteca cair nos espaços de quadra vazio ou fazer que o adversário erre a devolução.

Destaque o padrão elitizado colocado ao BT como: o alto custo de alguns equipamentos de jogo, as áreas privadas pagas onde jogam o BT como academias, condomínios e arenas esportivas.





2 – O que ele joga? – O professor apresenta imagens de pessoas, lugares e materiais. Os alunos devem ver se cada imagem se relaciona ou não com o Beach Tennis.



3 – O professor pede aos alunos para citarem alguns jogos e brincadeiras que eles conhecem e que apresentam uma ou algumas destas características percebidas no BT. É importante que os alunos falem sobre as regras dos jogos das quais destacarem e assim outros alunos podem contribuir agregando outras características.

Após citarem os jogos/brincadeiras é hora de experimentarem, onde a turma irá escolher um dos jogos conforme a disponibilidade de material, espaço e adequação.



Sugestão de atividade: O jogo do Bobinho é um exemplo bastante conhecido onde o objetivo é não deixar a bola cair ainda que atrapalhado pelo "bobinho". O Betis ou Taco também um jogo bastante popular em que apresenta a ação da rebatida como característica similar ao BT. Peteca, também fazendo uso de rebatidas/rede. Professor fique atento pois talvez a sugestão da atividade será referente ao aspecto segmentado e restrito da prática do BT como por exemplo o Tênis ou Golfe.

Roda final: Neste momento pergunte sobre o que eles acharam da atividade. Quais características do BT estão presentes na brincadeira sugerida? É possível saber o que a pessoa joga por ser rico ou pobre? Comente.





PROBLEMATIZAÇÃO

AULA 2: EU POSSO?

Objetivo: Discutir sobre a história do Beach Tennis (BT) seus padrões estabelecidos até hoje e as possibilidades dessa prática corporal.

Roda inicial: Esse primeiro momento é hora de falar sobre a história do Beach Tennis, assim como o Tennis de campo historicamente relacionada à aristocracia caracterizando ainda como uma prática esportiva segmentada.



Texto - **História do Beach Tennis**

O Beach Tennis foi criado em meados de 1987 na província de Ravena, na Itália, quando praticante de Tennis aproveitavam as redes de vôlei instaladas na areia e começaram as primeiras rebatidas. Em 1996 o esporte começou a se profissionalizar. Atualmente, este esporte tem uma mistura do tênis tradicional, vôlei de praia e badminton e suas regras e práticas vêm se modificando ao longo dos anos.

A modalidade chegou ao Brasil em 2008 no estado do Rio de Janeiro. Desde então, o Beach Tennis vem crescendo rapidamente para outras cidades litorâneas brasileiras. Ganhou popularidade, inclusive, nas cidades não praianas, como Belo Horizonte, Brasília e Araraquara. Estima-se que atualmente (2023) existam cerca de 1,1 milhões de praticantes no país.

Atualmente o Brasil é a segunda maior força do mundo neste esporte, atrás apenas da Itália, o país criador da modalidade. O sucesso do Beach Tennis no Brasil e no mundo deve-se pela facilidade com que uma pessoa aprende a jogar e pela diversão que ele proporciona mesmo para quem nunca praticou antes. Além disso, é uma excelente opção para quem quer melhorar o condicionamento físico e cuidar da saúde.

Fonte – CBT <http://cbt-tenis.com.br/>





Após a leitura do texto questione a turma sobre o que eles conhecem do BT em nossa cidade Presidente Prudente. Quais lugares da cidade são praticados o BT? Esses locais mencionados todas as pessoas têm acesso? O que preciso para jogar BT?

Desenvolvimento da aula:

1 - “Jogo do Rei” – Antigamente o Tennis era praticado somente por ‘Lords’ da Inglaterra (clérigos, burgueses e príncipes). Em alusão disso, um aluno se posiciona no centro da quadra (Rei) e o restante dos alunos dentro de uma das áreas da quadra. Inicialmente o jogador do centro fala bem alto “Jogo jogado, por reis são achados”, e o restante da turma responde “E se eu quiser jogar”, em seguida o jogador do centro responde “Uma cor tem que mostrar”. Nesse momento o “rei” fala uma cor na qual quem tiver na roupa ou calçado poderá passar até a outra área livremente. Aquele que não tiver terá que fugir do “rei” para não ser pego. Os jogadores pegos irão ajudar o “rei”.

2 – Leia os trechos a seguir:

Uma vila italiana do século 3, em Enna, na Sicília, exibe afrescos com meninas em trajes semelhantes a biquínis jogando uma bola parecida com a de Tennis em uma quadra. Elas usam só as mãos e parecem dar tapas na bola como se os braços fossem raquetes. Essa seria a pré-história do Beach Tennis.

Fonte – Jornal Folha: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2023/07/pais-do-beach-tennis-por-que-numero-de-praticantes-quase-triplicou-no-brasil.shtml>



O “Jeu de paume” (jogo da palma) é um precursor do Tennis, praticado na França em meados do século 12, os reis tinham nesse jogo sua principal diversão chegando a ponto de o rei Luís XI decretar "que a bola de tênis teria uma fabricação específica: com um couro especialmente escolhido, contendo chumaço de lã comprimida, proibindo o enchimento com areia, giz, cal, cinza, terra ou qualquer espécie de musgo".

Era disputado ao ar livre e com as mãos. Na Inglaterra, já no século 14 começaram a ser construídas quadras fechadas. Os nobres ingleses mantiveram o esporte dentro de seus castelos, o que então teria dado origem ao termo “tênis real”. O sucesso do esporte entre a elite é facilmente explicado: a aristocracia se recusava a praticar qualquer jogo que exigisse contato físico, o que considerava indigno.

Fonte – Jornal UOL: <https://homolog.tenisbrasil.uol.com.br/historia-do-tenis>

Este momento os alunos poderão vivenciar as rebatidas do BT com algumas bolinhas de espuma, porém utilizando somente as mãos. Os alunos se organizam em duplas e o professor distribui uma bolinha para cada dupla. De forma cooperativa os alunos da dupla rebatem a bola alternadamente de maneira a atingir o maior número de rebatidas sem cair. Cada rebatida vai se mencionando uma letra do alfabeto até a bola cair. O aluno que tocou por último na bola fala uma palavra iniciada com a letra mencionada sobre o BT.

Roda final:

De posse de uma das bolas de espumas, um aluno irá responder uma das perguntas. Após sua resposta irá lançar para outro aluno, dando também a oportunidade de responder.

1- Os jogos praticados por pessoas privilegiadas ainda existem até hoje? Comente.

2 - Onde estão essas pessoas e o que elas têm de diferente?

3- Todos podem jogar BT?

Faça um quadro comparativo com as características do francês “*Jeu de paume*” (jogo da palma) praticado na aula e os jogos de BT apresentado nos vídeos da aula anterior. É importante a participação de todos contribuindo para preenchimento do quadro.



QUADRO COMPARATIVO

"JEU DE PAUME"	BEACH TENNIS





INSTRUMENTALIZAÇÃO

AULA 3: COM QUE TU JOGAS?

Objetivo: Reconhecer diferenças e semelhanças nas ações e operações no jogo de BT (rebater, deslocamento, tempo de reação etc.) nas diversas práticas corporais do cotidiano.

Roda inicial: Quais jogos têm se praticado no dia a dia em casa, ruas, praças, escolas etc.? São jogados individualmente ou não? Quais materiais se utilizam para jogar? Fale alguns jogos que o objeto de jogo (bola, peteca, pano, bastão etc.) não deve tocar o chão? Quais as dificuldades neste tipo de jogo?

Desenvolvimento da aula:

1 – Domínio da própria ação corporal – Em roda ou em um espaço estipulado (ex. quadra de vôlei ou meia quadra de futsal) as crianças não devem deixar a bexiga cair. Em seguida são inseridas mais bexigas, uma a uma, para não deixarem cair.

Variação: O professor, ou até mesmo algum aluno escolhido, pode estabelecer alguns desafios na maneira que as rebatidas acontecem: palma da mão, mãos fechadas, com saltos, com giros, movimentos lentos, sentados, com ou sem o uso de algum material (cones, bastões, raquetes, garrafinha de plástico etc.);



2 – Jogo da corrida no quadrado – Dois jogadores são escolhidos. Como em um pega-pega, porém correndo somente em volta do quadrado feito com cones. O objetivo é tocar no outro jogador. Variação: Estipula tempo de duração aproximadamente 15 segundos. Fazer melhor de 3 tentativas.



3 – Jogo da corrida no quadrado com bexigas - Da mesma forma anterior, porém fará uso de uma bexiga. O jogador escolhido (perseguidor) e o jogador (fugitivo) cada um com uma bexiga, não podem deixá-la cair. Pontua quando o perseguidor toca no fugitivo ou quando um dos jogadores deixa a bexiga tocar o chão ou quando o tempo estipulado (15 seg.) se encerra. Variação: pode utilizar algum material para rebater a bexiga ou bola de espuma.



4 – Alerta com bexiga – Um jogador rebate a bexiga para cima e grita o nome de outro jogador. O jogador chamado deve pegar a bexiga antes que ela toque o chão e gritar “alerta”, neste momento as outras crianças têm que ficar como estátuas. Quem estiver com a bexiga dá cinco passos e tenta acertar rebatendo em alguém. Se conseguir, a brincadeira recomeça. Se errar, ele cede a condição de jogar a bexiga para cima ao jogador que ele pretendia, mas não conseguiu acertar. Variação: Utilizar raquete para rebater.



Roda final: Converse com a turma sobre os jogos que utilizam essas características de rebater. Questione sobre as condições que o material (bexiga) proporcionou quanto a tempo e os tipos de deslocamento, direcionamento da rebatida, fragilidade da bexiga etc. Peça para que converse com os familiares e registrem no caderno, sobre quais jogos ele conhece que utilizam a características apresentadas: rebater e impedir que o objeto de jogo toque o chão.



AULA 4: MENOS É MAIS

Objetivo: Experimentar e vivenciar atividades e jogos de rede conhecendo sua lógica interna, criando estratégias individuais e coletivas, assim como adaptações de regras e materiais.

Roda inicial: Peça aos estudantes contarem sobre a atividade da aula anterior. Quais jogos seus familiares praticavam com aquelas características mencionadas anteriormente?

Fale sobre algumas dessas práticas como: vôlei, badminton, peteca e o beach tennis assim como o material adaptado para o jogo: raquete de mdf e bolinha de espuma.

Desenvolvimento da aula:

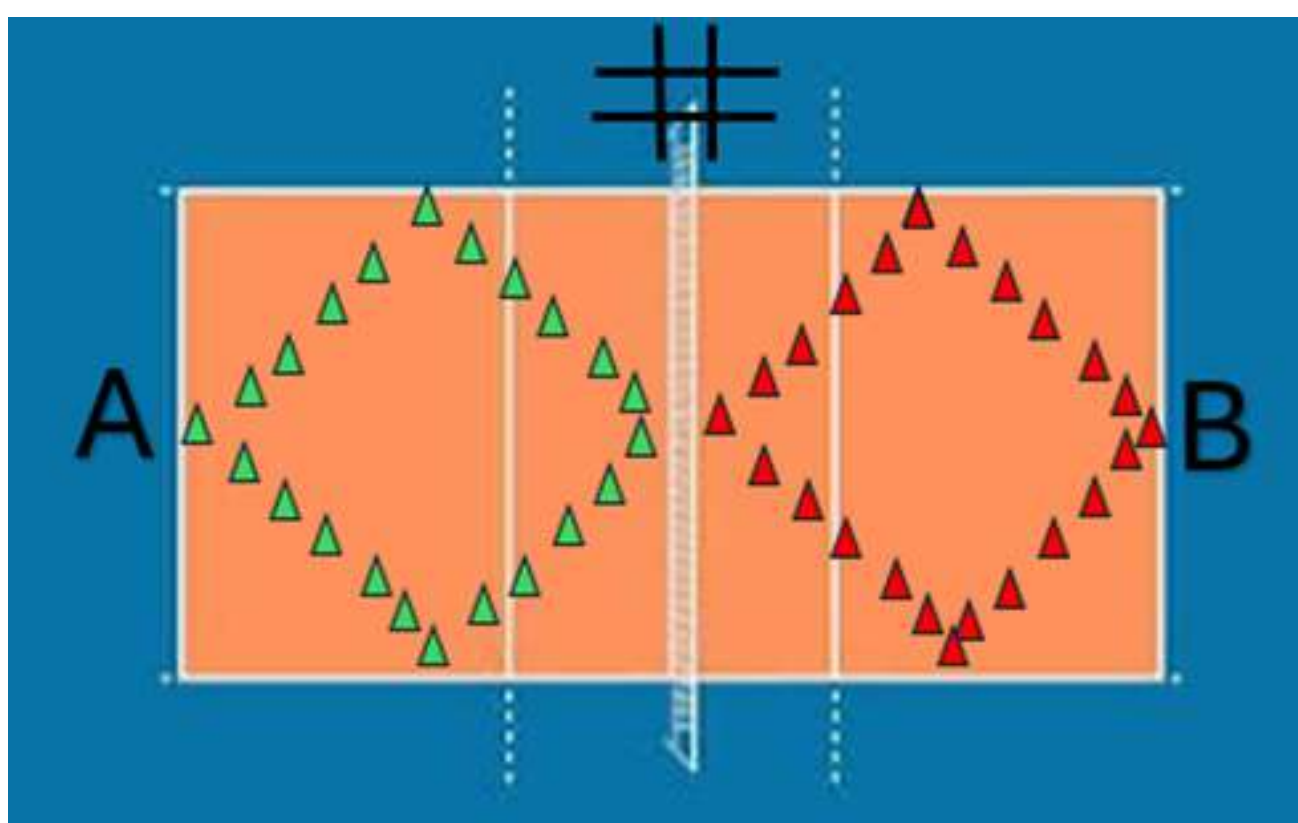
1 – Menos é mais – Professor distribui uma raquete para cada jogador. Com uso de uma rede de vôlei e duas equipes formadas, posicioná-las em cada um dos lados da quadra de vôlei. O objetivo desse jogo é rebater com as raquetes as bolinhas por cima da rede para o outro lado deixando menor número de bolas do seu lado. Ao final do tempo (30 segundos) as raquetes serão deixadas junto ao poste de vôlei será feita a contagem do número de bolas que ficaram em cada um dos lados. A equipe com menor número de bolas do seu lado, ao sinal do professor irá “pegar” a outra equipe, e esta irá “fugir” para um espaço delimitado (ex. área de goleiro oposta) quem for pego passa para a outra equipe na próxima rodada.

2 – Pratique o jogo novamente, continuando com os materiais bolas, raquetes e rede, mas agora sob a intervenção dos alunos recrie algumas regras e formatos. Peça que deem algumas sugestões para prática do jogo.





3 – Professor, nesta atividade os alunos experimentam o jogo numa combinação de precisão e raciocínio rápido com o tradicional “jogo da velha”. Pergunte se todos sabem as regras do jogo da velha. Duas equipes A e B, enfileiras em lados opostos, onde cada aluno rebaterá a bola com a raquete para quicar dentro dos espaços delimitados por cones posicionados nas extremidades da quadra (conforme imagem abaixo), no lado oposto. Se acertar ele coloca um objeto (colete ou marca com giz) no lugar dentro do tabuleiro do jogo da velha (desenhado com giz ou colocado cordas/cones). Se errar o alvo ou golpe/rebatida ele vai para o final da fila cedendo a vez para outra pessoa da sua equipe. A equipe vencedora é a que completar o jogo da velha primeiro.



Roda final: Quais estratégias individuais foram empregadas durante o jogo? Quais estratégias coletivas?

É importante que os estudantes enxerguem o ganho de possibilidades de jogo com o uso das raquetes, a percepção espacial necessária, direcionamento da bolinha em espaços vazios, posição corporal na realização dos movimentos ou deslocamento etc.

Sala de aula invertida – Solicitar aos alunos que apreciem no Youtube um jogo profissional de Beach Tennis. Peça para que anotem: Como é o público que está presente? Como são as quadras e os materiais de jogo? E por fim, como são os golpes/rebatidas realizados?



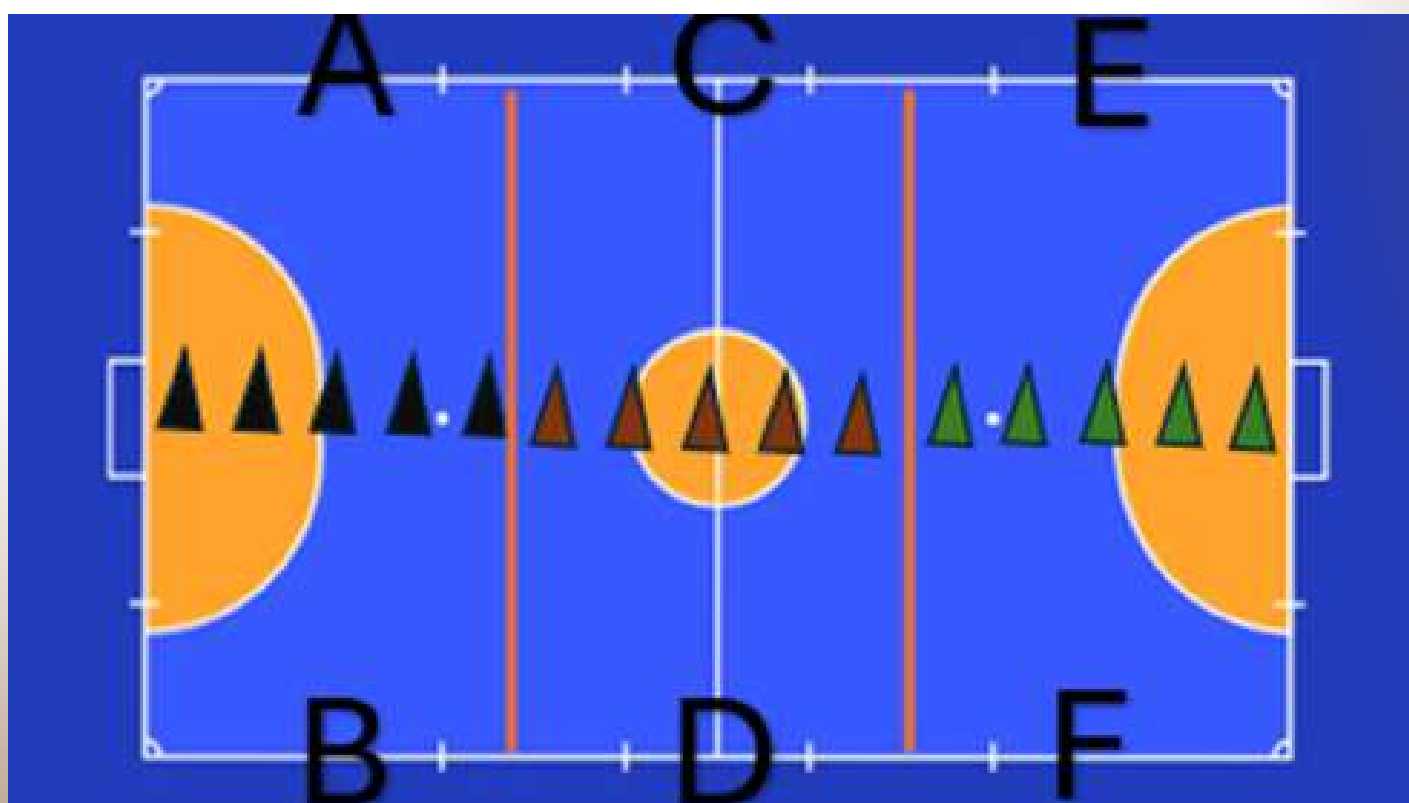
AULA 5: TEMA – BEACH NOSSO. NOSSA PRAIA.

Objetivo: Ressignificar experiências de aprendizagem do Beach Tennis desvinculada ao padrão dominante e ao alto consumo.

Roda inicial: Questão norteadora: Quanto custa praticar Beach Tennis? Mostrar aos estudantes os valores atualizados dos materiais oficiais intermediários do BT: raquete, bolinha, rede, areia específica, hora/aula em espaço privado etc. Peça aos alunos que apresentem as observações solicitadas na aula anterior.

Desenvolvimento da aula:

1 – Utilizando redes de vôlei entre uma trave de gol a outra no espaço da quadra de futsal (ou cones grandes alinhados) numa altura aproximada de 1,5m. formando três miniquadras (conforme a imagem abaixo). Divida os alunos em 6 filas/grupos, uma em cada linha de fundo das miniquadras (letras na imagem). O jogo inicia com o jogador da fila “A” dentro da quadra (saque) arremessando (sem raquete) a bolinha por cima da rede e o jogador da fila “B” deve rebater (com raquete) para o outro lado. Pontua-se quando a bola toca o chão da quadra adversária ou quando o jogador adversário não consegue rebater a bola para dentro de sua quadra. O jogador que marcar o ponto continua para nova tentativa, no entanto o outro jogador deve voltar para o final da fila. O saque será sempre da equipe que estiver arremessando. A cada 5 pontos de uma das equipes (ou estipula-se tempo ex. 4 minutos), troca-se a função de arremessar e rebater (a fila “B” passa a arremessar). O jogador que faz o arremesso, não pode rebater, mas deve sempre segurar a bola, sem caminhar de posse de bola, e jogar ao lado adversário. Utiliza-se essa mesma organização para as filas/grupos “C” com “D” e “E” com “F”.



2 – Berlinda - Mantendo a formação das filas e áreas de jogo, porém agora não será utilizado o arremesso (sem raquete). O jogo se inicia com o jogador da fila “A” atrás da linha de fundo rebatendo (com raquete) a bolinha por cima da rede. Permanece as regras da atividade anterior. A grande diferença está em cada vez que o jogador que perdeu o ponto, fica na berlinda, ou seja, permanece em quadra para ajudar o próximo jogador de sua fila, formando assim um 2 contra 1. Se ele vencer novamente, mais um jogador ficará na berlinda e formará um 3 contra 1, assim sucessivamente. No entanto, se o lado com mais jogadores vencer o “rally”, somente o (s) jogador (es) que estavam na berlinda saem, ou seja, o jogador que acabou de entrar permanece para continuar o jogo.



Roda final: Questione os estudantes se as sensações de vitória, derrota, frustração, êxito foram marcantes durante a vivência dos jogos? E as sensações de cooperação, companheirismo, justiça, inclusão? Sugira que os estudantes comentem sobre estas sensações e quais delas estão mais presentes entre os jogos de BT apreciado no Youtube e o BT vivenciado em aula. Professor, conecte as sensações levantadas com as observações dos alunos: pessoas, materiais, técnicas de jogo.

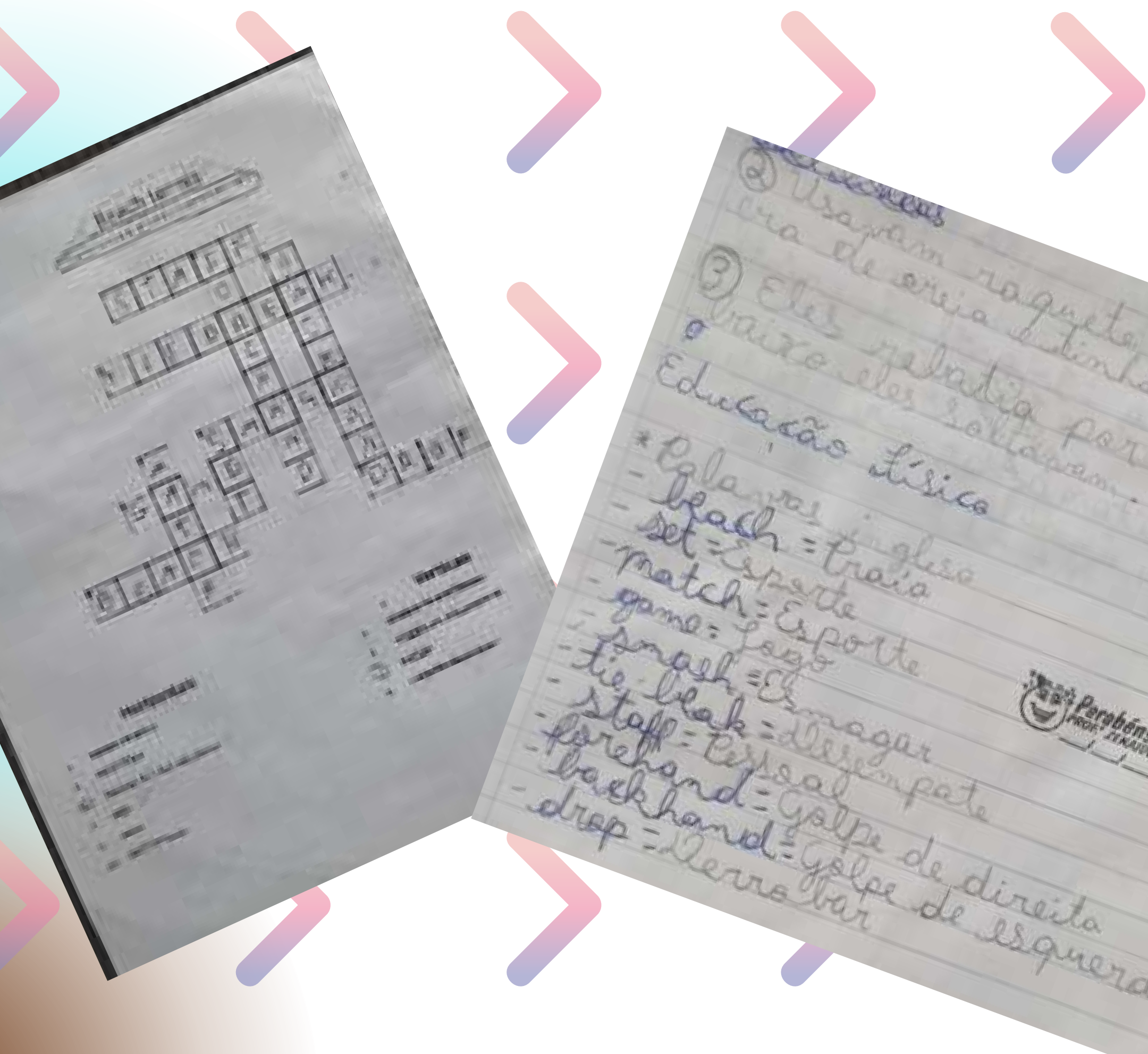
BT pode ser jogado por meninos e meninas juntos? Existe outros materiais além da raquete e bolinha? Quais golpes você conseguiu executar durante a prática? Como poderiam evitar que o adversário marcasse pontos? Qual lugar da quadra você permaneceu mais vezes? Como podemos marcar pontos de uma forma mais eficiente? Onde você direcionou mais vezes sua rebatida? Como foi a posição corporal e movimentação que melhor favoreceu seu jogo?

É importante que seja destacado que a prática do BT pode ser realizada em locais, pessoas e materiais distintos.

Sala de aula invertida – Professor solicite ao professor “referência” (professor da sala ou polivalente) uma proposta aos alunos de pesquisa interdisciplinar relacionada aos termos em inglês presentes no Beach Tennis anotados no caderno:

Palavras - *beach; set; match; game; smash; tie-break, staff, forehand, backhand, drop*

Esse momento pode surgir algum questionamento dos termos serem ingleses sendo que o esporte nasceu na Itália. Isso provavelmente deve-se ao fato dessas terminologias derivarem do Tennis de Campo (modalidade inglesa). No entanto, a língua estrangeira deve ser esclarecida como língua adicional pois prioriza-se o acréscimo dessas línguas a outras que o educando já tenha em seu repertório, desautorizando o discurso do mito do falante nativo (aproximação máxima, estrutural e ideologicamente, das práticas dos grandes centros que têm o inglês como língua materna). Variação: Elaboração do jogo de palavra-cruzada com os termos apresentados.





AULA 6: TEMA – BEACH TENNIS SENTADO

Objetivo: Respeitar diferenças individuais e democratizar a prática desportiva intervindo criticamente.

Roda inicial: Solicitar aos alunos o resultado de suas pesquisas. Peça que mencionem alguma das palavras. Veja também se por acaso surgiu outras palavras. Faça uma breve explicação das palavras.

Neste momento o professor apresenta como é o sistema de arbitragem e pontuação no BT. Game: 4 pontos (15/30/40/game); Set: 6 games e Partida (match): Vence quem ganhar 2 sets (em caso de empate tie-break com 10 pontos). A arbitragem fica comissionada ao arbitro geral e auxiliares (cadeira e anotador).

Desenvolvimento da aula:

Professor, esta atividade será em rodízio de funções (jogadores e staff). Duas equipes começam a partida como “jogadores”, a(s) outra(s) equipe(s) como “staff”, ou seja, arbitragem e auxiliares, assim como suporte quanto a material e parte operacional do jogo.

1 – Beach Tennis sentado - Alunos são organizados nas suas equipes de jogadores e “staff” dispostos numa miniquadra (tamanho de meia quadra de vôlei) com a rede na altura aproximada de 1 metro e meio (quantidade e tamanho da quadra podem variar conforme a condição da turma). Cada aluno com uma raquete. O jogador pode deslocar sentado, mas no momento da rebatida os glúteos devem estar encostados no chão.

Inicia-se o jogo com duas equipes. O jogador sentado faz o saque com a raquete onde a bolinha tem que passar por cima da rede. Neste jogo utiliza a pontuação convencional do Beach Tennis com *games, sets e match*. Ao final de cada game troca-se a equipe sacadora (serviço). Para a atividade ficar mais dinâmica, joga-se um set somente por partida (*match*).

Esta atividade contará com o reconhecimento de alguns movimentos e técnicas (*ex. backhand e forehand*) incorporadas ao longo da sequência didática, porém se faz necessário, refletir e buscar soluções mediante a condição do jogo sentado. A participação do “staff” é muito importante para dar dinâmica ao jogo como por exemplo repor a bolinha e reforçar a pontuação e regras durante o jogo.





2 – Neste momento, o professor pede aos alunos sugestões e apontamentos sobre o sistema de pontuação e forma de arbitragem. Após isso, busca a vivência do jogo com as adaptações sugeridas pelos alunos.

Roda final:

Na quadra, sentados em roda questione sobre o que eles acharam do desempenho individual de cada um em relação ao jogo em pé, por quê? Como foi o desempenho da equipe? O fato de estar sentado favoreceu o melhor desempenho? E o fato de estar em equipe? O que acharam da participam colaborativa durante o jogo? Houve respeito durante as partidas? Por que esse jogo pode ser uma prática inclusiva? Professor, oriente para que percebam a importância de seu desempenho individual assim como o coletivo, porém destaque o respeito e atitudes positivas dos alunos diante das tentativas de se alcançar o objetivo do jogo. O jogo em posição sentada reforça a aproximação dessas habilidades uma vez que é algo muito novo para todos “rebater com raquete sentado”.

Professor, peça para os alunos elaborarem um desenho representando o jogo de Beach Tennis capaz de incluir a todos. Oriente para que demarquem nesta produção as pessoas envolvidas e o espaço utilizado.



AULA 7: TEMA – SUPERA!

Objetivo: Sistematizar e manifestar a compreensão do conhecimento sobre o Beach Tennis durante as aulas.

Roda inicial: Professor, retome alguns apontamentos dos alunos em relação a pontuação oficial do BT. Deixe claro, embora houve algumas adaptações, a importância de estabelecer as regras para o melhor andamento do jogo. O esporte instituído como o BT já tem suas regras estabelecidas. Quando se pratica um esporte acaba-se praticando sua história, aquilo que a humanidade inventou e reinventou durante anos. No entanto, o esporte não se algaema numa classe social nem em sua rigidez. Todos os alunos têm direito de praticar esse esporte seja ele em seu formato convencional ou transformado (superado).

Desenvolvimento da aula:

1 – Esta atividade será o momento de avaliar o conhecimento elaborado enquanto conteúdo com sua reconstrução na escola. A partir das transformações sugeridas ao Beach Tennis também na última aula, os alunos chegam a um produto, um jogo de Beach Tennis reconstruído por eles. Professor, deixe claro alguns pré-requisitos ao novo jogo: Uso de raquetes, bolinhas e rede.

Professor, na quadra forma-se inicialmente 4 grupos da turma para elaboração do novo jogo. Cada grupo tenha em mãos uma folha e lápis para registros. Indique-lhes o roteiro da atividade como segue:

- 1- Nome do jogo
- 2- Espaço de jogo
- 3- Material
- 4- Regras (Pontuação, Golpes, Saque)



Cada 10 minutos será reduzido pela metade a quantidade de grupos, possibilitando diversos olhares em relação ao jogo, até o momento de ter somente um grupo unificado da turma/sala. Realize a prática desse jogo criado pelos alunos.

Variação – Pode-se propor uma votação, em razão de um tempo hábil maior, para escolher um jogo entre aqueles criados pelos grupos.

Roda final:

Professor, converse com os alunos sobre o que eles acharam do jogo criado. As regras ficaram claras para todos? Como foram as ações de ataque e defesa? Mencione alguns golpes e formas de se jogar durante a partida. Cite também estratégias bem-sucedidas. Quais as vantagens e desvantagens de se criar um jogo em comparação com um outro já existente? Este é um tipo de jogo que pode ser praticado inclusive em locais privados (pagos)? O que torna um jogo prazeroso?

Produção textual coletiva – Como atividade avaliativa, a proposta é que se elabore um texto onde aborde as diferentes dimensões trabalhadas durante a sequência didática. Nesse trabalho será utilizado a lousa em conjunto com o professor regular da turma. Para elaboração deste texto os alunos podem dispor dos seguintes referenciais:

Conceitual – Surgimento, quem praticava, nome dos golpes, pontuação, classificação do BT.

Procedimental – Acesso ao BT, durante a prática pontos positivos e negativos, ações durante as atividades a serem melhoradas,

Atitudinal – Qual sentido individual e coletivo trazem as adaptações feitas, duplas mistas, autonomia e o respeito durante o jogo.





JOGO CRIADO PELOS ALUNOS

Perspectiva crítica no ensino do Beach Tennis na escola
AULA 7 - Superat - ROTEIRO DE ATIVIDADE

1- Nome do jogo	Beate toque
2- Espaço de jogo	Quadra de volei
3- Material	1 roquete para cada jogador, 1 bolinha e uma rede
4- Regras (Pontuação, Golpes, Saques)	Em cada time terá 4 jogadores, as 8 pessoas terão uma roquete, não tem uma pontuação certa, a pessoa que ficar atrás não é jogador, o objetivo é jogar a bolinha no chão do time adversário e ficar com mais jogadores até o final do tempo, será eliminado o time que não conseguir jogar a bolinha dentro do tempo dos jogadores de fora do jogo





PRÁTICA SOCIAL FINAL

AULA 8: MURAL DO BEACH TENNIS DA ESCOLA

Objetivo: Discutir coletivamente estratégias que podem ser utilizadas na prática do novo conhecimento ao assumir o compromisso com a transformação da prática social.

Roda inicial: Ainda na expectativa de ter alunos como integrantes do processo de ensino e aprendizagem, chegou a hora de, em posse do conhecimento elaborado, apresentem mudança na maneira que se enxergam em relação ao BT. Professor, pergunte sobre as intenções dos alunos após as aulas realizadas. Falta algo para praticar este jogo ou você já o vê como pronto para prática em diversos locais? O que acham de vivenciar o Beach Tennis no formato oficial?

Desenvolvimento da aula:

1- Beach Tennis na pele – A aula de hoje é um grande evento e não deixa de ser nosso ponto de chegada deste percurso. Os alunos irão apresentar ações reais do que aprendeu através de sua aplicação prática com formato, material e espaço até então não alcançado: uma quadra de areia de Beach tennis com acesso público. Nesta aula conta-se também com a participação de um profissional do BT atuante em espaços particulares como clubes, academia e condomínios da cidade, falando sobre sua experiência no ensino do BT: técnicas e táticas de jogo, público, materiais, regras etc. Estabelece um momento para observações e apontamentos dos alunos, assim como a experimentação do BT apoiado na metodologia e aplicações do profissional do BT.





2 – Nessa segunda parte, chegou a vez dos alunos apresentarem o jogo recriado para o profissional do BT com a devida estrutura sugerida na aula anterior: nome, espaço, material, regras. São escolhidos 5 alunos para dirigem as explicações do jogo. Estabelece também um momento para observações e apontamentos do profissional assim como a experimentação de todos.



Roda final: Esta roda final é bastante importante pois é o desfecho deste trabalho. Professor, pergunte ao profissional do BT quais as diferenças e semelhanças que ele destaca dos jogos vivenciados. Qual a sugestão dele para esse jogo recriado? Aos alunos, sugere-se perguntar como foi participar de uma partida com espaço, materiais e regras oficiais? Qual a sensação em poder experimentar um esporte muito praticado no Brasil, porém vinculado aos mais ricos? Sobre aquilo que você enxerga neste cenário e já observou nas aulas, você tem condições de praticar o Beach Tennis?

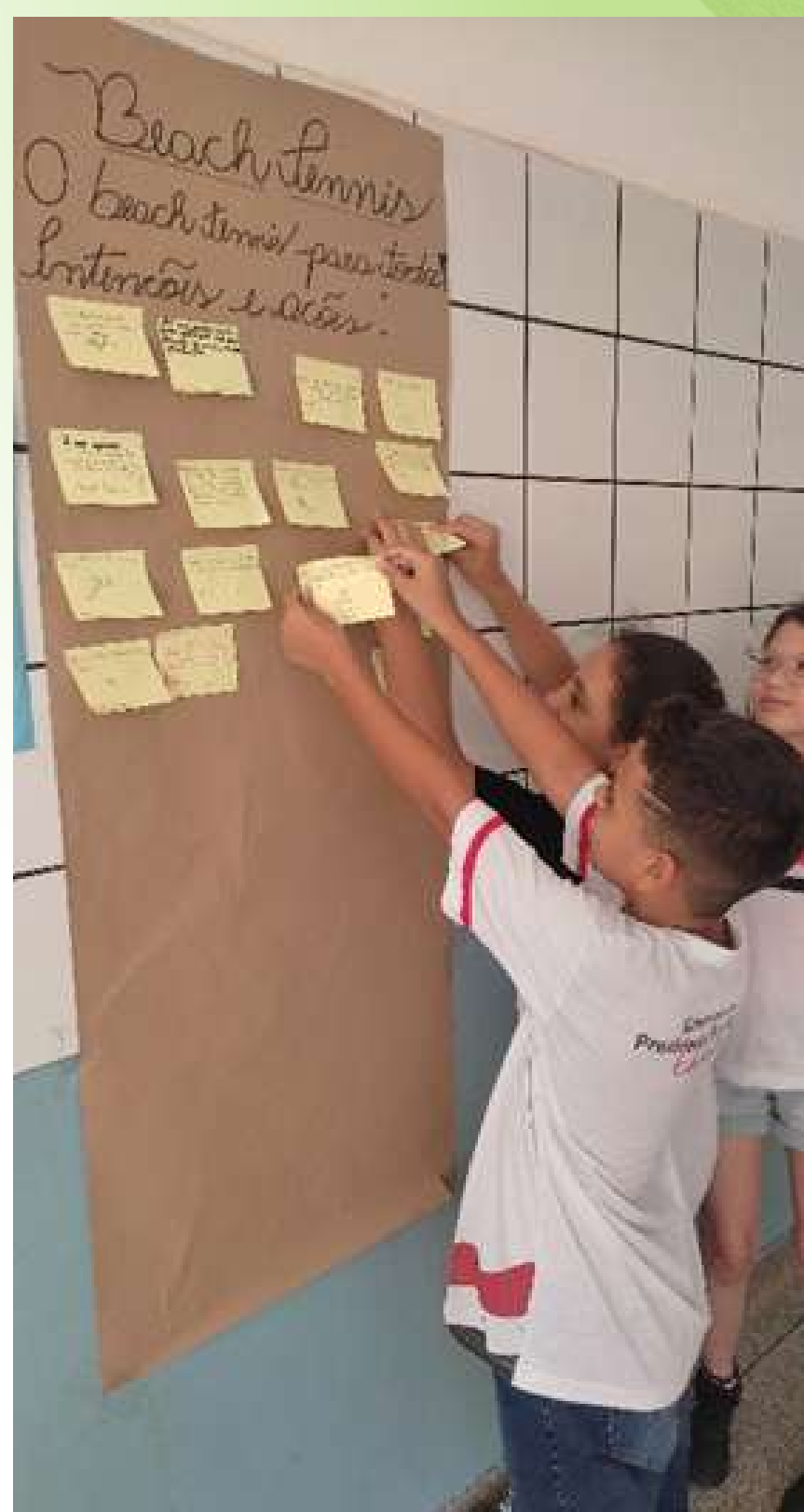


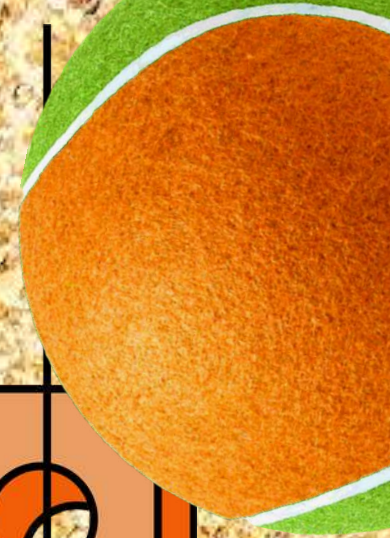


Diante da história e do que temos visto relacionado a prática do BT, assim como o BT recriado na escola, quais intenções/ações poderiam ser elencadas para tornar isso uma realidade nos espaços públicos?

A resposta desta pergunta será utilizada para construção de um mural na escola. Os alunos e o profissional do BT devem responder usando um “post it”. Para enriquecer ainda mais este mural propõe-se colocar alguns registros fotográficos onde eles mesmos passaram a se apropriar desses espaços praticando o Beach tennis.

O momento de prática social final é estabelecido na própria vivência culminante do BT em território escolar e em outros espaços (entorno, comunidade, praças etc.). O jogo praticado fincado nas raízes da elite aristocrata agora é vivenciado no chão da escola com alunos de diferentes classes sociais da maneira regulada por regras e normatizações oficiais, mas também possibilitada, adaptada e repensada pelos próprios alunos.





REFERÊNCIAS



BARROSO, A. L. R. Inquietações no tratamento do esporte na Educação Física escolar. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, 2020. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/turmal/d1/0008-unesp-iep3-livrodesafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021-v2.pdf#page=83> . Acesso em: 31 jul. 2023.

BARROSO, A. L. R.; DARIDO, Suraya C. Escola, educação física e esporte: possibilidades pedagógicas. Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, v. 1, n. 4, p. 101-114, dez. 2006.

BETTI, M. Educação Física e sociedade. São Paulo: Movimento, 1991.

BRACHT, V. Esporte na escola e Esporte de rendimento. Movimento – Ano VI, número 12, jan/2000.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso 11 set. 2022.

_____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

CANDAU, A.F.B., MOREIRA, V.M. Currículo, Conhecimento e Cultura. Indagações sobre o currículo. Ministério da Educação. Brasília, 2007.

CASTELLANI, Lino. Educação física no Brasil: A história que não se conta. Campinas, SP: Papirus, 1988

DARIDO, S. Educação física na escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara, 2003.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FREIRE, P. Conscientização. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979

_____. Pedagogia do Oprimido. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GASPARIN, J. L. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. 5.ed.rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

GINCIENE, G; IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. Possibilidades pedagógicas para o ensino do tênis na escola. Campinas: SP, v. 15, n. 4, p. 505-521, out./dez. 2017. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8649663> . Acesso em: 30 nov. 2022.

GHIRALDELLI JUNIOR P. Educação Física progressista. A pedagogia crítico social dos conteúdos e a Educação Física brasileira. São Paulo: Loyola. 1991.

GONZÁLEZ, F.; FENSTERSEIFER, P. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF Escolar II. Cadernos de Formação RBCE, p. 10-21, mar. 2010.



IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. Educação Física como componente curricular da Educação Básica: aspectos legais. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, 2020. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/turmall/d1/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacaoofisica-escolar-proef-15032021-v2.pdf#page=83> . Acesso em: 31 jul. 2023.

LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985

MALANCHEN, J. ZANK, D. C. T. O currículo escolar e os fundamentos teóricos da pedagogia histórico-crítica no Brasil, Journal: Paulo Freire. Revista de Pedagogia Crítica: 2020.

MOREIRA, J. F. A introdução e o desenvolvimento do Beach Tennis na cidade de Araraquara. Ribeirão Preto, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59140/tde-08082017-141618/publico/JADERFABRISMOREIRA.pdf> Acesso em: 20 set 2022.

MOURA, Manoel O. A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural. Brasília: LiberLivro, 2010.

NASCIMENTO, Carolina Pichetti.; ARAUJO, Elaine S. Contribuições do ensino da Educação Física para o trabalho com o conhecimento teórico na escola. Ensino em Revista Uberlândia, MG: 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/50980/27095> Acesso em 4 mar 2023.

NASCIMENTO, Carolina Picchetti. A atividade pedagógica da Educação Física, a proposição dos objetos de ensino e o desenvolvimento das atividades da cultura corporal. 2014. 293 f. Tese (Doutorado em Educação) –Programa de PósGraduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, Amauri B.; MOREIRA, Evando C.; SILVA, Elaine C. Objetivos e conteúdos para o ensino e aprendizagem da Educação Física na escola. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, 2020. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/turmall/d3/Objetivos%20e%20conte%20c3%bados%20para%20o%20ensino%20da%20Educa%20c3%a7%20F%20adsica%20Escolar.pdf> Acesso em: 06 set 2022106

SANTINI, J.; MINGOZZI, A. Beach tennis: um esporte em ascensão. Porto Alegre: Gênese, 2017.

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia. 32. ed., Campinas, SP: Autores Associados, 1999, 105p.

_____. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2013.

SOARES et al. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

WIGGERS, V. O desenvolvimento humano: contribuições da teoria históricocultural. In: CHRAIM, Amanda M; PEDRALLI, Rosangela; DIAS, Sabatha C. (Org). O desenvolvimento da consciência na formação de professores: enfoque no trabalho escolar com língua. Rio Grande, RS: Ed. FURG,





Beach Tennis